

PUCRS

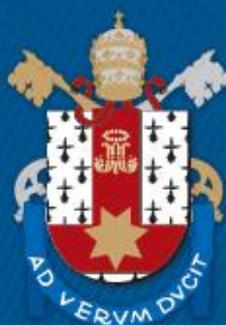
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

JONAS CRESTANI DE LIMA

**“NÓS NÃO SOMOS NADA NESTA VIDA”**: IDENTIDADE E ATIVIDADE INTELLECTUAL NA  
OBRA DE LIMA BARRETO

Porto Alegre  
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JONAS CRESTANI DE LIMA

**“NÓS NÃO SOMOS NADA NESTA VIDA”: IDENTIDADE E ATIVIDADE  
INTELECTUAL NA OBRA DE LIMA BARRETO**

Porto Alegre

2019

JONAS CRESTANI DE LIMA

**“NÓS NÃO SOMOS NADA NESTA VIDA”: IDENTIDADE E ATIVIDADE  
INTELECTUAL NA OBRA DE LIMA BARRETO**

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-graduação em História da Escola de  
Humanidades da Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Luciana Murari

Porto Alegre

2019

JONAS CRESTANI DE LIMA

**“NÓS NÃO SOMOS NADA NESTA VIDA”: IDENTIDADE E ATIVIDADE  
INTELECTUAL NA OBRA DE LIMA BARRETO**

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-graduação em História da Escola de  
Humanidades da Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Luciana Murari – PUCRS

---

Prof. Dr. Charles Monteiro - PUCRS

---

Prof. Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino - UFRGS

Porto Alegre  
2019

## Ficha Catalográfica

L732n Lima, Jonas Crestani de

"Nós não somos nada nesta vida" : Identidade e atividade intelectual na obra de Lima Barreto / Jonas Crestani de Lima .  
– 2019.

106 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Murari.

1. Identidade. 2. Atividade intelectual. 3. Circulação de ideias. 4. Lima Barreto. I. Murari, Luciana. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

## **Agradecimentos**

Primeiramente gostaria de agradecer a professora Luciana Murari por sua paciente orientação, conselhos e correções ao longo da realização deste trabalho. Mas agradeço principalmente por sua generosidade e compreensão sem as quais a confecção deste trabalho não seria possível.

Aos meus alunos, vocês conferem alegria aos meus dias, colore os momentos mais nublados da minha vida e dão sentido a tudo que faço.

Agradeço aos meus amigos pelo apoio incondicional, em especial a Mariáh Oyarzabal por ter me presenteado com alguns dos livros que compõem o corpus documental deste trabalho. A Demetrius Ávila, por uma amizade e companheirismo que se formou desde os primeiros instantes que nos conhecemos no processo de seleção e que transcende o ambiente acadêmico. A Maurício dos Santos Gomes, incentivador, tradutor, revisor e psicólogo durante todo este processo. Agradeço especialmente por esta amizade surgida quando mal sabíamos proferir as primeiras palavras e que persisti agora que fizemos da interpretação das palavras a atividade que dá sentido as nossas vidas.

Agradeço aos meus familiares, em especial a minha tia Lourdes Crestani, segunda mãe que sempre estende os braços para nos ajudar nos momentos de maiores dificuldades. Obrigado por todo o zelo, carinho e dedicação. Aos meus irmãos, minha cunhada e meus sobrinhos, agradeço pelo apoio e pela paciência que tiveram ao aguentarem meu estado de humor intragável nos últimos anos.

Aos meus pais que sempre acreditaram no poder redentor da educação e que realizaram inúmeros sacrifícios para que eu recebesse está herança. Ao meu pai, apaixonado pela História e pela Literatura, que viu a barreira da cor lhe fechar as portas e impedir-lhe de realizar este sonho, agradeço por me ensinar a amar os livros desde minha infância. Que o *espelho* nunca se quebre. A minha mãe, exemplo de resiliência, é impossível exprimir em palavras a minha gratidão, sem a senhora nada disto teria acontecido.

## Resumo

O presente trabalho visa analisar a formação identitária de Lima Barreto, observando a construção de seu discurso enquanto intelectual negro nos mais variados textos como romances, contos, crônicas, cartas e seu diário íntimo. A proposta é identificar como, à medida que certos acontecimentos iam se desenrolando na trajetória de Lima Barreto, sua percepção do mundo e seu discurso também ia se alterando, fator este que acabou se refletindo principalmente em seus textos ficcionais.

A pesquisa realiza também um exame de sua relação com a literatura, sua visão enquanto amanuense da Secretaria da Guerra sobre o funcionalismo público, a forma como interagiu com seus familiares e outras questões de ordem íntima. Assim como busca arrolar as principais características da obra de Lima Barreto, os temas mais frequentes e os principais intelectuais com quem o escritor de Todos-os-Santos dialogou, debateu, trocou ideias ou acabou por desenvolver verdadeira repulsa.

Por fim, este trabalho objetiva também investigar como Lima Barreto compreendia as ideias mais populares nos grandes círculos intelectuais nacionais e estrangeiros, como o nacionalismo, a antropologia criminal, a frenologia e outras ciências afins, o anarquismo e como estas ideias afetavam a realidade do Brasil durante a Primeira República (1889 – 1930), na visão do escritor. Observando de que maneira Lima Barreto buscou inserir-se neste debate e qual postura adotou frente a estas temáticas.

**Palavras-chaves:** Identidade, atividade intelectual, circulação de ideias, Lima Barreto.

## **Resume**

The present study aims to analyze the Lima Barreto's formation of identity, observing the construction of his discourse as a black intellectual in the most varied genres such as novels, short stories, chronicles, letters and his diary. The idea is to identify how as certain events unfolded in Lima Barreto's path, his perception of the world and his discourse also changed, an aspect that was mainly reflected in his fictional works.

The research also conducts an examination of his relationship with the literary field, his view as a public servant, the way he interacted with family members and other intimate issues. As well as seeking to list the main characteristics of Lima Barreto's work, the most frequent themes and the main intellectuals with whom the writer of "Todos-os-Santos" dialogued, debated, exchanged ideas or eventually developed a very big repulsion.

Finally, this study also pursuit to investigate how Lima Barreto understood the most popular ideas in major national and foreign intellectual circles, such as nationalism, criminal anthropology, phrenology and other related sciences, anarchism and how these ideas affected the reality of Brazil during the First Republic (1889 - 1930), in the writer's view. Observing how Lima Barreto sought to fit into this debate and what attitude he adopted towards these themes.

**Key words:** Identity, intellectual activity, idea circulation, Lima Barreto.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>08</b>
<b>2. O destino da Literatura.....</b>	<b>21</b>
<b>3. O flanco sempre aberto.....</b>	<b>45</b>
<b>4. Navegar pelo Atlântico negro através da <i>Limana</i>.....</b>	<b>71</b>
<b>5. Conclusões.....</b>	<b>94</b>
<b>Referências.....</b>	<b>98</b>

## Introdução

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil passou por um processo de inserção compulsória na modernidade, seguindo os moldes que vinham da Europa. Este processo, que agregava os anseios da burguesia nacional, acabou por trazer à tona o descompasso entre o discurso de igualdade jurídica e cidadania propagado na República e a prática excludente e autoritária representada, principalmente, nas reformas da cidade do Rio de Janeiro.

O fim da escravidão, em 1888, trazia em seu cerne promessas de igualdade social e liberdade após séculos de trabalho compulsório no Brasil. Com o triunfo do projeto republicano no ano seguinte (1889), anunciava-se o início de uma política liberal e a utopia do livre-arbítrio para os ex-escravizados. Entretanto, o que se pode observar é que o racismo, a discriminação e o preconceito racial se difundiram por toda a sociedade brasileira no final do século XIX, e início do século XX. A liberdade formal conquistada em 1888, e referendada na Constituição de 1891, não garantiu aos afro-brasileiros o acesso à cidadania, nem à fuga aos estereótipos que os mantinham presos ao período anterior (SANTOS, 2011, p. 18).

Neste cenário onde se modificavam as relações sociais e de poder, muitos intelectuais buscaram construir uma identidade para a nação brasileira. Entretanto, um dilema polêmico apresentava-se para os cientistas e intelectuais nacionais. As teorias racialistas, que chegaram ao Brasil no final do século XIX, foram muito bem aceitas, uma vez que ofereciam o suporte para uma naturalização das diferenças. Ou seja, a ciência servia como explicação, irrefutável, para se justificar hierarquias sociais arraigadas em função de determinações biológicas e naturais. Porém, aceitar estes pressupostos teóricos implicava em reconhecer que sendo o Brasil uma nação mestiça, ela estava fadada ao fracasso. Isto se devia ao fato de a miscigenação ser tratada nestas teorias como um erro, conduzindo o indivíduo e toda a coletividade a degeneração (SCHWARCZ, 1995, p. 105). Sendo assim, o negro e o mulato consistiam num entrave para a construção da identidade nacional brasileira.

Observador atento da realidade que o circundava, Lima Barreto buscou através de sua escrita denunciar os alicerces conservadores desta nova sociedade que estava se formando na Primeira República (1889-1930). Para o escritor, a literatura era o meio de desempenhar este papel social. Função que consistia em desmascarar os opressores do povo através do desvendamento que somente a arte poderia proporcionar.

Logo, o objetivo deste trabalho é analisar a forma como Lima Barreto compreendia esta conjuntura de transformações políticas, econômicas e sociais que ocorriam no Brasil e de

modo mais intenso em sua capital federal, o Rio de Janeiro. A pesquisa visa também examinar de que maneira o escritor buscou inserir-se nos grandes debates intelectuais, nacionais e internacionais de seu tempo e como Lima Barreto se posicionou frente as ideias que circulavam em seu meio. Por fim, é pretensão deste trabalho identificar os múltiplos elementos que compõem a identidade de Lima Barreto e observar como estes alteraram-se ao longo de sua trajetória, enfatizando o seu grande sonho de tornar-se um escritor reconhecido, e como a frustração de suas expectativas, e o ressentimento decorrente disto, foram determinantes para a forma como o literato compreendia o mundo.

O método utilizado para se cumprir tais objetivos foi o exame qualitativo dos diversos textos de Lima Barreto, tais como suas cartas, seu diário íntimo, crônicas diversas, alguns contos e os romances “Recordações do escrivão Isáias Caminha”, “Triste fim de Policarpo Quaresma”, “Numa e Ninfa” e “Clara dos Anjos”. A metodologia de análise pautou-se nos conceitos de Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira. Em “A história contada: capítulos da história social da literatura do Brasil” (1998), os autores defendem que o historiador precisa romper com a transcendência e a atemporalidade das obras literárias. Sua postura crítica deve atentar para as condições históricas de produção, circulação e recepção dos livros. Para Chalhoub e Pereira, é preciso valorizar o contexto de produção da obra, assim como os projetos defendidos por seu escritor, colocando este como sujeito inserido dentro de uma lógica dos processos históricos.

A proposta é historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance -, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo (CHALHOUB e PEREIRA, 1998, p. 7).

Entretanto, para se utilizar este tipo de fonte faz-se necessário determinar o papel ocupado pela ficção. Segundo Wolfgang Iser (2002), a oposição entre ficção e realidade é lugar-comum amplamente difundido na sociologia do conhecimento, sendo os textos literários considerados de natureza ficcional e por isto isentos de realidade. Para Iser, no entanto, este saber tácito que determina esta oposição é passível de questionamentos, uma vez que os textos ficcionais não são de todo desprovidos de realidade. O autor propõe que este tema, comumente tratado como um desacordo entre duas partes opostas, seja entendido na realidade como uma relação trina entre o real, o ficcional e o imaginário (ISER, 2002, p. 957).

Esta relação tríplice dá origem ao que Iser denomina “atos de fingir”, pois, os textos

ficcionalis estão permeados de realidades sociais, de sentimentos e emoções que não se repetem nos textos como consequentes de si mesmos. Logo, a realidade que é repetida no texto é diferente da realidade que é vivenciada. Assim “o ato de fingir ganha a sua marca própria, que é a de provocar a repetição no texto da realidade vivencial, por esta repetição atribuindo uma configuração ao imaginário, pelo qual a realidade repetida se transforma em signo e o imaginário em efeito do que é assim referido” (ISER, 2002, p. 958).

Os limites entre a narrativa ficcional e os textos que tratam da realidade têm sido tema de intenso debate historiográfico, gerando uma relação tortuosa de conciliação e afastamento ao longo do tempo entre a história e a literatura. Segundo Roger Chartier (2000), esta relação deve ser entendida dentro de uma aproximação histórica dos textos. Ou seja, identificar histórica e morfologicamente as diferentes maneiras em que foram escritos e transmitidos os discursos, e assim, reconhecer a diversidade de atores e operações implicados na produção e publicação de qualquer texto. Observe-se, também, que o sentido dos textos é o resultado de uma negociação entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, assim como, os materiais e matrizes da criação estética e as condições para sua compreensão (CHARTIER, 2000, p. 197).

Recentemente, nos debates historiográficos a crítica pós-moderna tem questionado a cientificidade da história, insistindo em seu caráter subjetivo, o que a equipararia as narrativas ficcionais. Logo, as narrativas históricas não falariam da realidade, mas sim de quem as construiu. Carlo Ginzburg (2007) propõe que para combater o ceticismo pós-moderno de eliminar os limites entre ficção e história é preciso considerar a relação entre uma e outra como uma disputa pela representação da realidade. Porém, ao invés de uma guerra de trincheiras, o historiador levanta a hipótese de um conflito de desafios, empréstimos recíprocos e hibridismos (GINZBURG, 2007, p. 9).

Neste sentido, a literatura e a ficção não devem ser entendidas como o inverso do real, mas uma outra maneira de compreensão da realidade, onde os limites da criação e da fantasia são mais vastos do que aqueles permitidos ao historiador (PESAVENTO, 1995, p.117). Por conseguinte, história e literatura são discursos distintos que buscam representar as experiências do homem ao longo do tempo, sendo “formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. Ambas são formas de representar inquietações e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história, e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor.” (PESAVENTO, 2003, p. 81).

Embora a produção literária de Lima Barreto tenha caído num relativo esquecimento após a sua morte, recentemente a vida e obra do escritor tem despertado um crescente

interesse por parte da crítica literária e por cientistas das diversas humanidades. Este processo teve início na segunda metade do século XX, quando o nome de Lima Barreto foi resgatado do esquecimento nos círculos literários dos anos 1950, por intermédio de Francisco de Assis Barbosa, que publicou a biografia “A vida de Lima Barreto” (1952). Seu livro divide-se em seis partes (Infância, Adolescência, Mocidade, Intermezzo, Maturidade e Declínio), que narram a trajetória de Lima Barreto de forma objetiva a partir de entrevistas e variadas fontes documentais que sempre são devidamente referenciadas pelo autor. No entanto, o esforço de Assis Barbosa não se limitou a esta biografia, e com o auxílio de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença montaram uma equipe com grandes nomes da intelectualidade brasileira para prefaciarem novas edições dos livros de Lima Barreto. O objetivo era que estes intelectuais dessem visibilidade a Lima Barreto e o consolidassem na cena literária nacional. Além dos três organizadores já mencionados, atuaram como prefaciadores o historiador Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Agripino Grieco, a crítica literária Lúcia Miguel Pereira, Eugênio Gomes, Tristão de Ataíde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), João Ribeiro, Oscar Pimentel, Olívio Monteiro, Astrogildo Pereira, Jackson Figueiredo, o historiador, crítico e embaixador Oliveira Lima e o grande amigo de Lima Barreto, Antônio Noronha dos Santos.

As sete edições de “A vida de Lima Barreto” publicadas enquanto Francisco de Assis Barbosa ainda era vivo revelam a dedicação tocante do biógrafo à memória e à obra de Lima Barreto, uma vez que fazia questão de dedicar um espaço em cada novo livro para narrar as “conquistas” da produção literária do escritor carioca. Todo ensaio, artigo científico ou livro que era lançado no Brasil abordando a obra de Lima Barreto era celebrado por Assis Barbosa. O biógrafo fazia questão de exaltar o crescimento do interesse pela obra de Barreto em outros países, comentando traduções feitas na Rússia, Alemanha, Estados Unidos e até na antiga Tchecoslováquia, mas também destacava trabalhos acadêmicos defendidos nas Universidades de Roma, Wisconsin e Los Angeles (UCLA). Afirmava, ainda, ter ciência de que existiam “outras teses no Brasil e no exterior, já concluídas ou em elaboração que não chegaram ao meu conhecimento. Solicito aos autores a gentileza de remeter-me um exemplar, para que figurem na bibliografia de Lima Barreto.” (BARBOSA, 2002, p. 22).

Após o hercúleo esforço de Francisco de Assis Barbosa, que resultou no crescimento do interesse pela vida e obra de Lima Barreto, certas imagens sobre o escritor passaram a se consolidar na crítica literária, e a principal delas é a personificação do escritor maldito. Neste sentido, a obra de Hércio Pereira da Silva, “Lima Barreto: escritor maldito” (1976), desempenhou papel fundamental. Sétimo livro do projeto *Galeria de Retratos Psíquicos*, que

teve início com Machado de Assis, em 1950, e contou com análises de outros escritores como Balzac, Graciliano Ramos, Montaigne, Scott Fitzgerald, entre outros. O objetivo de seu autor era realizar uma biografia que analisasse os aspectos mais íntimos e psicológicos da personalidade de Lima Barreto. Sendo assim, Hércio Pereira apresenta uma obra com uma visão carregada nos dramas emocionais, e onde a tragédia é a chave explicativa para se compreender Lima Barreto, uma vez que afetou decisivamente sua obra, como é possível perceber logo nas primeiras linhas do livro quando o autor afirma que “poucas vezes, entre nós, a existência de um escritor foi tão repassada de desespero, frustrações e angústias que, afinal, fariam a formação de uma das expressões mais altas do romance nacional” (SILVA, 1976, p.31).

A forma agressiva e irônica como Lima Barreto abordava tudo que se relacionava às elites políticas, econômicas e intelectuais de seu tempo fez com que a crítica lhe atribuísse também a marca de escritor rebelde ou subversivo. No entanto, esta rebeldia possuía certas restrições muito particulares.

Em seu breve livro “Lima Barreto: o elogio da subversão” (1983), integrante de uma coleção da editora Brasiliense que visava popularizar escritores diversos, o filósofo Régis de Moraes constrói um testemunho que confessa todo seu encantamento pela obra de Lima Barreto. O autor pauta sua análise na junção entre algumas generalidades da biografia de seu homenageado e suas impressões de leitor apaixonado confesso para construir a ideia de um Lima Barreto subversivo. Contudo, a revolta do literato, conforme Moraes, possuía certos limites, já que sua militância e atuação política se dava, apenas no âmbito literário. Ou seja, Lima Barreto nunca teve filiação partidária ou integrou algum tipo de associação civil, pois esteve sempre determinado a manter sua independência ideológica. Logo, sua subversão estava circunscrita a apenas um canal de expressão, sua escrita.

Para além da obra de Régis de Moraes, a década de 1980 tornou-se um período verdadeiramente frutífero em termos de produção sobre Lima Barreto, não apenas em termos numéricos, mas com a publicação de obras que viriam a se tornar referências sobre o escritor carioca.

Com a publicação de “Um mulato no reino de Jambom” (1981), Maria Zilda Ferreira Cury parece ter lançado uma lógica de entendimento sobre Lima Barreto que é utilizada como chave explicativa até hoje, o viés da contradição ou da ambiguidade. A autora aborda nesta obra especificamente algumas contradições na produção literária de Lima Barreto. Para Cury, o escritor carioca oscila entre a cultura popular e uma visão de mundo das classes médias urbanas da Primeira República. Logo, estaria equilibrando-se entre o esforço pela mudança e

a permanência de velhas estruturas. Está oscilação ocorreria porque Lima Barreto tentava alinhar-se com uma classe à qual não pertencia. Por vezes, posicionava-se como uma pessoa popular, porém buscava se marcar como uma pessoa de cultura elevada em relação à ignorância popular. Os personagens de Lima Barreto seriam uma representação destas ambiguidades entre a mudança e o conservadorismo.

Ainda no ano de 1983 foi publicado “O Rio de Janeiro de Lima Barreto”, livro organizado pelo historiador Affonso Carlos Marques Santos, Francisco de Assis Barbosa e Paula Beiguelman. Dividida em dois volumes, a publicação é considerada pela crítica um roteiro fundamental para a leitura de Lima Barreto, posto que apresenta uma meticulosa organização dos textos de acordo com os temas abordados por seu autor, compondo, nas palavras de Denílson Botelho, um verdadeiro mosaico daquela época. Afora artigos dos organizadores, o primeiro volume dedica-se à obra ficcional de Lima Barreto, acompanhado de imagens do período que ilustram a obra. Ordenado da mesma maneira que seu antecessor, o segundo volume dedica-se à produção memorialística e jornalística de Lima Barreto.

O ensaio “Os olhos, a barca e o espelho” (1989), de autoria de Antonio Candido, trouxe para o centro de sua análise uma temática até então pouco explorada, discutir a capacidade de Lima Barreto enquanto ficcionista. No estudo de Candido saem de cena a tragédia do homem, a biografia do escritor maldito para voltar-se para aspectos técnicos como as noções estéticas e a concepção artística de Lima Barreto. O crítico ressalta, no entanto, que é impossível dissociar a literatura de Barreto de seus elementos biográficos, uma vez que o escritor costumava misturar acontecimentos reais com a ficção. É justamente esta característica da produção literária de Lima Barreto que torna seus textos, segundo Candido, cabíveis enquanto testemunhos, porém fazem com que seu autor seja pouco realizado enquanto ficcionista. Esta incapacidade para a expressão ficcional revela-se principalmente em seus romances, pois aproximavam-se demais do desabafo pessoal ou da conversa sentimental. Este problema decorria da forma como Lima Barreto entendia a própria literatura, através do engajamento, “pois ele canalizou a própria vida para a literatura, que a absorveu e tomou o seu lugar; e esta doação de si mesmo atrapalhou-o paradoxalmente a ver a literatura como arte” (CANDIDO, 1989, p. 41).

Ao publicar “Literatura como missão” (1983), o historiador Nicolau Sevcenko tornou-se, juntamente de Francisco de Assis Barbosa, Beatriz Resende e, muito recentemente, Lília Schwarcz, uma referência obrigatória para quem estuda a vida e obra de Lima Barreto. Seu objetivo era tentar compreender os efeitos das transformações sociais, políticas, culturais e até mesmo estruturais que o Brasil sofreu no início do século XX, e que foram sentidas com mais

intensidade na capital federal da época, o Rio de Janeiro, sob a ótica de Lima Barreto e Euclides da Cunha. Este processo de mudança foi chamado por Sevcenko de uma inserção compulsória do Brasil na modernidade europeia, posto que visava transformar a cidade do Rio de Janeiro em uma “Paris dos trópicos”, higienizando-a e abolindo os atrasados costumes brasileiros para se transplantar um modo de vida europeu para a capital da república. O caráter compulsório explica-se pelo fato de que este foi um projeto criado pelas elites para atenderem unicamente as suas demandas, enquanto as camadas mais baixas da população eram vítimas das mais variadas formas de violência, sendo expulsas de suas casas e do centro da cidade sem qualquer indenização, ou tendo suas variadas manifestações culturais e religiosas sendo tratadas como caso de polícia. A modernidade representou para estas pessoas novas formas de agressividade estatal e exclusão.

Tentando abarcar de uma maneira ampla e completa os elementos que compõem seu objeto de estudo, Sevcenko centra a sua análise de uma maneira geral na linguagem, obra e os fundamentos sociais da literatura de Lima Barreto. Neste trabalho, o argumento da ambiguidade ou da contraposição também se faz presente, no entanto este não se atém a questões internas de Lima Barreto, mas centra-se na oposição de ideias deste com o escritor Euclides da Cunha.

A crítica literária Beatriz Resende tem dedicado mais de vinte anos à vida e obra de Lima Barreto, entre trabalhos acadêmicos, livros e compilação de materiais até então inéditos. Exemplo disto, são os volumes organizados por ela, “Toda Crônica I e II” (2004), que contém a produção jornalística completa do literato carioca, além do recentemente lançado “Impressões de leitura e outros textos críticos” (2017) que traz um interessante recorte da organizadora de textos, crônicas e cartas onde Lima Barreto revela seu lado crítico literário e permite entrever uma série outros intelectuais, muitos deles grandes desconhecidos da literatura nacional, com quem o escritor interagiu. Entretanto, sua contribuição mais contundente talvez seja “Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos” (1993), realizado inicialmente como tese de doutorado em Letras, transformado em livro posteriormente.

Novamente, Lima Barreto é colocado na posição de intérprete de uma modernidade em formação nos primeiros anos da República. Porém, está modernidade se dá de forma fragmentária, já que uma parcela significativa da população não consegue desfrutar de suas vantagens. Neste sentido, Lima Barreto assume a função, na perspectiva de Resende, de criar representações literárias dos atores modernos que estão excluídos da cidadania, as pessoas que foram rejeitadas pela sociedade. Para realizar sua pesquisa, a autora concentrou-se nas crônicas e nos escritos íntimos de Barreto, pois os considerava textos não canônicos, naquela

época, e fundamentais para entender um autor que também não estava inserido nos cânones literários.

O argumento da ambiguidade aparece outra vez na análise de Beatriz Resende. Ela argumenta que, assim como a modernidade brasileira, a cidade do Rio de Janeiro era fragmentada entre os bairros pertencentes à aristocracia e aqueles frequentados pelas classes periféricas. Lima Barreto circulava constantemente entre estes dois mundos que estavam se formando dentro da cidade, porém a periferia do Rio de Janeiro encantava mais ao escritor por seu potencial de despertar curiosidades. O centro da cidade, no entanto, era o espaço que norteava sua produção literária. Limitar a compreensão da obra de Lima Barreto a sua identificação com o subúrbio seria, segundo a autora, empobrecer a sua obra multifacetada.

O uso da ironia enquanto ferramenta literária na obra de Lima Barreto é o tema central do livro de Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, “Lima Barreto e o fim do sonho republicano” (1995). Seu objetivo era problematizar uma tendência crítica que costumava apresentar uma visão estigmatizada do escritor, pois afirmava que suas mágoas e revoltas pessoais haviam lhe tornado um ficcionista menor. A inquietação de Carmem Lúcia surgiu das afirmações de que a ironia barretiana era agressiva, direta e mal elaborada quando comparada, e usualmente inferiorizada, em relação à obra de Machado de Assis.

Segundo Carmem Lúcia, a Proclamação da República (1889) trouxe consigo uma série de promessas de modernização do país. Os intelectuais humanistas acreditavam que teriam um papel de maior destaque nas decisões que conduziam o rumo do país, principalmente na esfera política, porém a realidade tratou de solapar as expectativas deste grupo. Neste contexto, onde se desvanecia o sonho republicano e a realidade trazia à tona a manutenção de estruturas sociais e políticas, como a discriminação racial e o clientelismo, a ironia era usada por Lima Barreto como um instrumento para cumprir aquilo que o escritor considerava a função principal da arte: o desvendamento da realidade social. Assim, a autora esclarece que a ironia não ocupa o espaço do desabafo pessoal que marca a ausência de talento, mas sim o lugar de denúncia da não realização dos sonhos de igualdade.

Alguns trabalhos sobre Lima Barreto, usando desta imagem de crítico da modernidade, têm aproximado o escritor carioca do filósofo alemão Walter Benjamin. Seguindo esta linha, o primeiro livro que se destaca é “Lima Barreto: Um pensador social na Primeira República” (2002), de Maria Cristina Teixeira Machado. Para a autora, a obra de Lima Barreto representaria, de maneira relevante, as alegorias do imaginário da modernidade brasileira. Segundo Machado, o escritor carioca teria o seu próprio *flâneur*, a exemplo do *flâneur* parisiense de Baudelaire estudado por Walter Benjamin. Este personagem, através de

suas perambulações pela cidade, apresenta imagens ricas de conteúdo histórico. Com base nesta análise é possível observar as dinâmicas e características da modernidade brasileira emergente, sendo está marcada por uma modernização dependente, excludente e autoritária.

Recentemente, outra pesquisa que se utiliza deste viés teórico é a tese de doutorado em letras de José Carlos Mariano do Carmo, “Uma leitura benjaminiana da narrativa de Lima Barreto” (2013). O autor busca identificar nos romances de Lima Barreto representações literárias das teses benjaminianas contidas em “Sobre o conceito de história”, observando principalmente conceitos como memória e recordação, explorador e explorados, progresso, entre outros.

José Carlos afirma que o intento de Lima Barreto de escrever uma história da escravidão negra no Brasil não foi um processo frustrado, mas que o escritor o realizou de forma fragmentada em seus diversos contos e romances. Para o crítico, a ficção de Lima Barreto estaria repleta deste projeto-sonho que se aproximaria das teses de Benjamin, principalmente sua visão sobre o sofrimento humano frente à opressão dos regimes ditatoriais.

Desde o início dos anos 2000, houve um intenso crescimento no interesse pela formação identitária de Lima Barreto, seja ela política, social ou étnica. Na última década, inúmeras pesquisas acadêmicas têm se voltado para esta questão em torno do escritor de Todos os Santos, reflexo também de uma sociedade que está se abrindo paulatinamente para este tipo de debate, mobilizado por vários grupos que se organizam civil e politicamente em busca do reconhecimento de suas necessidades e contribuições para a sociedade brasileira. Logo, movimentos que lutam pelos direitos e pelo reconhecimento da contribuição da população negra na formação do Brasil têm se dedicado à trajetória de Lima Barreto enquanto intelectual negro e grande combatente do racismo em sua época, articulando a memória sobre o escritor para colocá-lo entre os heróis de suas organizações.

A pesquisa desenvolvida por Denilson Botelho, que culminou em sua tese de doutorado “Letras Militantes: história, política e literatura em Lima Barreto” (2001), tinha por objetivo justamente lançar questionamentos sobre a identificação de Lima Barreto com as classes mais baixas da sociedade, principalmente a população negra, demonstrando a complexidade deste processo. No entanto, o centro de sua análise é o conteúdo político da obra de Lima Barreto, ou seja, como o escritor carioca representou sua experiência social, suas lutas, alianças e seu ideário político em sua literatura. Logo, como Lima Barreto via sua escrita como uma missão, o que Botelho busca é entender o caráter militante de sua produção literária.

Embora Botelho destaque o fato de Lima Barreto ser um dos poucos habitantes do

subúrbio nos círculos intelectuais que frequentava, o que lhe conferia uma compreensão de mundo totalmente diferente que provinha de sua convivência com os suburbanos, ele também ressalta a relação ambígua que Lima Barreto possuía com seus vizinhos. Ao mesmo tempo em que afirmava ser um homem do povo, defendia para si uma posição superior, pelo menos no que tange à vida material e financeira, em relação a estas pessoas aos quais se julgava irmanado.

Identidade é também o tema da dissertação de Raphael Frederico Acioli Moreira da Silva, “A moléstia da cor: a construção da identidade social de Lima Barreto” (2002). O seu foco, porém, concentra-se na importância da questão racial na construção da identidade, contraditória e sempre em transformação, segundo o autor, de Lima Barreto por ele mesmo. Silva propõe que se aborde a literatura de Lima Barreto sobre dois aspectos: o primeiro seria a prática social (a partir da tomada de posição nos debates intelectuais de seu tempo) e o segundo aspecto seria a construção de sua identidade individual. Para Silva, dois movimentos entrelaçavam-se na vida de Lima Barreto. A tentativa de compreensão da realidade do país, para além das aspirações europeizadas das elites, e a compreensão de sua própria identidade enquanto indivíduo. O choque destes movimentos se dava pelo fato de Lima Barreto ser um intelectual de uma civilização que negava qualquer relação com os elementos mais atrasados da sociedade. Mas na construção de sua identidade particular se reconhecia como originário destes elementos.

Na última década, a antropóloga e historiadora Lília Schwarcz tem se colocado ao lado de Francisco de Assis Barbosa e Beatriz Resende como grande difusora da obra de Lima Barreto. Sua contribuição para a popularização da vida e obra do literato carioca conta com inúmeros artigos, ensaios, a organização do volume “Contos Completos de Lima Barreto” (2010) e a biografia do escritor “Lima Barreto: triste visionário” (2017), fruto da dedicação de mais de dez anos de pesquisa.

A introdução de “Contos Completos” trazia alguns dos argumentos iniciais de Lília Schwarcz que viriam a compor posteriormente sua obra máxima. Apesar de ter sido escrito quase dez após a defesa dos trabalhos de Denilson Botelho e Raphael Silva, o conceito de ambiguidade também se tornou central para o entendimento da trajetória de Lima Barreto, na visão de Schwarcz.

Seu mundo era repleto de contradições de todo tipo: crítico do racismo, temia pelos efeitos que a bebida teria sobre seu organismo ou pelas manifestações de loucura já presentes em seu pai; adversário confesso da escrita marcada pelo rigor e métrica formais, tentou sem sucesso entrar na Academia, não se furtando a recorrer a redes de apadrinhamento para tal objetivo; defensor da

vanguarda literária russa, do anarquismo e da autonomia política do escritor, era contrário à grandes modernizações urbanas e culturais; espécie de arauto da negritude (muito antes do sucesso do culturalismo ou dos movimentos sociais), negava a importância da música de origem africana ou de costumes que, em seu entender, afastavam essa população das benesses do progresso. (SCHWARCZ, 2010, p. 17)

A soma de todas estas contradições gera, segundo Schwarcz, um intelectual dotado de uma identidade partida, dividida entre o mundo ao qual se opunha ferrenhamente ao mesmo tempo que lutava para ser reconhecido e se inserir nele.

Como já foi dito, “Lima Barreto: Triste Visionário” (2017) é o resultado de uma extensa pesquisa composta de uma variada lista de fontes, muitas delas inéditas até então, que levaram sua autora a frequentar os locais que eram visitados por seu biografado, dedicando-se a ler as mais de 800 obras que compunham a biblioteca de Lima Barreto, carinhosamente chamada de “Limana”, entre outros esforços realizados ao longo de dez anos de investigação. O objetivo de Lília Schwarcz não era narrar objetivamente os acontecimentos da vida de Lima Barreto, trabalho que já havia sido muito bem elaborado, como reconhecido pela historiadora, por Francisco de Assis Barbosa. A exemplo de sua premiada biografia sobre D. Pedro II, “As Barbas do Imperador” (1998), Schwarcz busca compreender a persona de Lima Barreto em sua totalidade, compondo todo o contexto social em que o escritor foi formado, desde o seio familiar, passando por sua educação e formação intelectual, até chegar a sua experiência social enquanto adulto. Mais do que entender o escritor em seu contexto, a ambição final da autora é captar os aspectos mais íntimos de Lima Barreto, usando a literatura como fonte para este resgate psicológico.

A contradição é posta outra vez como chave explicativa para o entendimento de Lima Barreto, e Schwarcz utiliza-se das antinomias de uma modernidade em construção entre o “eu” e o “outro”, o “civilizado” e o “bárbaro”, e, principalmente, o “negro” e o “branco” para tentar compreendê-lo em sua intimidade.

Talvez, a linha adotada por este trabalho seja muito semelhante à de Lilia Schwarcz, compreender as múltiplas facetas de Lima Barreto dentro das condições históricas e sociais que o formaram. Porém, acredita-se que a ambiguidade ou a contraposição entre negro e branco não seja suficiente para fornecer uma visão ampla sobre o tema. Não se trata aqui também de negar-se a existência de contradições nas posturas adotadas por Lima Barreto em vida, pois fazê-lo seria negar uma das dimensões mais humanas do personagem estudado e alçá-lo inocentemente à condição de herói inquestionável, algo severamente criticado por Raphael Silva.

Logo, o ponto de vista adotado aqui acredita que identidades, sejam elas quais forem, não podem ser consideradas partidas uma vez que não são compostas de todos indivisíveis, ao contrário, são na verdade compostas de múltiplas variáveis que alteram-se constantemente de acordo com as situações enfrentadas por cada indivíduo e por isso mesmo são, seguidamente, reelaboradas. Segundo, assume-se aqui a perspectiva conceitual do sociólogo inglês Paul Gilroy sobre as ambiguidades dos intelectuais negros, o que significa afirmar que

assumir uma ou ambas identidades inacabadas esvazie necessariamente os recursos subjetivos de um determinado indivíduo. Entretanto, onde discursos racista, nacionalista ou etnicamente absolutista orquestram relações políticas de modo que essas identidades pareçam mutuamente exclusivas, ocupar o espaço entre elas ou tentar demonstrar sua continuidade tem sido encarado como um ato provocador e mesmo opositor de insubordinação política. (GILROY, 2001, p. 33 – 34).

No que tange à estrutura organizacional do trabalho, ele está dividido em três partes. O primeiro capítulo possui um caráter introdutório, apresentando a trajetória inicial de Lima Barreto e explorando os caminhos realizados pelo escritor até conseguir lançar o seu primeiro romance “Recordações do escrivão Isaías Caminha” (1909). Além de uma breve análise do referido livro, apresenta-se também os principais temas que foram constantemente abordados em sua produção literária através da análise do conto “Como o “homem” chegou”. O capítulo encerra-se examinando os diálogos que Lima Barreto estabeleceu com alguns de seus pares como Monteiro Lobato e Sérgio Buarque de Holanda.

O segundo capítulo aborda a questão da formação identitária de Lima Barreto com base no conceito de Anthony Smith sobre a etnicidade. Desta forma, a identidade do escritor carioca é decomposta em inúmeros fragmentos (sua educação formal; o ressentimento decorrente de suas frustrações pessoais; sua atuação profissional como amanuense; sua relação familiar; o alcoolismo; e o preconceito racial sofrido) que são analisados separadamente. Uma vez que se trata de um exercício que visa identificar aspectos íntimos da vida de Lima Barreto, o foco detêm-se em sua biografia e seu diário íntimo, avaliando como os eventos que se desenrolavam em sua trajetória refletiam-se nos discursos colocados em seus romances, contos e crônicas.

O terceiro capítulo tem como foco a atuação de Lima Barreto enquanto intelectual do Atlântico negro, conceito criado por Paul Gilroy com inspiração na diáspora judaica. Neste sentido, o trabalho busca compreender como o escritor tentou transcender as fronteiras do Brasil num debate intelectual em nível internacional. Desta forma, é analisada a maneira como Lima Barreto percebia certas ideias que se propagavam nos círculos intelectuais

nacionais e estrangeiros como as teorias racialistas, o nacionalismo e o anarquismo. E qual o impacto que estas ideias causavam na realidade brasileira, de acordo com a percepção do escritor.

## O Destino da Literatura

*Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com quem me casei; mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade.*

*Lima Barreto*

*Nós morremos. Esse pode ser o sentido da vida. Mas nós temos a linguagem. Esse pode ser o compasso das nossas vidas.*

*Toni Morrison*

A literatura sempre se constituiu na grande obsessão da vida do escritor Lima Barreto. Durante anos, tentara sem sucesso graduar-se engenheiro pela Escola Politécnica, porém considerando-se perseguido por alguns professores e discriminado por seus colegas acumulara reprovações. Entretanto, este não era um caminho que trilhara por vontade própria, mas um sonho acalentado por seu pai, João Henriques, de ver o filho tornar-se doutor. Assim como não desejava fazer-se engenheiro, também nunca se interessou pela carreira no serviço público. Em 1902, com o agravamento da saúde mental de João Henriques, Lima Barreto viu no cargo de amanuense da Secretaria da Guerra uma forma de prover o sustento de sua família. Considerava a profissão maçante e um grande desperdício de seu talento, porém no serviço público dispunha de tempo livre para rabiscar esboços de sua literatura. A insanidade do pai, por mais trágica que tenha sido para a família, gerando inclusive dificuldades financeiras, deu a Lima Barreto a liberdade para desistir do curso de engenharia e perseguir a verdadeira aspiração de sua vida, tornar-se um romancista reconhecido.

Em meio as agitações políticas, revoltas populares, transformações espaciais e culturais ocorridas na cidade do Rio de Janeiro na primeira década do século XX, o jovem Lima Barreto buscava de diversas maneiras inserir-se nos círculos literários locais. Este percurso, no entanto, era muito árduo para os intelectuais do período em questão. Sendo o país composto por uma larga população de analfabetos, era difícil desenvolver um mercado editorial com grande consumo de obras literárias no Brasil. Esta conjuntura levaria um considerável número de escritores a se baterem “continuamente numa luta ignominiosa pela sobrevivência” (SEVCENKO, 2009, p. 135). Para fugir desta situação de desamparo

econômico e conseqüente miséria, muitos intelectuais recorriam ao jornalismo e ao serviço público como forma de obter o seu sustento.

Diante deste cenário, Lima Barreto passou a contribuir, paulatinamente, em diversos periódicos da imprensa carioca. Suas primeiras crônicas foram publicadas no jornal universitário *A Lanterna*, publicação de propriedade de Julio Pompeu de Castro e Albuquerque, que mantinha uma seção para cada faculdade do Rio de Janeiro. Nela, Lima Barreto tornou-se responsável pelo setor sobre a Escola Politécnica. Valendo-se de pseudônimos como Alfa Z e Momento de Inércia, passou a escrever textos satíricos, recheados de críticas aos meios acadêmicos, traçando perfis de seus colegas e professores (BARBOSA, 2002, p. 115).

No ano de 1903, publicou crônicas nos semanários de humor *Tagarela* e *O Diabo*, o primeiro dedicava-se principalmente aos desenhos e ilustrações. Do segundo sabe-se que não conseguiu atingir mais do que quatro edições. Em 1905, Lima Barreto escreveu uma série de reportagens para um periódico mais expressivo, o *Correio da Manhã*. Comandado por Edmundo Bittencourt, que viria a se tornar alvo das críticas ferinas de Barreto em seu romance inaugural, o *Correio* era um jornal de farta circulação e poderia ter feito o escritor ser notado nos meios intelectuais. No entanto, as reportagens, que tinham como tema as escavações realizadas pela prefeitura do Rio de Janeiro no Morro do Castelo, publicadas em folhetim entre os dias 28 de abril e 3 de junho não foram assinadas por seu autor. Posteriormente, o primeiro biógrafo de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa, reconheceu a autoria das reportagens, porém a crítica especializada desconhece o fato que levou Barreto a manter o anonimato nestas publicações (RESENDE, 1997, p. 2).

O ano de 1907 representou um grande marco na busca do escritor pelo reconhecimento. Após uma breve passagem pela revista *Fon - Fon*, Lima Barreto, juntamente de seu amigo Noronha Santos e outros companheiros de militância literária, lançou sua própria revista, a *Floreal*. O objetivo dos líderes da revista era criar um espaço onde jovens escritores, que não encontravam lugar nos meios literários e na imprensa da época, pudessem expressar livremente suas ideias sobre os mais variados temas. Por isto mesmo, os textos eram todos assinados por seus autores, contrariando prática corrente do período onde era comum o uso de pseudônimos (SCHWARCZ, 2017, p.193).

A revista era dividida em duas seções. A primeira parte trazia artigos sobre temas diversos, contos e capítulos de livros de seus colaboradores, entre eles os primeiros capítulos de “Recordações do escrivão Isaiás Caminha” (1909), que Lima Barreto pretendia publicar em folhetim nas páginas da *Floreal*. A segunda parte constituía-se de uma espécie de jornal

quinzenal, onde acontecimentos eram tratados de forma humorística (BOTELHO, 2001, p. 48).

Nas páginas da revista, o jovem editor e diretor Lima Barreto já apresentava algumas das características que marcariam sua obra. Embora o periódico fosse fruto de um esforço coletivo, a presença do escritor era expressiva na obra, seja pelo número de páginas em que escrevia ou pela predominância de ideias que seriam defendidas ao longo de toda sua obra. Nas páginas da *Floreal* já era possível perceber as críticas de Lima Barreto à imprensa, a qual considerava sensacionalista, manipulativa e fantasiosa, assim como suas restrições a literatura produzida pelos escritores mais renomados de sua época, a quem acusava de produzirem uma escrita empolada e gramatical, que não representava a realidade e nem era compreendida pelo grande público. No editorial do número de estreia da revista, Lima Barreto já deixa entrever estas críticas que seriam constantes em sua obra (BARRETO, 2017, p.56).

Apesar dos esforços, inclusive financeiros, dos integrantes, a revista, lançada em outubro de 1907, não conseguiu ultrapassar a sua quarta edição. Entretanto, por mais que o número de vendas tenha sido inexpressivo, a publicação cumpriu o que dela Lima Barreto esperava, o fez ser notado. O insucesso da *Floreal* não afetou negativamente o escritor, uma vez que chamou a atenção de José Veríssimo<sup>1</sup>, um dos mais renomados críticos literários da época, que cobriu a revista e seu editor de fartos elogios. As congratulações de Veríssimo produziram tamanho impacto em Lima Barreto, que ao realizar um balanço sobre o ano de 1907 o escritor registrou o feito em seu diário.

O ano que passou foi bom para mim... Neste andei um pouco no caminho de meus sonhos. Escrevi quase todo o Gonzaga de Sá, entrei para o Fon-Fon, com sucesso, fiz a *Floreal* e tive elogio do José Veríssimo, nas colunas de um dos Jornais do Comércio do mês passado. Já começo a ser notado. (BARRETO, 1997, p. 15).

Impulsionado pelos elogios de Veríssimo, Lima Barreto passou a buscar de forma mais veemente a realização de seu sonho, ou seja, a publicação de seu primeiro romance. Como é possível observar no excerto acima, registrado originalmente no diário do escritor em janeiro de 1908, Barreto já havia escrito todo o *Vida e morte M. J. Gonzaga de Sá*, que viria a ser publicado somente em 1919. Assim como já havia concluído anos antes (1905) a primeira versão de *Clara dos Anjos*, que viria a ser o último romance do escritor, publicado poucos meses antes de sua morte e com alterações significativas em seu enredo. Apesar de possuir

---

<sup>1</sup> José Veríssimo (1857 – 1916) foi um dos mais renomados críticos literários da Primeira República, atuando ainda como jornalista, professor e historiador literário. Foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras.

estes dois livros “prontos”, Lima Barreto optou por outra obra para lançar-se como escritor. Segundo Lilia Schwarcz (2017, p. 211), a escolha de “Recordações do escrivão Isaías Caminha” como seu romance inaugural não se deu ao acaso, e tinha por objetivo justamente provocar escândalo nos meios literários.

Concretizar a realização do livro, no entanto, não foi um processo simples. Talvez as primeiras páginas da obra que surgiram na *Floreal* não tenham agradado aos editores locais, ou o fato de o autor ser um desconhecido tenha contribuído para que Lima Barreto não encontrasse espaço para publicar seu livro no Rio de Janeiro. O fato é que o escritor teve que recorrer ao auxílio de amigos que possuíam relações na Europa para conseguir editar seu livro em Portugal, e ainda assim sob a exigência de o escritor abdicar dos direitos autorais. Nove meses após o amigo Noronha Santos levar os originais para a editora portuguesa, “Recordações de Isaías Caminha” foi finalmente publicado, porém a recepção não foi exatamente a esperada por seu autor (BOTELHO, 2001, p. 65).

A história narra as desventuras do jovem Isaías Caminha, moço do interior, ingênuo, mulato e filho ilegítimo de um relacionamento proibido que migra para o Rio de Janeiro em busca do sonho de tornar-se doutor. Assim que inicia sua viagem rumo à cidade grande, o estudante passa a sofrer toda sorte de preconceitos raciais, com os quais estava desacostumado no microcosmo de sua cidade interiorana ou no convívio familiar. O impacto da discriminação racial e as dificuldades financeiras que o lançam na condição de quase indigência, levam Isaías Caminha a desistir dos sonhos acadêmicos e aceitar um emprego como contínuo na redação do grande jornal da cidade, *O Globo*.

Enquanto a primeira parte do livro gira em torno da questão do racismo na sociedade carioca, com algumas críticas modestas à política nacional e ao clientelismo, a partir da admissão do personagem principal na redação *d'O Globo*, Lima Barreto passa a desferir uma pesada carga de críticas a imprensa nacional. O escritor condenava as práticas dos jornais em geral, porém concentrou seus ataques ao *Correio da Manhã*, e a seu editor chefe Edmundo Bittencourt<sup>2</sup>, que no livro transformam-se no jornal *O Globo* e no proprietário do periódico Ricardo Loberant. Outros jornalistas foram atingidos pela escrita ferina de Lima Barreto,

---

<sup>2</sup> Edmundo Bittencourt (1866 – 1943) além de jornalista e fundador do *Correio da Manhã*, atuou como advogado e engajou-se em inúmeras campanhas, principalmente voltadas para questões de saúde pública. Fundou o *Correio* em 1901, com o objetivo de ser um veículo de oposição ao governo. Não se sabe ao certo a origem das desavenças entre ele e Lima Barreto, mas como referido anteriormente o escritor trabalhou brevemente na redação do jornal de Bittencourt (SCHWARCZ, 2017, P. 227). Em *Recordações*, Barreto acusa-o de usar a popularidade de seu periódico para se promover politicamente e pressionar governos, dando a entender que o sensacionalismo do *Correio da Manhã* teria influenciado na eclosão da Revolta da Vacina (1904).

principalmente o cronista João do Rio<sup>3</sup>, por quem o escritor nutria verdadeiro desprezo. Contudo, o barulho que Lima Barreto esperava que a obra causasse não se confirmou, não vieram os ataques e os embates literários com seus desafetos, tudo que o escritor recebeu foi silêncio. As poucas críticas ao romance afirmavam que era mal escrito e o acusavam de ser um *roman a clef*<sup>4</sup>, muito ligado a personagens e acontecimentos reais, pouco imaginativo e dando provas da incapacidade de seu autor para produzir um texto ficcional. Até mesmo José Veríssimo, que havia se entusiasmado com o que lera na *Floreal*, retirou seu apoio afirmando que de fato Barreto havia exagerado em suas críticas e na referência excessiva a elementos da realidade. Apesar das esparsas reprovações, de maneira geral, a imprensa da época e os críticos literários preferiram calar-se sobre as ofensas de Lima Barreto e ignorar a obra e o autor, criando inúmeras dificuldades para a publicação de seus livros posteriores e tornando-o assunto proibido nas redações, principalmente no *Correio da Manhã*. Esta postura de seus desafetos afetaria profundamente o escritor, influenciando sua experiência social e sua produção literária, que sempre possuíam uma relação imbricada, aprofundando o ressentimento que viria a se tornar uma marca de Barreto. Anos mais tarde, por ocasião de sua segunda internação no Hospital Nacional de Alienados devido a alucinações alcoólicas, buscando compreender as causas que o levaram aquela situação, Lima Barreto passou a analisar as inúmeras desventuras e derrotas em sua vida.

O aparecimento do meu primeiro livro não me deu grande satisfação. Esperava que o atacassem, que me descompusessem e eu, por isso, tendo o dever de revidar, cobraria novas forças; mas tal não se deu; calaram-se uns e os que dele trataram o elogiaram. É inútil dizer que nada pedi. A minha dor ou as minhas dores aumentavam ainda; e, cheio de dívidas, sem saber como pagá-las, o J.M. aconselhou-me que escrevesse um livro e o levasse para ser publicado no *Jornal do Commercio*. Assim o fiz. Pus-me em casa dois meses e escrevi o livro. Saiu na edição da tarde e ninguém o leu, e só veio a fazer sucesso, para mim inesperado, quando o publiquei em livro. Desalentado e desanimado... via escapar-se por falta de habilidade, de macieza, a única coisa que me alentava na vida – o amor das letras, da glória, do nome, por ele só. Eu me sentia capaz de fazer, mas de antemão sabia que não encontraria em parte alguma quem me imprimisse e tinha a íntima certeza de que não encontraria dinheiro com que me fosse possível editar o meu trabalho, especialmente o *Gonzaga de Sá*. (BARRETO, 2010, p. 62)

O registro em seu “Diário do Hospício” permite entrever que mesmo onze anos após a

<sup>3</sup> Pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881 – 1921), destacou-se como um dos primeiros jornalistas brasileiros a desenvolver o gênero da reportagem e crônica social moderna. Colaborou em inúmeros jornais e periódicos do Rio de Janeiro, São Paulo e Portugal. Em 1910, assumiu uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (SCHWARCZ, 2017, p. 223).

<sup>4</sup> Estilo literário onde o autor narra, em forma de ficção, eventos aos quais foi contemporâneo, valendo-se de nomes fictícios para personagens reais.

publicação de seu primeiro livro (uma que vez que Lima Barreto ficara internado entre dezembro de 1919 e janeiro de 1920), a mágoa por ter sido recebido de forma tão fria não havia se desvanecido. E mais, o escritor parecia ter total consciência das consequências que a publicação do livro havia trazido, com as dificuldades de encontrar alguém disposto a imprimir ou de financiar a edição de seus livros, ou de ser amplamente ignorado como ocorreu com a primeira edição de “Triste fim de Policarpo Quaresma” (1911).

Todas estas dificuldades que o faziam ver escapar a única coisa que o alentava na vida, o amor das letras, fizeram com que Lima Barreto construísse uma autoimagem de alguém derrotado, uma pessoa degradada pelos preconceitos da sociedade e que por isso recorria ao álcool. Entretanto, estes percalços não fizeram com que o escritor tentasse tornar seus textos mais palatáveis aos críticos ou deixasse de atacar pessoas, ideias, modas e outros eventos de seu tempo dos quais discordava. Ao invés disso, à medida que “caía de sonho em sonho”, o literato parecia cada vez mais radicalizar suas posições e acentuar as críticas tão características de sua obra.

Adepto do que chamou de “literatura militante”, Lima Barreto acreditava que era função dos escritores fazerem de sua produção literária um instrumento de difusão das grandes ideias de seu tempo e um local para dar voz a revolta e ao clamor da população humilhada pela “brutalidade burguesa” e por governos que não estavam dispostos a atenderem as suas necessidades.

As características da escrita de Lima Barreto são perceptíveis em sua obra em geral, mas se tornam mais evidentes em seus contos. Isto se deve ao fato de o conto possuir um espaço reduzido de trabalho, um breve lapso de tempo, objetividade, buscando abordar diretamente o assunto, provocando uma única impressão no leitor. Sendo assim, as personagens costumam ser escassas, oferecendo apenas uma faceta de seu caráter (HOHLFELDT, 1988, p.19).

O conto “Como o “homem” chegou”<sup>5</sup> (2010), reúne alguns dos elementos mais característicos da escrita de Lima Barreto. A saber, a representação irônica dos políticos da época, o deboche aos costumes da elite e as críticas as teorias raciais, a sátira ao trabalho da polícia e a atuação de outras instituições do Estado.

A história se passa numa cidade do interior do Rio de Janeiro onde o delegado local (doutor Cunsono) recebe a incumbência de prender e conduzir ao manicômio Fernando, um astrólogo manauense e desafeto do chefe político Sofonias. Na apresentação da delegacia da

---

5 Conto publicado originalmente na 1ª impressão de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915).

cidade Lima Barreto constrói imagens interessantes sobre o que seria o trabalho da polícia:

A polícia da República, como toda a gente sabe, é paternal e compassiva no tratamento das pessoas humildes que dela necessitam; e sempre, quer se trate de humildes, quer de poderosos, a velha instituição cumpre religiosamente a lei...

Passavam-se semanas sem que houvesse uma simples prisão, uma pequena admoestação. A circunscrição era pacata e ordeira. Pobre, não havia furtos; sem comércio, não havia gatunos; sem indústria, não havia vagabundos, graças à sua extensão e aos capoeirões que lá havia; os que não tinham domicílio arranjavam-no facilmente em choças ligeiras sobre chãos de outros donos mal conhecidos...

Vivia tudo em paz; o delegado não aparecia. Se o fazia de mês em mês, de semestre em semestre, de ano em ano, logo perguntava: houve alguma prisão? Respondiam alvissareiros: não, doutor; e a frente do doutor se anuviava, como se sentisse naquele desuso do xadrez a morte próxima do Estado, da Civilização e do Progresso. (BARRETO, 2010, p.123)

Importante ressaltar que o autor não se refere em sua crítica à situação das cidades interioranas propriamente ditas. Mas na ausência dos elementos que constituem o progresso (a indústria, o comércio, etc.) ironiza as questões que atingem o Rio de Janeiro.

Ao falar da morte do Estado e do Progresso, demonstra como estes benefícios da Civilização atingem a população apenas através da violência e da repressão policial. Sempre que possível as pessoas pobres evitavam o envolvimento com a polícia, buscando resolver seus conflitos internamente nos seus grupos de sociabilidade. Esta desconfiança das autoridades não provinha de uma consciência coletiva de que as leis eram feitas para se garantir os privilégios da elite, percepção que possuía Lima Barreto. A violência generalizada e desmesurada da polícia dava aos homens pobres a noção de que a autoridade mais visível, “o menganha”, não estava nas ruas e botequins para mediar seus conflitos e sim reprimi-los (CHALHOUB, 1986, p.191). Além da violência física corriqueira nas relações entre pobres e a polícia, era comum que as pessoas fossem intimadas a delegacia para assinarem depoimentos que não haviam proferido, coagidas ou espancadas para darem falsos testemunhos, quando estes não eram falsificados pelos policiais.

Contudo, se a polícia da cidade onde se desenrola a trama não tinha com o que se manter ocupada, isto se deve ao fato de não haver pobres e miseráveis que necessitassem de vigilância. Os motivos para tal estão expressos também neste trecho. Pois não existindo comércio e indústria, não se desenvolviam as atividades burguesas que geravam a desigualdade. A Regeneração inspirava otimismo nas camadas burguesas, devido ao desenvolvimento econômico, porém o que se podia observar nas classes mais baixas do Rio de Janeiro era uma luta constante contra a miséria. Sob um elevado índice de desemprego

estrutural e permanente essa parcela da população se via, muitas vezes, conduzida a uma situação de vadiagem compulsória, alternando-se entre a criminalidade, a mendicância e o subemprego. Quando sucumbiam ao alcoolismo e à loucura, então sentiam a presença do Estado na figura da polícia que os recolhia às instituições adequadas. Uma vez que se fazia imprescindível retirar os vagabundos da fachada marmórea que se erguera para a modernidade (SEVCENKO, 2009, p.59).

A questão da moradia também está expressa neste pequeno, mas significativo, trecho. Quando afirma que “os que não possuíam domicílio arranjavam-no facilmente”, Lima Barreto está se referindo às dificuldades da população em conseguir moradia, principalmente após as reformas de Pereira Passos que acabaram com os cortiços e enxotaram a população do centro da cidade. As pessoas humildes que habitavam os cortiços demolidos se viram diante de um número reduzido de opções. Pagariam aluguéis inflacionados pela baixa oferta de moradia nas casas de pensão ou cortiços restantes; poderiam mudar-se para os subúrbios, porém isto traria a inconveniência de se afastarem do local de trabalho; e por fim, havia a opção de viver nos morros que circundavam o centro da cidade (CHALHOUB, 1986, p.91).

O processo chamado de Regeneração, que teve nas reformas urbanas a sua principal expressão, representava a realização das aspirações e projetos de uma burguesia em formação, que agora se via livre das estáticas relações sociais do império. Este grupo desejava firmemente adentrar a Civilização, ou seja, tornar o país, e principalmente a capital federal, semelhante aos grandes centros urbanos europeus e os seus símbolos de modernidade. Entretanto, para consolidar este caminho rumo ao progresso se fazia necessário superar o passado colonial, condenando elementos raciais e culturais da cidade do Rio de Janeiro que a elite associava ao atraso (NEEDELL, 1993, p. 70):

Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 2009, p. 38)

O primeiro hábito antigo a ser condenado é a prática da boêmia, e por estar sempre presente nas rodas de estudantes boêmios, o violão passa a ser perseguido como símbolo de vadiagem. A preguiça, característica atribuída aos brasileiros pelos povos estrangeiros, também se torna uma representante da sociedade tradicional agrária. A indolência da vida no

campo não estava adequada a nova ordem de aproveitamento do tempo para a produção de riquezas que o cosmopolitismo impingia na capital federal. As transformações urbanas viriam a regenerar o país desta chaga da vadiagem e da preguiça dos senhores do campo.

Neste processo de modernização os elementos da cultura popular vão sendo naturalmente perseguidos e expulsos do centro da cidade. O batuque, o candomblé e a capoeira, e qualquer outro elemento que remeta ao atraso e a ignorância, são duramente reprimidos. As festas populares, profanas ou religiosas, e as procissões também são vítimas deste ímpeto civilizatório. No carnaval o comportamento dos foliões passa a ser controlado e as fantasias de índio proibidas para darem lugar as fantasias de pierrôs, arlequins e colombinas: “saía o entrudo, entrava o limpo Carnaval de Veneza” (COSTA E SCHWARCS, 2000, p. 28).

Com as ruas devidamente higienizadas e livres de quaisquer elementos que remetessem ao atraso e a ignorância, a cidade se embelezava e trazia deslumbrantes imagens do mundo moderno. Consequentemente, observa-se a “transformação das vias públicas em vitrines para a economia de consumo, no desfile incessante de tecidos, calçados, vestuário, amostras de mobiliários, etc” (FIGUEIREDO, 1995, p.76). Se na época da Independência (1822), a elite buscou construir uma identidade relacionada aos elementos “genuinamente” brasileiros, a cultura indígena por exemplo, pode-se observar um movimento contrário na elite da Primeira República. O cosmopolitismo era agressivo na capital federal e os padrões culturais eram ditados por Paris<sup>6</sup>. A moda, as peças e livros mais comentados, as escolas filosóficas, os modelos de comportamento, as formas de lazer chegavam ao Brasil pelo porto nos navios que vinham da França ou através dos correspondentes dos jornais que lá viviam (SEVCENKO, 2009, p.37).

Entretanto, o processo de saneamento e modernização da cidade do Rio de Janeiro foi um processo marcado pela repressão e os desmandos do governo, acentuando o abismo social existente e pondo em conflito as diferentes classes da sociedade fluminense. Desde o final do século XIX, o contingente urbano da população brasileira aumentava consideravelmente. A abolição impulsionou o êxodo dos antigos escravizados das decadentes fazendas de café no Vale do Paraíba para a cidade do Rio de Janeiro. Alterando sensivelmente a população da capital federal no que tange a número de habitantes, composição étnica e estrutura ocupacional. A este fato veio somar-se um aumento na imigração estrangeira, principalmente

---

<sup>6</sup> “O auge desse comportamento mental cosmopolita coincidiria com o início da Grande Guerra – quando as pessoas na Avenida, ao se cruzarem, em lugar do convencional “boa tarde” ou “boa noite”, trocavam um “Viva a França” (SEVCENKO, 2009, p.37).

de portugueses (CARVALHO, 1987, p.16).

Contudo, este aumento no volume populacional não foi acompanhado de uma expansão da infraestrutura urbana e da oferta de empregos e moradias. Ao invés do desenvolvimento das cidades, o que se podia observar era um inchaço das mesmas. Vivendo uma industrialização embrionária, com uma economia baseada nos setores de serviços e nos produtos de exportação, em detrimento das atividades produtivas propriamente ditas, passando por crises intermitentes de carestia e aumento dos preços de gêneros, de moradias e aluguéis, as cidades aumentaram na ampliação da pobreza e das parcas condições de vida (WISSENBACH, 1998, p.91).

O presidente da República, Rodrigues Alves (1902 – 1906), desenvolveu um plano em três frentes para solucionar todos estes problemas. Estas dimensões consistiam em concomitantemente modernizar o porto, sanear e reformar a cidade. O presidente deu poderes ilimitados para o engenheiro Lauro Müller, responsável pela reforma do porto, o médico sanitário Oswaldo Cruz, para solucionar as endemias, e o engenheiro urbanista Pereira Passos, que havia acompanhado as reformas de Paris promovidas pelo barão Haussmann. Imunes a quaisquer ações judiciais, estes três promoveram uma verdadeira ditadura. Sob o pretexto de que obstruíam o acesso ao porto, bloqueavam o livre fluxo imprescindível para uma cidade moderna, e comprometiam a segurança sanitária, os responsáveis pela modernização do Rio de Janeiro voltaram-se para os casarões da região central.

Logo, sob o entusiasmo da grande imprensa que chamou este processo de “Regeneração”, teve início as demolições das residências na região central da cidade. O governo recorria a estratégias como matérias pagas em jornais e revistas para propagar o embelezamento urbano, sendo o ápice a inauguração da Avenida Central.

Tratada, a partir de então, como um organismo canceroso, a cidade sofre a ação violenta de destruir, desabrigar, cortar, encoberta por um conceito positivo de afastamento do mal e do seu veículo, a doença presente nas noções de “velho”, “feio”, “fechado”, “malcheiroso”, “estreito”, “sujo”, “pobre”, “imoral”, etc. Qualquer que seja o tratamento proposto, os remédios sintetizam-se em expressões como ventilação, iluminação, aeração, limpeza, que a linguagem oficial reduzia a decretos, *slogans*, normas e paradigmas justificadores de qualquer ação demolidora, além de envolver as decisões em um invólucro de neutralidade técnica. (FIGUEIREDO, 1995, p.69)

A partir de então o que se pôde observar na cidade do Rio de Janeiro foi uma intensa transformação com o alargamento de ruas e o traçado de novas avenidas sobre os antigos quarteirões centrais e da zona portuária. As construções institucionais e particulares ditavam novos ritmos espaciais, tudo financiado com o dinheiro da União. Os velhos ocupantes das

ruas estreitas e barulhentas da região central eram expulsos dos novos logradouros “públicos”. As modernas avenidas passam a serem privatizadas para as elites e setores médios, reservando o espaço público para aqueles que sabiam se comportar dentro dos padrões de civilidade (MARINS, 1998, p.150).

Esta conjunção de fatores revela as inúmeras contradições que se desenvolviam no interior da sociedade carioca no que tange a ideia de república. Em um dos lados estavam as prioridades equivocadas do Estado de realizar as utopias burguesas e construir uma Paris dos trópicos. No outro extremo encontrava-se a população pobre que nunca fora tocada pelos ideais republicanos. Estes, por sinal, eram sinônimos de estados de sítio, repressão e violência.

O desenrolar da narrativa de “Como o “homem” chegou” (2010) revela os verdadeiros motivos que levam o astrólogo a ser considerado louco. Descobre-se que o doutor Barrado, rival de Fernando nos estudos da astrologia, começa a disseminar a ideia de que o mesmo está louco até convencer a todos da necessidade de sua internação. Longe de ser um atestado por motivos clínicos, por trás da detenção deste personagem encontram-se interesses particulares.

Sabedor do caso e como tivesse conhecimento de que Fernando era desafeto do poderoso chefe político Sofonias, Barrado que, desde muito, lhe queria ser agradável, calou o seu despeito, apresentou-se pronto para auxiliar a diligência. Esse chefe político dispunha de um prestígio imenso e nada entendia de astronomia; mas, naquele tempo era a ciência da moda e tinham em grande consideração os membros da Sociedade Astronômica, da qual Barrado queria fazer parte.

Sofonias influía nas eleições da Sociedade, como em todas as outras, e podia determinar que Barrado fosse escolhido. Andava, portanto, o doutor captando boa vontade da potente influência eleitoral, esperando obter, depois de eleito o lugar de Diretor Geral das Estrelas de Segunda Grandeza. (BARRETO, 2011, p. 128)

Através da figura de Barrado, Lima Barreto crítica uma prática de origens antigas e de longa duração no Brasil, o clientelismo. Ao buscar “captar a boa vontade de potente influência eleitoral” a personagem está tentando inserir-se na clientela de um poderoso protetor político. O clientelismo consistia numa relação de compadrio e fidelidade, pautada na troca de favores. Onde o chefe, geralmente um grande produtor rural, oferecia proteção a sua clientela, e esta por sua vez formava a base de sustentação política deste líder. Quanto maior a clientela de alguém, maior a sua influência e poder. O certo é que o clientelismo, enquanto cultura política, atingiu seu ápice no Império. Neste período, cair nas graças de uma liderança de determinada localidade poderia garantir a obtenção de algum cargo vantajoso no governo. Apesar de possuir origens antigas e ter tido seu auge no império, o clientelismo “continua a

talhar ainda hoje as decisões do Congresso, no judiciário e nas atividades cotidianas de todos os níveis da administração pública” (GRAHAN, 1999, p.3).

O clientelismo, enquanto prática, encontra-se inserido dentro de um sistema político datado<sup>7</sup> e possuidor de uma identidade própria, o coronelismo. Este era um fenômeno que se desenvolveu no interior do Brasil, onde existiam vastas populações que dependiam do poder do latifundiário. Segundo Victor Nunes Leal (2012), o coronelismo era uma forma peculiar de manifestação política, uma vez que se tratava de uma adaptação do antigo e exorbitante poder privado dos latifundiários dentro de uma forma de governo republicana e representativa. Por isto mesmo, a base deste mecanismo era a troca de favores entre o poder público, que estava cada vez mais fortalecido, e os decadentes senhores de terras que detinham a influência social nas cidades interioranas. Estas lideranças locais desfrutavam de grande prestígio, que lhes era conferido devido o seu grande poder político. Logo, exerciam uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, atuando como juízes em rixas e desavenças, ou tomando para si o exercício, oficial ou extraoficialmente, das funções policiais (LEAL, 2012, p. 20).

Para manter o bom funcionamento da engrenagem política da República Oligárquica, e garantir seus privilégios junto ao poder público, o coronel<sup>8</sup> tinha por função garantir que a nível municipal as eleições mantivessem as classes dominantes no poder. A fim de cumprir seus objetivos valia-se dos mais variados dispositivos, tais como a fraude política, a coerção e a violência física. Práticas que somente se tornavam possíveis uma vez que os coronéis manipulavam a polícia e a justiça, dispondo de jagunços e capangas se preciso. Esta instituição política que se proliferava no interior dos estados, não escapou ao olhar crítico de Lima Barreto.

De onde em onde, porém, havia um caso de defloração e este era o delito, o crime, a infração do lugarejo – um crime, uma infração, um delito muito próprio do Paraíso, que o tempo, porém, levou a ser julgado pelos policiais, quando, nas primeiras eras das nossas origens bíblicas, o fora pelo próprio Deus...

Não quis, porém, o delegado deixar que os seus subordinados liquidassem aquele caso. A paciente era filha do Sambabaia, chefe político do senador Melão; e o agente era eleitor do partido contrário a Melão. O programa do partido de Melão era não fazer coisa alguma e o do contrário tinha o mesmo ideal; ambos, porém, se diziam adversários de morte e essa oposição, refletindo-se no caso, embaraçava sobre modo o subdelegado.

---

7 Não há um consenso sobre a duração do coronelismo. Maria Efigênia Resende (2003) afirma que este sistema existiu no interior do país de 1889, quando se proclama a República, a 1930, já que a política centralista de Getúlio Vargas não permitia estas formas de dominações ao nível municipal. Divergindo de Maria Efigênia, Eul-Soo Pang (1979) afirma que o coronelismo durou de meados de 1870 a 1950, uma vez que por muito tempo se fez útil para a cooptação política das cidades do interior.

8 Designação surgida durante a regência quando da fundação da Guarda Nacional, onde os senhores de terra exerciam a função de coronéis uma vez que criavam e bancavam as tropas com recursos próprios.

Interrogado, confessara-se o agente pronto a reparar o mal; e desde há muito, a paciente dera a tal respeito a sua indispensável opinião. A autoridade, entretanto, hesitava, por causa da incompatibilidade política do casal. (BARRETO, 2011, p.123).

A hesitação do delegado ocorria devido ao seu medo de se indispor com os coronéis locais e perder o cargo que suas relações de compadrio lhe haviam garantido. Entretanto, Cunsono encontra uma solução inusitada ao propor que o rapaz divida o voto entre o doutor Jati, a quem estava ligado, e o doutor Melaço. E para convencer o rapaz, acena com a possibilidade de conseguir um cargo vantajoso para o rapaz, independente do partido que saía vitorioso.

Outra questão importante que se evidencia neste trecho é a disputa política. Os partidos que se odeiam, mas possuem as mesmas propostas de não fazerem nada não são mero deboche. Antes revela a visão de Lima Barreto sobre a esterilidade da democracia do período. Em sua concepção, os grupos que disputavam o poder não possuíam projetos antagônicos a serem discutidos, aliás tinham um grande desejo em comum que era conquistar o poder. Logo vê-se que o jogo político consistia em elites oligárquicas que disputavam o direito de dispor das benesses e cargos que o Estado oferecia.

A sociedade republicana criou uma série de símbolos de distinção para substituir os títulos nobiliárquicos, que se extinguíram junto com o Império. Para Lima Barreto, estes símbolos minavam os propósitos democráticos do regime uma vez que estabeleciam graus de discriminação que se imbricavam até nas banais relações cotidianas.

Lima Barreto, em sua obra, chega a montar todo um acervo desses símbolos, delimitando a sua área de prestígio e poder no interior do mundo social da Primeira República. Eis alguns exemplos desse símbolos: “As botinas, os chapéus petulantes, o linho das roupas brancas, as gravatas ligeiras”, o “grilhão de ouro”, a “medalha carregada de brilhantes”, o “solitário”, “os colarinhos”, “punhos” e “perfumes”, os “anéis e alfinetes”, as “honras” e “medalhas”, as “patentes” e “galões” da Guarda Nacional, os anéis de carreiras universitárias, os “títulos” e “diplomas”, as “bengalas” e “pulseiras de relógio” e o “avental” dos médicos e cientistas.

Todos, objetos e símbolos, destinados a definir distâncias e precedências sociais, impondo graduações aos homens e submetendo-os a rituais de submissão e deferência. Todos sinais exteriores e por isso tornando externa e superficial a avaliação das qualidades pessoais de cada um e sobretudo ocultando a incompetência, o nepotismo, a ineficiência, oferecendo uma cobertura respeitável para a concussão. (SEVCENKO, 2009, p.180)

A maneira como as pessoas reverenciavam quem possuía o título de doutor afligia Lima Barreto. Em suas obras o escritor buscou sempre ironizar o conhecimento “elevado” dos doutores, expondo a ignorância daqueles que se escondiam atrás de seus diplomas

acadêmicos. Dirigindo-se à análise de “Como o “homem” chegou”, percebe-se que o deboche aos doutores se revela inclusive nos seus nomes (doutor Cunsono, doutor Silly<sup>9</sup>). Por mais de uma vez fica implícito a ironia ao conhecimento dos doutores do conto, principalmente quando estes têm que analisar mapas. Os conhecimentos cartográficos dos doutores são desastrosos e após observarem um mapa resolvem voltar de Manaus para o Rio de Janeiro de carroça, pois concluem que uma distância de algumas polegadas seria facilmente vencida em um dia no máximo. O fato é que acabavam levando quatro anos para regressarem de sua missão. Outra passagem é emblemática desta questão dos saberes dos doutores. O doutor Barrado resolve conduzir a gaiola de ferro, que atrelada a burros serviria para conduzir o enfermo, por mar do Rio de Janeiro até Manaus. Sua lógica baseia-se na ideia de que, sendo a gaiola produzida do mesmo material que os grandes navios, o ferro, não haveria por que não flutuar uma vez que era muito mais leve que os cargueiros. Para seu espanto, a gaiola afunda com os burros, que conseguem salvar-se partindo os arreios, e se faz necessário um grande esforço para recuperá-la. Estas imagens caricaturais dos doutores revelam o desprezo que Lima Barreto possuía por estes títulos, uma vez que preteriam aqueles que possuíam qualidades íntimas, como o esforço pessoal, para reverenciarem os doutores munidos apenas de propriedades fúteis e externas.

A ciência, que se constituía no grande mito da modernidade, fora combatida de maneira veemente por Lima Barreto. Isto se deve ao fato de a ciência possuir um cariz fortemente discriminatório no período em questão. As teorias de superioridade racial proporcionavam subsídios para impulsionar as atividades colonizadoras das potências europeias. A difusão destas teorias no Brasil teve efeitos previsíveis, pois forneceu o suporte científico para a validação de atitudes segregacionistas. Determinismos de toda ordem se tornaram moda no país.

Este fenômeno não passou incólume à sátira de Lima Barreto no já referido conto, ainda que apareça de maneira discreta na figura de um personagem. O antropologista Tucolas, que entra na história para auxiliar o doutor Barrado a conduzir o encarcerado até o Rio de Janeiro.

Logo que foi ultimada, Tucolas tratou de guiar a caravana. Prometeu que o faria com muito acerto e contentamento geral, pois aproveitá-la-ia, dilatando suas pesquisas antropológicas, aos moluscos dos nossos rios. Era sábio naturalista, e antropologista, e etnografista da novíssima escola do conde de Gobineau, novidade de uns sessenta anos atrás; e, desde muito, desejava fazer uma viagem daquelas para completar os seus estudos antropológicos nas

---

9 “Silly” em inglês significa tolo, bobo, imbecil, etc.

formigas e nas ostras dos nossos rios...

Andava Tucolas distraído a fossar e cavocar, catando formigas; e, mal encontrava uma mais assim, logo examinava bem o crânio do inseto, procurava-lhe os ossos componentes, enquanto não fazia uma mensuração cuidadosa do ângulo de Camper ou mesmo de Cloquet.  
(BARRETO, 2010, p.133)

Reúnem-se neste personagem alguns dos elementos característicos da antropologia criminal da passagem do século. Ao se referir a Gobineau<sup>10</sup>, o autor está destacando o caráter discriminatório da antropologia praticada por Tucolas. Além de detestar os brasileiros, Gobineau sempre condenou o cruzamento racial, pois isto levaria ao fracasso de qualquer nação, inclusive o Brasil (SCHWARCZ, 2010, p.683). O ato de examinar o crânio das formigas remete-se aos métodos da antropologia criminal, que teve no médico baiano Nina Rodrigues o seu maior expoente nacional. O formato e tamanho do crânio eram dois dos sintomas de degeneração que conduziam a criminalidade. Inspirados na corrente teórica de Cesare Lombroso e de outros antropólogos criminais italianos, passa-se a condenar quaisquer hábitos que remetem a degradação como o alcoolismo, o uso de tatuagens, ou a decadência mental que se manifestava na loucura e na epilepsia. Estes sintomas eram problemas que decorriam de uma sociedade altamente miscigenada como a brasileira. Logo, os médicos assumiam a nobre missão de sanear as raças. Esta cruzada concebia que os médicos podiam dispor da população como um laboratório para prever a entrada ou desaparecimento de certos tipos, raças, etnias, grupos e sangues. A grande utopia, que a fé inabalável na ciência trazia, era prevenir o cruzamento racial, a manifestação da loucura, da doença e impedir o criminoso antes mesmo que ele pensasse em cometer o delito (SCHWARCZ, 2010, p.23).

A ficção de Lima Barreto se confunde com suas experiências pessoais, fato este que gera longas discussões acerca da sua obra. O caráter autobiográfico de sua literatura por vezes foi utilizado para diminuir o valor, principalmente estético, de sua produção literária. No conto em questão, dois acontecimentos importantes de sua vida são abordados de formas distintas; suas tentativas frustradas de ingressar na Academia Brasileira de Letras e sua passagem pelo Hospício Nacional<sup>11</sup>.

Em três ocasiões (1917, 1919 e 1921) Lima Barreto tentou ingressar na Academia Brasileira de Letras, sendo que na última tentativa retirou a candidatura antes mesmo da

---

10 Joseph Arthur de Gobineau (1816 - 1882) foi um diplomata francês que cumpriu missão diplomática no Brasil na corte de D. Pedro II.

11 No caso do conto *Como o "homem" chegou*, Lima Barreto retrata sua primeira passagem (entre agosto e outubro de 1914), já que o conto foi publicado em 1915. O escritor ainda seria internado por mais uma vez, sendo que a segunda internação (1919) deu origem ao inacabado romance *Cemitério dos Vivos* e ao *Diário do Hospício*.

eleição. Ser preterido na Academia foi algo que gerou grande frustração e ressentimento e o escritor não deixava de ironizar o processo de seleção da instituição, que envolvia interesses políticos e uma rede de relações clientelísticas ao invés de priorizar o valor literário da obra dos envolvidos. Seu ressentimento parece acentuado nesta questão uma vez que o reconhecimento literário era sua grande aspiração pessoal. Mesmo antes de tentar concorrer a uma vaga Lima Barreto já ironizava a Academia, pois o português coloquial usado em sua escrita ia de encontro aos cânones da escrita formal da época.

No conto em análise, suas ironias sobre o tema encontram-se em duas passagens envolvendo o doutor Barrado. Ao chegarem a uma aldeia no interior do Tocantins, o doutor toma conhecimento da disputa que se realiza para uma vaga na Academia dos Lambrequins. Barrado não hesita em se candidatar aos gritos, e quando inquirido se sabia confeccionar um lambrequim não se intimidara em confessar que não o sabia e não se importava. No que tange as críticas a falta de rigor formal a sua escrita, Lima Barreto zomba do assunto em um diálogo entre o doutor Barrado e um professor de uma aldeia pobre.

Em pequena hora, Barrado e o guia sentavam-se à mesa do professor público, que lhes oferecera de jantar. O ágape ia fraternal e alegre, quando houve a visita da Discórdia, a visita da Gramática (...).

- Há aqui entre nós muito pouco caso pelo estudo, doutor. Meus filhos mesmo e todos quase não querem saber de livros. Tirante este defeito, doutor, a gente quer mesmo o progresso.

Barrado implicou com o “tirante” e o “a gente”, tentou ironizar. Sorriu e observou:

- Fala-se mal, estou vendo.

O matuto percebeu que o doutor se referia a ele. Indagou mansamente:

- Por que o doutor diz isso?

- Por nada, professor. Por nada! (...)

A insistência do professor sertanejo irritava sobremaneira o doutor inigualável. Sempre aquele “tirante, sempre o tal “a gente, a gente, a gente” - um falar de preto mina! O professor, porém, continuou a informar calmamente:

- A gente aqui planta pouco, mesmo não vale a pena. Felizardo do Catolé plantou uns leirões de horta, há anos, e quando veio o calor e a enchente...

- É demais! É demais! exclamou Barrado. (...)

- É “tirante”, é “a gente, a gente, a gente”; e, por cima de tudo, um solecismo!

- Onde doutor?

- Veio o calor e a chuva – é português?

- É, doutor, é, doutor! Veja o doutor João Ribeiro! Tudo isso está lá. Quer ver? (...)

Vê, Tucolas, como anda o nosso ensino? Os professores não sabem os elementos da gramática, e falam como negros de senzala. (BARRETO, 2010, p.135).

O deboche se faz presente, mas pode-se perceber uma certa defesa de sua escolha

literária de utilizar-se da fala informal em sua escrita. Ao citar João Ribeiro<sup>12</sup>, parece invocar o polêmico filólogo como a advogar em sua causa. Pois este, fora um dos responsáveis pela reforma gramatical de 1907, buscando introduzir os elementos da cultura popular na escrita<sup>13</sup>. O escritor opta pela linguagem coloquial por uma questão de comunicabilidade, pois desejava que sua literatura atingisse as mais variadas esferas do público leitor. Deste conjunto de escolhas literárias resulta uma escrita comum, transparente, descuidada, de comunicação imediata, antirretórica, fluente, com pouca variedade sociolinguística, reveladora, direta, pouco imagística e altamente concreta. Para garantir um público mais vasto, Lima Barreto abdica propositadamente de um estilo (SEVCENKO, 2009, p.168).

As internações pelas quais passou Lima Barreto causaram-lhe um profundo sentimento de humilhação. O ato de ser conduzido pela polícia já revela uma sensação de indignidade, uma vez que o alienado se confunde com o criminoso. Porém, o louco deve ser apartado da sociedade por algum comportamento tido como anormal. Sendo assim, é posto num local onde os “normais” não possam vê-lo ou mantenham contato. Caberia a polícia o trabalho de “separar o joio do trigo” social. Em seguida, separa-se o meliante, que vai para a delegacia e a cadeia; do outro lado encontra-se o paradoxal réu sem culpa, igualmente forçado a reclusão. Lima Barreto denuncia, principalmente no seu diário do hospício, as diversas violências e vilezas que se sofre durante a internação. Estas começam na fase policial que antecede a entrada no hospício. O guarda do manicômio e o guarda de rua possuem certas semelhanças, pois a ação violenta de ambos visava negar o indivíduo e substituí-lo pelo estereótipo (BOSI, 2010, p.35). O transporte que conduz o alienado parece já ter sido feito para aumentar o sofrimento do mesmo. Como pode-se ver na descrição da gaiola do astrônomo Fernando, mas que também fora experimentada por Lima Barreto.

Prontamente deu ordens para que fosse fornecida a seu colega a masmorra ambulante, pior do que masmorra, do que solitária, pois nessas prisões sente-se ainda a algidez da pedra, alguma coisa ainda de meiguice, de sepultura, mas ainda assim meiguice; mas, no tal carro feroz, é tudo ferro, há inexorável antipatia do ferro na cabeça, ferro nos pés, aos lados uma igaçaba de ferro em que se vem sentado, imóvel, e para a qual se entra pelo próprio pé. É blindada e quem vai nela, levado aos trancos e barrancos de seu respeitável peso e do calçamento das vias públicas, tem a impressão de que se lhe quer poupar a morte por um bombardeio de grossa artilharia para ser empalado aos olhos de

---

12 João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860 – 1934) foi um jornalista, filólogo e historiador, membro da Academia Brasileira de Letras. Suas ideias reformistas sobre o ensino gramatical lhe renderam inúmeras rugas com outros membros da Academia.

13 Importante ressaltar que não se encontrou sólida bibliografia sobre João Ribeiro, ou qualquer referência na produção historiográfica sobre Lima Barreto que se refira ao filólogo. Logo, se faz preciso destacar o teor hipotético desta última afirmação, sendo necessário maior averiguação sobre o tema. Mas uma vez que há menção a João Ribeiro no conto, optou-se por não deixar esta alusão passar incólume.

um sultão. Um requinte de potentado asiático. (BARRETO, 2010, p.126).

No diário que escreveu sobre a sua segunda internação, Lima Barreto daria descrição semelhante sobre o transporte. O absurdo da condução é maior quando se compara a índole pacífica do personagem, ou do próprio escritor, a ser transportado em gaiola com tal nível de blindagem, revelando um dos muitos exageros do Estado.

A crítica que atravessa o conto como um todo se dirige às práticas burocráticas do funcionalismo público. Sendo amanuense<sup>14</sup> da Secretaria da Guerra, Lima Barreto conhecia intimamente a burocracia do Estado. Em suas obras sempre se referiu ao trabalho com graves censuras e soberba. Reprovava a carreira, zombando do tempo livre de que dispunham os funcionários públicos. Para o escritor, o ofício nada trazia de imprevistos, garantindo uma placidez e uma vida medíocre no que tange a posição e fortuna. Entretanto, não é a carreira em específico que se refere Lima Barreto em *Como o “homem” chegou*, mas sim a burocracia e a incapacidade dos funcionários de a questionarem.

Para Weber (1979), a disciplina do serviço é a base do funcionamento técnico da burocracia. E a dominação<sup>15</sup> se dá através da hierarquia de cargos, prescindindo o dever a obediência dos cargos inferiores aos superiores, pautada num regulamento instituído. No conto em questão, esta obediência rígida as regras e aos superiores é satirizada de modo recorrente. O doutor Barrado é incapaz de tomar qualquer decisão, buscando sempre as instruções de seu superior, o doutor Silly. Nas práticas destes dois personagens revelam-se os perigos de se realizar uma atividade desprovida de reflexão e que segue rigorosamente os regulamentos.

Silly, o doutor Silly, bem como Cunsono, graças à prática que tinham do ofício, dispunham da liberdade dos seus pares com a maior facilidade. Tinha substituído os graves exames íntimos provocados pelos deveres de seus cargos, as perigosas responsabilidades que lhes são próprias, pelo automático ato de uma assinatura rápida. Era um contínuo trazer um ofício, logo, sem bem pensar no que faziam, sem lê-lo até, assinavam e ia com essa assinatura um sujeito para a cadeia, onde ficava aguardando que se lembrasse de retirá-lo de lá a sua mão distraída e ligeira. (BARRETO, 2010, p.126)

A atividade burocrática, para Lima Barreto, se revela um trabalho alienado e

---

14 “Um escriturário de repartição pública que manualmente (e daí vem o nome) registra documentos ou os copia” (SCHWARCZ, p.35, 2010).

15 Weber defende que existem três formas de dominação. A legal, em virtude de possuir uma regra instituída a qual todos estão subordinados, sua forma mais expressiva é a burocracia do estado moderno e das empresas capitalistas. A dominação tradicional, em decorrência da crença numa santidade das instituições e dos poderes senhoriais que existem há muito tempo. Sua forma mais pura é a dominação patriarcal. E a dominação carismática, onde há uma devoção afetiva à pessoa do senhor e a suas capacidades extraordinárias. Suas expressões mais puras são a dominação do profeta, do herói e do grande demagogo (WEBER, 1979, p. 129).

inconsequente dos seus atos, onde chefe e subordinado são incapazes de tomarem decisões sensatas sem se valerem do regulamento. É o que vitima o desventurado astrônomo Fernando. Durante a viagem de volta, que dura 4 anos e meio devido a ignorância dos doutores, Barrado consulta o chefe sobre como proceder para alimentar o enfermo. Silly responde, de maneira enérgica, que o regulamento proíbe que se retire este tipo de doente de dentro da cela. Desta passagem em diante, em momento algum Barrado contesta tal ordem ou tem um arroubo de sensatez para cogitar ser impossível para alguém viver tanto tempo sem comer. O autor exagera, pois este é um dos elementos principais da caricatura, para causar a impressão que deseja. Demonstrar como a burocracia da república causa a morte de uma pessoa inocente para satisfazer anseios pessoais.

Por trás de todos os traços que compõem a obra de Lima Barreto, vistos no conto selecionado, esconde-se a temática nuclear de sua obra. O poder, compreendido numa acepção muito particular, desencadeia, para o autor, uma série de procedimentos verticalizados que incidiam sobre as mais variadas esferas da sociedade. Assim sendo, seus efeitos sentem-se nas estruturas políticas, nas instituições culturais, nos modelos formalizados de comportamento coletivo e até nas relações cotidianas (SEVCENKO, 2009, p.169).

Em “Como o “homem” chegou”, vislumbra-se claramente esses elementos abordados pelo autor. As relações de poder da esfera política, representados pelo coronelismo que desencadeia em suas práticas o clientelismo; os efeitos dessas relações nas instituições científicas, embasando teorias raciais que aumentavam a opressão e a desigualdade; as relações de subserviência que se desenvolviam nos relacionamentos cotidianos, reforçados pelos símbolos de distinção e pela norma culta da língua, estigmatizando aqueles que não a dominavam.

Apesar da acidez com que tratava dos mais variados temas e das críticas a outros literatos, a instituições culturais e políticas, aos governantes e membros da imprensa, e aos hábitos das elites, como o conto apresentado permiti entrever, fizessem com que Lima Barreto fosse nome proibido em diversos círculos literários e sociais, isto não significa que o autor não era lido por seus contemporâneos e tido por muitos como referência. Embora considerasse seus livros um fracasso de vendas e crítica, impressão reforçada pelas muitas agruras econômicas sofridas pelo escritor, fato é que Lima Barreto passou a ser consultado por inúmeros autores que buscavam a sua aprovação e seus conselhos. Nesta lista, incluíam-se outros escritores consagrados por quem o autor viria a desenvolver grande amizade e afeição, jovens escritores do Rio de Janeiro e de fora do estado, e inclusive alguns desafetos com quem Barreto havia discutido e que havia destrutado publicamente.

Dentre as amizades formadas por Lima Barreto dentro dos círculos literários, uma das que mais merece destaque foi o relacionamento criado com o escritor paulista Monteiro Lobato. A relação dos dois surgiu da admiração de Lobato pela obra de Barreto, e foi o próprio escritor paulista quem buscou o contato e a consolidação desta relação. Ao assumir a editoria da *Revista do Brasil*, Lobato fez questão de contar com a presença de Lima Barreto entre seus colaboradores, como é possível ver em sua primeira carta enviada ao mesmo em 2 de setembro de 1918.

Prezadíssimo Lima Barreto

A *Revista do Brasil* deseja ardentemente vê-lo entre seus os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caíam no goto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mas à moda do *Policarpo Quaresma*, da *Bruzudanga*, etc. A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo. Aguardamos, pois, ansiosos a resposta, uma resposta favorável. Do confrade. Monteiro Lobato (LOBATO, 1993, p. 247)

Como é possível perceber na carta, Monteiro Lobato não só era leitor de Lima Barreto como possuía muito apreço por seu estilo ácido e direto, desprovido da *toilette* gramatical, como o próprio se referiu, e a partir desta missiva os dois escritores formaram um vínculo não apenas profissional, mas também um laço de amizade que era pautado em uma afeição intelectual mútua. Monteiro Lobato considerava o escritor carioca um dos maiores romancistas brasileiros, criador de um estilo literário ao qual chamou de romance crítico sem o dogmatismo doutrinário. Para ele Lima Barreto era um revoltado, mas possuidor de uma raiva contida que conseguia transformar, com maestria, em uma refinada ironia.

Assim como Lima Barreto, Monteiro Lobato também construiu uma literatura militante, engajada em discutir e defender grandes bandeiras que o autor considerava como temáticas essenciais para a nação. Por isso, suas obras buscavam representar a realidade que o circundava e giravam em torno de questões como os problemas do homem do campo, o saneamento do país e o combate as doenças, eleições, e a exploração dos recursos minerais (o petróleo principalmente). Para Lobato, o compromisso social do intelectual era construir conhecimento e possibilitar que um público cada vez maior tivesse acesso a ele (PASSIANI, 2002). Logo, o escritor paulista apresentava uma preocupação estética em sua obra de escrever de maneira simples e coloquial para que seu texto fosse compreendido pelos leitores dos mais variados extratos sociais. Portanto, não é difícil compreender porque Monteiro Lobato via com entusiasmo uma aproximação de Lima Barreto uma vez que ambos possuíam

visões semelhantes sobre o papel do intelectual e da literatura, sobre as questões sociais de seu tempo e inclusive sobre a forma do texto.

Apesar da pouca diferença de idade, em 1918 Lima Barreto já era um escritor consolidado nos círculos literários do Rio de Janeiro, embora não possuísse o reconhecimento ao qual se considerava merecedor, enquanto Monteiro Lobato ainda estava dando os primeiros passos enquanto editor e escritor. Em crônica publicada em fevereiro de 1919, por ocasião da estreia do escritor paulistano com “Urupês” (1918), Lima Barreto viria a devolver os inúmeros elogios que recebera. Afirmava que poucas vezes os meios literários brasileiros haviam visto um livro inaugural como este e que Monteiro Lobato revelava todo o seu talento “quando nos mostra o pensador dos nossos problemas sociais, quando nos revela, ao pintar a desgraça das nossas gentes roceiras, a sua grande simpatia por elas” (BARRETO, 2017, p. 147). Confirmam-se as afinidades temáticas que ambos possuíam com os problemas que afetavam a sociedade brasileira.

Contudo, esta relação não se manteve restrita apenas a um debate intelectual ou à troca de elogios de parte a parte, ela gerou frutos profissionais que foram benéficos principalmente para o escritor carioca. Como já referido, Lima Barreto sempre possuiu inúmeras dificuldades para publicar seus livros, tendo que retirar de seu bolso os recursos para a impressão, abrir mão dos direitos autorais ou vendê-los por valores ínfimos. O contrato proposto por Monteiro Lobato para a publicação de “Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá” (1919) foi a primeira oferta realmente vantajosa que Barreto recebera de um editor.

Curiosamente, ainda que os dois escritores tenham trocado correspondências durante quatro anos, de 1918 até as vésperas da morte de Lima Barreto (1922), eles encontraram-se, muito brevemente, apenas uma vez. Segundo o biógrafo Francisco de Assis Barbosa (2002), Monteiro Lobato chegou a viajar ao Rio de Janeiro para encontrar o escritor carioca, mas ao avistá-lo, o estado de embriaguez de Lima Barreto era tamanho que acabou espantando-o e fazendo com que este encontro fosse adiado. Somente em 1921, quando Lima Barreto fazia uma viagem pelo interior paulista para tentar recuperar sua saúde fragilizada pelo consumo excessivo do álcool, que os amigos de correspondência puderam trocar um breve abraço no escritório de Monteiro Lobato (BARBOSA, 2002, p. 341).

A generosidade que Lima Barreto despendeu para com Lobato não era uma exclusividade deste, mas um hábito que possuía toda vez que convidado a analisar a obra de um jovem escritor. Nestes momentos, segundo Lília Schwarcz (2017), o escritor, sempre tão agressivo e irônico, assumia uma postura afável e quase paternal. Aos iniciantes, aconselhava que adotassem também uma postura militante em sua literatura, denunciando as injustiças e os

problemas do povo, difundindo assim sua concepção sobre o papel social da literatura. Lima Barreto esforçava-se por responder as cartas e os livros recebidos, mas quando isto não era possível, dedicava espaço aos novos escritores em suas crônicas.

Em 1922, ano de sua morte, Lima Barreto, contrariando sua usual receptividade, envolveu-se em uma última rusga literária com um grupo de jovens intelectuais, escritores e artistas que surgiam na cidade de São Paulo. Os novos desafetos, possivelmente os últimos, eram os líderes do movimento modernista que se originou na cidade de São Paulo, em fevereiro de 1922, com o lançamento da Semana de Arte Moderna. Possuidor de uma imagem rebelde e tendo lutado por anos contra o formalismo parnasiano na escrita, Lima Barreto parecia ter muitos pontos em comum com o Modernismo, não é por acaso que o escritor foi enquadrado posteriormente pela historiografia literária entre os chamados pré-modernistas. Estas afinidades parecem ter saltado aos olhos de Sérgio Buarque de Holanda, que entregou nas mãos de Lima Barreto uma cópia da terceira edição da *Klaxon*, visando receber um pouco da publicidade que as crônicas do escritor carioca promoviam, como confidenciou a Mário de Andrade em carta.

Lima Barreto, porém, não recebeu os escritos dos integrantes da *Klaxon* com a mesma simpatia que lhe era comum neste tipo de situação. Suas impressões sobre os modernos foram expostas em uma crônica, intitulada “O futurismo”, publicada na revista *Careta* em 22 de julho de 1922.

São Paulo tem a virtude de descobrir o mel do pau em ninho de coruja. De quando em quando, ele nos manda umas novidades velhas de quarenta anos. Agora, por intermédio do meu simpático amigo Sérgio Buarque de Holanda, quer nos impingir como descoberta dele, São Paulo, o tal de “futurismo” ... Recebi, e agradeço, uma revista de São Paulo que se intitula *Klaxon*. Em começo, pensei que se tratasse de uma revista de propaganda de alguma marca de automóveis americanos. Não havia para tal motivos de dúvidas, porque um nome tão estrambótico não podia ser senão inventado por mercadores americanos, para vender o seu produto... Estava neste “engano led e cego”, quando me dispus a ler a tal *Klaxon* ou Clark. Foi, então, que descobri que se tratava de uma revista de Arte, de Arte transcendente, destinada a revolucionar a literatura nacional e de outros países, inclusive a Judeia e a Bessarábia. (BARRETO, 2017, p. 310 – 311)

Associando o movimento modernista ao futurismo<sup>16</sup>, Lima Barreto usa de sua ferramenta mais corriqueira, a ironia, para avaliar a revista. Logo, após iniciar o texto atacando os problemas do futurismo, o escritor assume um tom zombeteiro para desqualificar

---

<sup>16</sup> Movimento surgido na Europa, em 1909, com a publicação na capa do jornal francês *Le Figaro* do manifesto futurista escrito pelo poeta, crítico de arte e jornalista italiano Filippo Marinetti. Dentre as suas principais características, estava o rompimento com o tradicionalismo cultural, a exaltação a velocidade, a coragem, o amor ao perigo, etc.

o próprio nome da publicação, e passa a questionar o tamanho da ambição de seus líderes que queriam revolucionar a literatura nacional. No fim da crônica, Lima Barreto cessa com suas críticas ácidas, para adotar uma postura mais conciliadora e encerra afirmando que sua hostilidade não se direcionava aos jovens escritores da *Klaxon*, mas se devia a sua implicância com o Futurismo.

Monteiro e Schwarcz (2016) especulam que existem razões mais profundas para explicar a agressividade de Lima Barreto para com os modernos paulistas. Um dos problemas consistia no financiamento da Semana da Arte Moderna, relacionado a Paulo Prado e outras figuras da elite paulista. Há muitos anos, Lima Barreto havia se declarado inimigo da República, uma vez que o governo servia aos interesses de um grupo específico. Este conjunto seria formado pela aristocracia paulista, e sua ganância era vista por Barreto como o agente causador de muitos dos problemas da nação. Desta feita, o financiador do evento que lançou o Modernismo no Brasil, faria parte desta classe a quem o escritor tanto detestava. O outro fator que gerava contrariedade, era o fato de que entre os reconhecidos como modernos até então, Lima Barreto conhecia apenas Graça Aranha. Membro da Academia Brasileira de Letras, as ideias do autor de *Canaã* desagradavam a Lima Barreto, que o chamava de “caixeiro-viajante” de Antonio Prado e um representante literário dos desígnios da elite de São Paulo. Sendo assim, Lima Barreto recebeu com tamanha antipatia o movimento “pois parecia predisposto a não gostar das atividades dos “moços”, que associava de um lado à burguesia do café; de outro, ao acadêmico Graça Aranha, e ao que chamava de uma visão copiada e inapropriada do futurismo” (MONTEIRO e SCHWARCZ, 2016, p. 46).

Na última página da edição seguinte da *Klaxon*, em agosto de 1922, de forma anônima, uma resposta contundente de seus integrantes direcionada a Lima Barreto foi publicada. O teor era o mesmo utilizado pelo escritor carioca em sua crônica, ou seja, um ataque direto, repleto de deboches e ironias, porém desprovido do elemento conciliatório utilizado por Barreto no final de seu texto para aliviar as críticas. Não existem registros de cartas ou crônicas publicadas por Lima Barreto com uma tréplica a *Klaxon*, logo não é possível afirmar que o escritor tenha lido o texto. Fato é que a rusga literária e geracional não avançou, provavelmente, pois Lima Barreto já estava combalido fisicamente por esta época e viria a falecer alguns meses depois, em novembro daquele mesmo ano.

Após sua morte, os estigmas que Lima Barreto sofrera em vida permaneceram sobre a sua produção literária, ou seja, silenciamento, acusações de que seus textos eram mal escritos ou possuíam excesso de realismo, no entanto a imagem do escritor maldito foi de certa maneira exagerada. Embora Lima Barreto não tenha alcançado o sucesso financeiro com os

seus romances, algo muito difícil para a grande maioria dos escritores do período, posto que existia um grande número de analfabetos no país e um incipiente mercado literário. Isto não significa dizer que o escritor era alguém absolutamente ignorado pela crítica. Lima Barreto possuía um trabalho expressivo de publicações em jornais, se ele considerava a crônica uma forma literária menos relevante que o romance não é possível afirmar, que era acompanhado por seus pares e, principalmente, por escritores aspirantes. Este fato fica evidente em suas correspondências, onde são incontáveis os pedidos de jovens escritores para que Lima Barreto desse seu parecer e suas recomendações sobre seus livros. E dentro deste grupo estão nomes notáveis, que viriam a produzir alguns dos livros e movimentos mais importantes do século XX, como os já citados Monteiro Lobato e Sérgio Buarque de Holanda. Maldito ou não, entender este discurso que Lima Barreto construiu sobre si mesmo e as condições sociais que o levaram a esta autoimagem exige um aprofundamento maior em seus escritos e seu contexto, abordagem a ser explorada no próximo capítulo.

## O Flanco Sempre Aberto

*Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade.*

*Desgraçado nascimento tive eu! Cheio de aptidões, de boas qualidades, de grandes e poderosos defeitos, vou morrer sem nada ter feito.*

*Lima Barreto*

*A ilusão do destino tem um preço extraordinariamente elevado.*  
*Amartya Sen*

Identidades são como mosaicos, compostas de pequenas peças que aglomeradas formam uma grande figura. No entanto, ao contrário da expressão artística, sua complexidade reside no fato de que os fragmentos dos processos identitários não são fixos, ou seja, alteram-se de acordo com as situações que surgem na trajetória de cada indivíduo. Assim, identidades são obras fundamentalmente inacabadas, uma vez que estão em constante movimento de reelaboração.

Dentro dos estudos sobre a etnicidade, existe uma vertente chamada por Anthony Smith de “situacional”<sup>17</sup>. Nesta corrente, pertencer a um grupo étnico se deve as atitudes, percepções e sentimentos, essencialmente flutuantes e mutáveis, alterando-se conforme a situação particular do indivíduo. Quando as circunstâncias do sujeito mudam, o mesmo acontecerá com a sua identificação ao grupo. As identidades e discursos adotados pelo indivíduo irão variar de importância para o mesmo em períodos e situações diferentes (SMITH, 1997, p.36).

Logo, a pretensão deste capítulo é identificar os principais fragmentos que compõem a persona de Lima Barreto, observando como sua experiência social e suas frustrações pessoais alteraram a relação do escritor com sua negritude e com as classes mais baixas da sociedade da época ao longo de sua trajetória. Para se realizar tal empreendimento, a análise não fica restrita apenas aos textos íntimos ou as crônicas do escritor, uma vez que, como afirma Francisco de Assis Barbosa (2002), Lima Barreto era um dos autores que mais se confessava

---

17 Em contraposição a esta vertente, existe a conceituação primordialista do etnicismo. Nesta teoria, o etnicismo existe por natureza, fora do tempo. “É um dos dados da existência humana” (SMITH, 1997, p.35). Mas o autor em questão ressalta que entre estas duas extremidades existe uma abordagem que salienta os aspectos históricos e simbólicos culturais da identidade étnica, perspectiva adotada pelo próprio Smith.

em sua prosa. Assim, é através das descrições e discursos de seus personagens que o literato carioca dava voz as suas angústias e desvelava muito de sua alma.

O primeiro ponto a ser analisado sobre Lima Barreto é a sua atuação enquanto intelectual, pois seus altos e baixos dentro desta atividade influenciaram diretamente a forma como o escritor se relacionava com o mundo a sua volta.

A formação intelectual tanto de Lima Barreto quanto de sua família foi marcada por especificidades relevantes de serem destacadas se levarmos em conta o contexto de dificuldades dos ex-escravizados e seus descendentes de terem acesso a educação formal no final do século XIX.

Desde a Constituição Imperial, outorgada em 1824, os escravizados foram proibidos legalmente de frequentar estabelecimentos de ensino. direito este que era garantido apenas aos libertos e a outros estratos da população mais pobre. No entanto, o objetivo do governo não era promover uma inclusão através do ensino, mas sim civilizar os hábitos e enquadrar dentro de padrões morais o comportamento dos filhos de pobres, libertos e mestiços. Por isto mesmo, as crianças brancas, de famílias que possuíam melhores condições financeiras, eram educadas em casa, longe do convívio com as “classes perigosas”.

Porém, mesmo que tivessem o direito legal de frequentar a escola, os libertos também enfrentavam grandes percalços em sua busca por educação. Em muitas províncias, a frequência de pessoas de origem africana nas escolas, independentemente de serem escravizadas ou não, era proibida. O preconceito racial estrutural da sociedade escravista no Brasil do século XIX era outro fator que dificultava o acesso destas pessoas ao ensino. E por fim, havia uma forte pressão econômica, posto que muitos pais não conseguiam arcar com as despesas para a manutenção de seus filhos nos estabelecimentos de ensino. Em muitos casos, as próprias crianças precisavam abandonar a escola para ajudar no sustento da família.

Na segunda metade do século XIX, começaram a surgir iniciativas privadas para garantir aos negros o acesso à educação, uma vez que estes viam no ensino a possibilidade de mobilidade social. Tendo em vista o tratamento desigual que recebiam nas escolas públicas, encontraram na auto-organização e no associativismo uma forma de combater estas desigualdades. Logo, formaram-se inúmeras associações voltadas para a alfabetização dos afrodescendentes, pois acreditava-se que o letramento proporcionava o desvendamento do mundo e tinha o poder de mudar a vida das pessoas. À medida que os negros dominassem os códigos do mundo moderno e avançassem no campo educacional, atingiriam a sonhada mobilidade social, seriam respeitados, reconhecidos e estimados pela sociedade. Estas pessoas

conferiam à educação o poder de anular o preconceito racial, e quem sabe erradicá-lo (DOMINGUES, 2013, p.282).

Os pais de Lima Barreto compartilhavam desta crença no poder redentor da educação. No entanto, as estratégias de que se valeram para obter a almejada ascensão social foram muito diversas, se comparadas com os meios utilizados pela maioria da população escravizada que buscava fugir de sua condição. Embora fosse filho de uma escravizada (Carlota Maria dos Anjos) e de um português, que não assumiu a sua paternidade, o pai de Lima Barreto, João Henriques, possuía uma sólida formação como tipógrafo e contou com uma boa colocação profissional em periódicos como *A Reforma* e na Imprensa Nacional, devido a suas relações de compadrio com o visconde de Ouro Preto<sup>18</sup> (SCHWARCZ, 2017, p. 46).

Amália Augusta, mãe de Lima Barreto, também não limitou sua educação a conhecer apenas as primeiras letras, buscando receber uma instrução formal superior e uma colocação profissional, dentro dos limites que eram permitidos às mulheres no mundo do trabalho no último quartel do século XIX. Assim como seu marido João Henriques, Amália era filha de uma escravizada liberta e necessitou lançar mão do uso das relações de apadrinhamento e proteção para atingir seus objetivos e romper a barreira da cor. Amália Augusta recebeu sua formação educacional e o diploma de professora pública graças à proteção e criação da família de seu padrinho<sup>19</sup>, Manuel Feliciano Pereira de Carvalho<sup>20</sup> (BARBOSA, 2002, p. 42).

João Henriques acalentava o sonho de tornar-se doutor, mais especificamente médico. No entanto, o nascimento dos filhos, as dificuldades para lidar com as despesas da família, os inúmeros problemas de saúde de sua esposa, que a levaram a uma morte precoce, fizeram-no desistir de seu projeto. Logo, o tipógrafo tratou de transferir suas aspirações para seu primogênito, Afonso Henriques, procurando garantir-lhe uma educação qualificada e que tornasse possível a consolidação de seus anseios de ver o filho doutor pela Escola Politécnica. Para realizar tal empreendimento, João Henriques contou, novamente, com suas estreitas relações de compadrio com o visconde de Ouro Preto, que era padrinho de Lima Barreto e concordou em custear os estudos de seu afilhado. Desta forma, o escritor carioca recebeu uma

---

<sup>18</sup> Afonso Celso de Assis Figueiredo (1836 – 1912) foi um político monarquista e conservador que atuou como senador pelo estado de Minas Gerais, ministro da Marinha de 1866 a 1868, da Fazenda entre os anos de 1879 e 1880, e passou a ser conselheiro do Estado em 1882. Em 1888, recebeu o título nobiliárquico de visconde de Ouro Preto (SCHWARCZ, 2017, p. 41).

<sup>19</sup> Em *Triste Visionário* (2017), Lília Schwarcz especula que Amália e seus irmãos fossem na verdade bastardos de Manuel Feliciano ou de algum de seus parentes, no entanto não apresenta nenhuma evidência que corrobore com esta hipótese.

<sup>20</sup> Manuel Feliciano Pereira de Carvalho (1806 – 1867) foi cirurgião-mor do Exército, diretor da Faculdade de Medicina, presidente da Academia Imperial de Medicina, conselheiro do Imperador dom Pedro II, é considerado o Patriarca da Cirurgia Brasileira. Sob o comando do duque de Caxias lutou na Revolução Farroupilha (1835 – 1845) e na Guerra do Paraguai (1864 – 1870) (BARBOSA, 2002, p. 39 – 40).

instrução educacional ímpar, tendo em vista que estudou em algumas das melhores escolas do Rio de Janeiro da época (BARBOSA, 2002, p. 67).

Embora tenha fracassado em sua carreira acadêmica<sup>21</sup>, isto não muda o fato de que Lima Barreto possuía um grau de instrução elevado em comparação com a grande maioria da população negra do período. Em seus diários e textos ficcionais é possível observar que o escritor tinha consciência destas diferenças e possuía orgulho de suas capacidades intelectuais.

Em passagem registrada em seu diário em 1905, Lima Barreto permite entrever como entendia e marcava estas diferenças em relação às pessoas que possuíam sua mesma origem étnica. O registro em questão trata-se de uma visita que o escritor realizou a um colega de repartição que vivia na cidade de São Gonçalo. Durante a curta viagem, analisa e descreve a paisagem que observa.

Eu vi pelo caminho uma grande casa solarenga, em meio de um grande terreno, murado com um forte muro de pedra e cal. Estava em abandono, grandes panos de muro caídos e as aberturas fechadas com frágeis cercas de bambu. Eu me lembrei que a grande família de cuja escravatura saíra minha avó, tinha se extinguido, e que deles, diretamente, pelos laços de sangue e de adoção, só restavam um punhado de mulatos, muitos, trinta ou mais, de várias condições, e eu era o que mais prometia e o que mais ambições tinha (BARRETO, 1956, p. 136).

Segundo Rafael Silva o trecho em questão revela as contradições de Lima Barreto na sua escrita antirracista, uma vez que o escritor parece hierarquizar os negros e mulatos, observando que alguns foram ficando pelo caminho enquanto ele próprio continuou a evoluir devido a influência da cultura europeia com que tivera contato (SILVA, 2002, p. 44 – 45).

Entretanto, acredita-se que o excerto abordado demonstra as expectativas de um jovem, uma vez que o registro foi realizado em 1905 e Lima Barreto possuía a época 24 anos apenas, quando sonhava vencer como escritor. Consciente das dificuldades da população afrodescendente, via-se, portanto, como alguém privilegiado, frente às pessoas que possuíam origem étnica semelhante à sua, por causa de sua educação que lhe conferia a capacidade de realizar grandes feitos.

Além de depositar suas esperanças na atividade intelectual, o jovem Lima Barreto tinha muito orgulho de sua própria formação, fato este que também é observado por seu primeiro biógrafo, Francisco de Assis Barbosa

---

<sup>21</sup> Tema abordado brevemente no início do primeiro capítulo.

Desde que deixara os bancos escolares do Cunditt e do Paula Freitas formara da própria inteligência um alto conceito. Possuía, de fato, grande orgulho de ser intelectual, orgulho que as sucessivas bombas na Escola Politécnica não conseguiram derruir, nem sequer abalar. Sentia-se, na verdade, muito acima da mediocridade do meio em que vivia, não somente em casa, como na repartição (BARBOSA, 2002, p. 161).

Esta vaidade escolar é observável nos trechos iniciais de seu romance de estreia *Recordações do escritor Isaías Caminha*. O escritor dedica as duas primeiras páginas de seu livro a listar seus feitos educacionais que podem ser resumidos pelo trecho em que destaca: “brilhei, e com o tempo foram se desdobrando as minhas primitivas noções sobre o saber. Acentuaram-se-me tendências; pus-me a colimar glórias extraordinárias, sem lhes avaliar ao certo a significação e a utilidade” (BARRETO, 2012, p. 15).

Embora trate-se de um texto ficcional, o autor insere alguns elementos que remetem a sua própria biografia, permitindo que sejam construídas algumas relações. Assim como seu personagem Isaías, Lima Barreto ganhou de sua primeira professora um livro com uma dedicatória que muito lhe envaidecia e que tratou de guardar com muito zelo em sua biblioteca, sempre se referindo à obra com muito carinho. A própria descrição da professora Éster, de Isaías Caminha, com seus olhos azuis e cabelos castanhos, remetem à professora de Lima Barreto no Liceu Popular Niteroiense, Miss Annie Cunditt. O escritor destaca que Caminha se afeiçoara de tal maneira à professora que sentira ciúmes quando ela se casou. Curiosamente, no mesmo período em que Barreto estudara no Liceu Popular sua professora Annie também viera a se casar (BARBOSA, 2002, p. 68). Estas pequenas coincidências autobiográficas servem apenas para exemplificar como a versão jovem e orgulhosa de Isaías Caminha refletem os primeiros passos da trajetória intelectual de seu criador.

A concepção de Lima Barreto sobre as atividades literárias, no entanto, não se circunscrevia apenas ao sucesso acadêmico. Para o escritor, fazia-se necessário que as pessoas letradas possuíssem talento, qualidade que tinha uma acepção muito particular para ele, e estivessem dispostas a utilizar sua erudição para lutar em prol de nobres causas que se destinassem a promover a melhoria da nação.

Talento é uma palavra recorrente nos romances e contos de Lima Barreto, geralmente utilizada para descrever a ausência ou presença das faculdades mentais de seus personagens. O escritor compreende o termo como a habilidade de realizar grandes reflexões filosóficas acerca de temas relevantes, a dedicação ou o prazer de obter o conhecimento, e por fim, a capacidade de exprimir suas ideias em uma forma literária interessante. Numa Pompílio de Castro, protagonista do romance *Numa e Ninfa*, por oposição, é o principal exemplo desta

forma como pensava Lima Barreto sobre a questão do talento, uma vez que o patético personagem não é dotado de nenhuma das qualidades elencadas por seu criador. Numa representa tudo aquilo que era considerado condenável pelo escritor.

Ironicamente batizado com o nome de um imperador romano, Numa Pompílio é um deputado federal medíocre que construiu sua carreira em torno da subserviência e do clientelismo. Para superar sua origem humilde dedica-se aos estudos para obter a titulação de doutor. Entretanto, nunca nutriu por esta atividade qualquer tipo de prazer, realizando-a de forma maquinal. Assim que obtinha aprovação em determinada disciplina, prontamente Numa esquecia tudo aquilo que havia estudado. O conhecimento e os livros não possuíam qualquer sentido para o protagonista, que não o de lhe conduzirem ao título de doutor (BARRETO, 2017, p. 48).

Após crescer na carreira pública utilizando-se dos mais variados métodos para angariar favores das lideranças locais, Numa conclui suas aspirações arrivistas casando-se com Edgarda, a filha de um poderoso senador da República, relacionamento que lhe garante a eleição como deputado federal. Diferentemente de seu marido, Edgarda possuía grande apreço pela leitura, hábito que ele muito estranhava, acalentando o sonho de vê-lo como um nome de relevo nas mais altas esferas republicanas. Contudo, seu desejo esbarrava justamente na inabilidade de Numa tanto com a palavra escrita quanto com a oratória. Assim, tal qual a ninfa da lenda<sup>22</sup>, Edgarda passa a redigir os discursos do marido, que acaba tornando-o figura reconhecida entre seus pares por sua eloquência. Frente a estas características, o que transparece em Numa é a total ausência de talento, dentro da concepção de Lima Barreto sobre a questão, ou seja, a falta de capacidade ou prazer pelas atividades intelectuais, a inabilidade para com a escrita e o desprezo pela literatura. Em diálogo com um colega da classe política, o próprio Numa confessa sua aversão à classe dos intelectuais e suas atividades.

Numa não gostava de talentos, não os invejava; não gostava mesmo, achava-os prejudiciais à vida, fracos para obter a mínima coisa, orgulhosos e exigentes e, como que a perturbar a existência dos felizes, com a atenção que se devia a eles.

- Não gostas de talentos? – perguntou Sousa, que tratava assim, intimamente, a maioria dos políticos.

- São muito pretensiosos, não se submetem a ninguém e não amam ninguém.

<sup>22</sup> Segundo a lenda, reforçada por Tito Lívio e Plutarco, as reformas políticas e religiosas ocorridas em Roma após o desaparecimento de Rômulo teriam sido ditadas pela ninfa Egéria ao imperador Numa Pompílio (715 - 673 a.C.). O soberano era reconhecido em seu tempo por seus profundos conhecimentos sobre as leis divinas, o que lhe valeu o apelido de Pio. Ainda segundo a lenda, enquanto realizava um de seus corriqueiros passeios pelos bosques do palácio em companhia da ninfa, ambos acabaram se apaixonando e se casando (PRADO, 2017, p. 31).

Assim, Lima Barreto revela por meio da frase de seu obtuso personagem uma outra característica que julgava fundamental para qualquer literato, a independência. Não estar ligado por laços de submissão, especialmente a membros da classe política, era a única forma de se cumprir o que considerava o verdadeiro objetivo da literatura. Para Lima Barreto, aqueles que se dedicavam às letras deviam assumir em sua escrita um compromisso de militar em defesa de temas sociais, denunciando os abusos da classe política e se solidarizando com as dores do povo. O seu modelo de literato necessitava ainda ser dotado de ideias singulares e não se conformar com opiniões que se adequassem à vontade da maioria, inspirando-se em grandes nomes que considerava extravagantes como Zola e Tolstói (SCHWARCZ, 2017, p. 17).

Uma vez que Lima Barreto possuía parâmetros tão rígidos sobre a conduta e os deveres dos literatos, torna-se possível compreender algumas das severas críticas que o mesmo dirigia a seus pares, especialmente ao seu grande desafeto Coelho Neto<sup>23</sup>. Este foi eleito por Lima Barreto, que parecia possuir verdadeira repulsa pelo escritor maranhense, como sua verdadeira antítese, uma rusga literária que possuía uma origem controversa<sup>24</sup>. Representante do chamado estilo neoparnasiano, Coelho Neto escrevia com uma linguagem muito empolada, embasada na imitação de escrita artística, ao mesmo tempo que em suas obras repetiam-se sempre as mesmas temáticas, palavras e ritmos o que, segundo o crítico Alfredo Bosi, retirava da literatura sua originalidade (BOSI, 1968, p. 19).

Lima Barreto, por sua vez, como já foi dito, acreditava que a literatura possuía uma missão e para realizá-la tornava-se essencial que a linguagem fosse acessível a todos os homens, desde os que habitavam as mais altas esferas letradas até aqueles que tinham pouca intimidade com o mundo das letras. Entretanto, as críticas de Lima Barreto a Coelho Neto não se limitavam ao que entendia como uma escrita verborrágica e vazia de significados. Para o escritor carioca, Neto utilizava-se da literatura de maneira egoísta ao promover-se politicamente através do sucesso de seus romances. E mesmo ocupando uma cadeira na Câmara, não conseguiu atuar dentro deste espaço no sentido de promover debates e

---

<sup>23</sup> Henrique Maximiano Coelho Neto (1864 – 1934) atuou como romancista, crítico e teatrólogo. Foi um dos idealizadores da Academia Brasileira de Letras. A grande quantidade de livros publicados e vendidos lhe garantiram a alcunha de “fabricante de romances”.

<sup>24</sup> Segundo os biógrafos de Lima Barreto, a desavença teria se iniciado por causa de um mal-entendido. Em certo momento Coelho Neto escreveu uma resenha elogiosa sobre um dos livros de Barreto para o jornal *O País*. O escritor carioca foi até a residência de Coelho Neto para agradecer, porém foi recebido com desdém pelos empregados que o tomaram por um maltrapilho. Confuso com os ataques ferinos que recebia, o literato maranhense descobriu a indelicadeza que havia cometido indiretamente e buscou uma reconciliação (SCHWARCZ, 2017, p. 204).

transformações relevantes. O desprezo de Lima Barreto por Coelho Neto, tanto como literato quanto político, está claramente expresso na crônica *Literatura e política*, publicada originalmente na edição do dia 18 de janeiro de 1918 do semanário *A Lanterna*.

Em anos como os que estão correndo, de uma literatura militante, cheia de preocupações políticas, morais e sociais, a literatura do sr. Coelho Neto ficou sendo puramente contemplativa, estilizante, sem cogitações outras que não as da arte poética, consagrada no círculo dos grandes burgueses embotados pelo dinheiro. Indo para a Câmara, onde não podia ser poético ao jeito do sr. Fausto Ferraz, porque o sr. Neto tem senso comum; onde também não podia ser político à guisa do sr. Urbano Santos, porque o senhor sr. Neto tem talento, vergonha e orgulho de si mesmo, do seu honesto trabalho e da grandeza da sua glória; indo para a Câmara, dizia, o grande romancista, sem estar saturado dos ideais da época, não pôde ser o que um literato deve ser quando logra pisar em tais lugares: um semeador de ideias, um batedor do futuro (BARRETO, 2017, p. 137).

A ferocidade de Lima Barreto não era exclusividade de Coelho Neto<sup>25</sup>, assim como o escritor maranhense, muitos outros literatos, políticos e figuras de relevo na sociedade da época foram vítimas de suas ironias e deboches. Estas pessoas também eram acusadas de atuar de maneira medíocre nos cargos e profissões que desempenhavam; conservarem ideias estéreis frente aos debates importantes para o período; ou possuírem sérias limitações intelectuais para a posição que ocupavam. Esta irascibilidade de Lima Barreto possui raízes psicológicas mais profundas.

Uma vez que sua postura enquanto intelectual era rigorosamente oposta à de seus desafetos, ao menos o escritor acreditava ser assim, Lima Barreto esperava que seus inúmeros talentos, sua capacidade intelectual e seu projeto de exercer uma literatura militante lhe trouxessem glórias e reconhecimento. Mais do que isso, o sucesso enquanto escritor viria para redimir os seus sofrimentos, principalmente o racismo que sofrera na Escola Politécnica, o que considerava um “desgosto que o fazia grande” (DOMINGUES e GOMES, 2011, p. 8). Contudo, Lima Barreto viu seus projetos esfacelarem-se, e suas frustrações foram agravadas pela difícil situação financeira em que se encontrava constantemente, e ao invés de glórias, o literato acumulou derrotas.

---

<sup>25</sup> Desde o início de sua trajetória o prolífico escritor maranhense sofreu críticas por seu estilo verborrágico e de prosa excêntrica, seduzida pela estética oriental e da Grécia Antiga. Ou seja, Lima Barreto não era o único crítico que possuía reservas a literatura produzida por Coelho Neto. Segundo Luciana Murari (2011), o escritor passou por um curioso processo de transformação de um “medalhão” para alguém considerado “maldito” na literatura brasileira, o que se traduz em poucos trabalhos acadêmicos produzidos sobre ele. Embora tenha sido relegado ao limbo, acusado de ser um escritor oficialista, alienado e alinhado aos setores conservadores da sociedade, isto não significa que sua obra seja desprovida de qualidades. Os críticos que buscam resgatar a prosa de Coelho Neto atentam principalmente para o caráter documental de seus diversos textos (MURARI, 2011, p. 26 – 27).

Por não ser reconhecido como membro da Academia Brasileira de Letras, para a qual se candidatou três vezes (desistindo na última); por não ser convidado a participar dos grupos boêmios letrados que se reuniam nas confeitarias do Rio de Janeiro; ou ainda por ter seu acesso vetado a centros como a Academia dos Novos (1911) ou a Sociedade dos Homens de Letras (1914), onde nem a posição de bibliotecário lhe foi conferida, não lhe faltaram exemplos práticos a fundamentar sua desconfiança para com a elite local. (SCHWARCZ, 2010, p. 25)

A relação de Lima Barreto para com as elites de seu período não estava restrita apenas a desconfiança. O escritor deixava transparecer em seus mais variados textos toda sua raiva contra as classes dominantes, ridicularizando seus hábitos, apontando suas falhas e negligências na condução política e econômica do país. Este sentimento não se dava em rompantes de agressividade, pois sua raiva era cultivada de maneira perene e tomava forma e representação no escárnio constante de seus personagens e crônicas, configurando assim o que pode ser definido como ressentimento.

Segundo David Konstan (2004), as emoções e seus significados, assim como as experiências emocionais, e dentre elas o ressentimento, são produtos culturais que se originam da vida social. O ressentimento especificamente possui três acepções diferentes, aos quais o autor nomeia de psicológico, social e existencial. O sentido psicológico é descrito por Konstan como a raiva ou irritação diante de uma ofensa. Entretanto, este sentimento não pode ser confundido com um acesso de fúria passageiro, posto que o ressentimento é uma emoção duradoura e acalentada com o desenrolar do tempo. O sentido social se origina da noção de que o estrato da sociedade ao qual se faz parte está colocado de maneira injusta em uma posição inferior dentro da hierarquia social. Logo, dentro desta concepção, o ressentimento é fruto de preconceito ou de discriminação, uma vez que expõe alguém a alguma situação de desigualdade devido ao grupo ao qual a pessoa pertence (KONSTAN, 2004, p. 61 – 62).

O sentido existencial, por sua vez, é entendido por Konstan dentro de uma moderna tradição filosófica ou especulativa que tem início com Dostoievski e Nietzsche, e que foi posteriormente desenvolvida por Max Scheler, Martin Heidegger, entre outros. Esta compreensão do significado de ressentimento é definida por Scheler como

Uma atitude mental duradoura, causada pela repressão sistemática de certas emoções e afetos que são componentes normais da natureza humana. A repressão dessas emoções leva a uma tendência constante de se permitir atribuir valores incorretos e juízos de valor correspondentes. As emoções e afetos primordialmente referidos são vingança, ódio, malícia, inveja, o impulso a diminuir e desprezar. (SCHELER, 1998, p. 29).

Existem inúmeras passagens do diário íntimo de Lima Barreto semelhantes ao episódio em que teve início sua rusga com Coelho Neto, em que o escritor cita desfeitas que lhe foram cometidas para exemplificar aquilo que é entendido por meio do sentido psicológico do ressentimento. Entretanto, a forma mais apropriada para analisar a sua trajetória se dá pelo prisma do significado social do ressentimento. Não existe uma forma de se mensurar os fatores que influenciaram de maneira determinante para que o escritor fosse preterido entre os intelectuais da época, mas o próprio Lima Barreto elegeu o fato de ser afrodescendente como o principal motivo para seus constantes insucessos.

Diferentemente de seus pares intelectuais, que tiveram seus sonhos para o novo país que se criava com a instauração da República solapados pela realidade, o ressentimento de Lima Barreto não provinha de uma nostalgia romântica difusa<sup>26</sup>. Em seu caso, há uma consciência social que transpassa por toda sua obra. O escritor conclui que existe uma distribuição desigual da sorte, estimando a injustiça dos privilegiados e a profunda indignidade social existente. Este desterro intelectual se pauta em sua vivência particular profunda, engastada no destino familiar e íntimo, mas respaldado por uma avaliação crítica da política e economia da época. Talvez isto explique o porquê de a ascensão social ser tratada em sua obra não apenas como aspiração, mas, principalmente, como impossibilidade (SCHWARCZ, 2010, p.25).

Entretanto, o ressentimento de Lima Barreto não era fruto apenas de seus insucessos enquanto escritor. Outros aspectos de sua vida social, e suas decorrentes frustrações, afetavam profundamente a sua forma de enxergar a sociedade brasileira da época. Sua revolta era o resultado do somatório de outros fatores como seu trabalho enquanto amanuense da Secretaria da Guerra, atividade que considerava maçante e um grande desperdício de seus talentos; sua relação atribulada com seus familiares, marcada pelas dificuldades financeiras e pela condição mental de seu pai; o alcoolismo, refúgio para suas mágoas mas que lhe causou episódios de grande embaraço particular, como as suas duas internações no hospício por alucinação alcoólica; e, por fim, aquele que considerava a verdadeira causa de seus infortúnios, o racismo.

Após o agravamento da condição mental de seu pai, e sua consequente aposentadoria, Lima Barreto encontrou no concurso para amanuense da Secretaria da Guerra uma solução para continuar provendo o sustento de sua família. Em 1903, o escritor prestou concurso e acabou classificando-se em segundo lugar devido a sua terrível letra, o que anos depois o faria

---

<sup>26</sup> Sobre a crise dos intelectuais na passagem do século XIX para o século XX, ver *Literatura como missão* (2009) de Nicolau Sevcenko.

escrever “a minha letra é um bilhete de loteria. Às vezes ela me dá muito, outras vezes tira-me os últimos tostões da minha inteligência” (BARRETO, 2010, p. 551)

Em diversas passagens registradas em seu diário íntimo, Lima Barreto revela o desprezo que sente tanto pelo serviço burocrático, quanto por seus colegas de repartição. Para o escritor a atividade de redigir e copiar documentos diariamente não lhe exigia qualquer esforço intelectual, além de ser uma profissão que não possuía nenhuma importância para o destino da nação, conferindo a Barreto e seus colegas uma existência verdadeiramente medíocre. No conto “Três gênios da secretaria”<sup>27</sup>(2010), o escritor expõe todas estas impressões sobre o trabalho que exerce.

Mas, como dizia, todos nós nascemos para funcionário público. Aquela placidez do ofício, sem atritos, nem descontentamentos violentos; aquele deslizar macio durante cinco horas por dia; aquela mediania de posição e fortuna, garantindo inabalavelmente uma vida medíocre – tudo isso vai muito bem com as nossas vistas e os nossos temperamentos. Os dias no emprego do Estado nada têm de imprevisto, não pedem qualquer espécie de esforço a mais para viver o dia seguinte. Tudo corre calma e suavemente, sem colisões nem sobressaltos, escrevendo-se os mesmos papéis e avisos, os mesmos decretos e portarias, da mesma maneira, durante todo o ano, exceto os dias feriados, santificados e os de ponto facultativo, invenção das melhores da nossa República. De resto, tudo nele é sossego e quietude. O corpo fica em cômodo jeito; o espírito aquieta-se, não tem efervescências nem angústias; as praxes estão fixas e as fórmulas já sabidas (BARRETO, 2010, p. 473).

Esta mansidão, descrita com muitos de seus sinônimos pelo escritor, faz, na concepção de Lima Barreto, com que exista nas repartições públicas do período legítimos funcionários patéticos, principalmente do ponto de vista intelectual. No já referido conto, Augusto Machado, personagem que atua como narrador de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, descreve, em suas memórias “enviadas” a Lima Barreto, três tipos de funcionários, ironicamente chamados de gênios, com quem conviveu na Secretaria dos Cultos. Mesmo aqueles por quem o autor parecesse nutrir algum respeito não escapam de suas críticas e ironias.

O primeiro tipo de funcionário público identificado por Lima Barreto é aquele que ele define como do “estilo antigo”. É o tipo de homem que merece respeito por sua honestidade e integridade pessoal e profissional. O autor destaca outras características, como o fato deste tipo não ser um bajulador, ou seja, um homem dotado de qualidades apesar de suas limitações intelectuais e sua “pulhice bacharelesca”. O segundo modelo de funcionário é o “misterioso”. Ninguém sabe ao certo como chegou à Secretaria, mas em pouco tempo ele já angariou a

---

<sup>27</sup> Conto que integrou a 4ª edição da obra *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, publicado em 1949, segundo a organização proposta por Lília Schwarcz em *Contos completos de Lima Barreto* (2010).

confiança de todos. Sua ascensão dentro da hierarquia funcional se dá de maneira vertiginosa, e logo este empregado já está recebendo uma quantidade expressiva de gratificações e influenciando as decisões do presidente e do ministro sobre as promoções dos amanuenses. Por fim, temos o arrivista da secretaria, na forma do auxiliar de gabinete. Geralmente é doutor em qualquer coisa, como engenharia, e saiu de uma região longínqua para estudar no Rio de Janeiro, embora seu objetivo não seja o conhecimento, e sim arranjar uma colocação profissional que não lhe desgaste mentalmente. Quando busca casamento, não almeja o amor em si, mas um sogro que possa lhe garantir um lugar em uma secretaria qualquer. Enquanto o primeiro tipo de funcionário merece respeito, apesar de seus defeitos, e o segundo é até simpático, com o auxiliar de gabinete não existem concessões, e o autor o descreve como alguém inútil, mau, vadio e presunçoso (BARRETO, 2010, p. 474 – 475).

Exercendo uma profissão que considerava irrelevante, cercado por homens medíocres, bajuladores e pretensiosos, Lima Barreto via-se muito pressionado economicamente por causa de seus poucos salários. Contribuía para esta condição o fato de o escritor não receber gratificações ou promoções dentro da secretaria. Ele acreditava sofrer uma perseguição dentro da repartição por ter feito parte do júri que condenou os responsáveis pelo caso conhecido como Primavera de Sangue.

O caso ocorreu em 22 de setembro de 1909, em meio à campanha para as eleições presidenciais que colocavam de lados opostos Rui Barbosa, representante da ala civilista, e Hermes da Fonseca, líder da ala militar. Neste contexto, um grupo de jovens foi reclamar sobre a violência com a qual a polícia reprimia as manifestações políticas ao comandante da Brigada Policial, o general Sousa Aguiar. Uma vez que o general se negou a recebê-los, os estudantes resolveram promover o enterro simbólico de Sousa Aguiar como forma de protesto<sup>28</sup>. Entretanto, a brincadeira terminou em tragédia. A polícia, munida de cassetetes e punhais, investiu violentamente contra a manifestação, resultando em inúmeros feridos e dois jovens mortos nas escadas da Escola Politécnica (BARBOSA, 2002, p. 212).

O acontecimento gerou uma forte comoção na cidade do Rio de Janeiro, a ala civilista e o candidato Rui Barbosa mobilizaram fortes discursos sobre a truculência militar contra as livres manifestações políticas. E neste interim, Lima Barreto, que já havia assinado manifestações de apoio a candidatura de Rui Barbosa com pseudônimos para não se indispor

---

<sup>28</sup> O enterro simbólico era uma forma de protesto que se popularizou e se tornou tradição entre os acadêmicos do Rio de Janeiro nos primeiros anos da república. Sempre que uma personalidade ganhava a aversão de um grupo de estudantes, ela era enterrada simbolicamente, consagrando a expressão “morrer por ridículo” (BORGES, 2011, p. 118).

com seu antigo chefe – Hermes da Fonseca – e seus colegas da Secretaria da Guerra, acabou escolhido para compor o júri do caso.

O julgamento dos acusados foi concluído quase um ano após o ocorrido. O principal réu, João Aurélio Lins Wanderley, era casado com a sobrinha do general Sousa Aguiar. Assim como afirma Francisco de Assis Barbosa, não existem evidências de que a condenação de Wanderley tenha sido a causa de Lima Barreto ser esquecido nas promoções na secretaria. No entanto, o escritor dava ao ocorrido grande importância e o considerava o motivo de seu infortúnio profissional, o que é perceptível em passagem de seu diário íntimo, onde vociferava contra a Secretaria da Guerra e o desprezo que sente por seu ambiente profissional: “Tenho por ela (a secretaria) um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha. Demais o meu feitio é tão oposto àquela atmosfera de violência, de opressão, de bajulação, que me enche de revolta. Eu fiz parte do júri de um Wanderley, alferes e condenei-o. Fui posto no index” (BARRETO, 1993, p. 119).

Em diversas anotações, espalhadas por seu diário íntimo, é possível observar como a relação de Lima Barreto com a sua família era conturbada. São registros curtos e muito menos frequentes do que outros temas como impressões de leitura, discussões políticas e filosóficas, ou o cotidiano na secretaria. Aliás, estas anotações estão, geralmente, colocadas nas mesmas notas em que o escritor reclama da secretaria. Talvez ele associasse suas desventuras no ambiente profissional com seus infortúnios no lar.

O escritor utilizava expressões como “espetáculo tétrico de dor e de tolice” ou “uma atroz desgraça” para descrever seu cotidiano na casa do subúrbio de Todos-os-Santos. O primeiro problema que o afligia era de ordem econômica. Com a doença mental de seu pai, Lima Barreto viu-se, aos 22 anos de idade, desempregado e sem uma ocupação profissional, responsável pelo sustento de nove pessoas. Além de seus três irmãos e do pai enfermo, ainda havia a ama que vivia com seu pai, Prisciliana, seus três filhos, e o velho Manoel Oliveira, agregado dos Lima Barreto. Apesar de seu ingresso na Secretaria da Guerra e a aposentadoria de João Henriques, a pressão econômica não foi aliviada na casa, uma vez que seus poucos vencimentos mal conseguiam atender às necessidades mais básicas da família. Vivendo uma vida sem luxos, Lima Barreto complementava a renda familiar atuando também como professor particular, preparando alunos para os exames de ingresso no Colégio Militar ou no Pedro II (BARBOSA, 2002, p. 158). Em passagem de seu diário registrada no dia 12 de março de 1903, período anterior a sua entrada na Secretaria da Guerra, Lima Barreto registra o drama vivido pela falta de dinheiro.

Acordei-me da enxerga em que durmo e difícil foi recordar-me que há três dias não comia carne. Li jornais e lá fui para a sala dar as aulas, cujo pagamento tem sido para mim sempre uma hipótese. Tomei café. Continuo a pensar onde devo comer. Há chance de ser com o Ferraz. Ah! Santo Deus, se depois disso não vier um futuro de glória, de que me serve viver? Se, depois de percorrido esse martirologio, eu puder ser mais alguma cousa do que o idiota Rocha Faria – antes morres. Noite. Ainda não jantei. Às seis horas, com um tostão, comi uma empada. Que delícia! Ah! Se o futuro... Ainda e sempre: sem dinheiro.

Uma vez que João Henriques investira muito mais na educação de seu primogênito do que em seus outros filhos, isto fazia com que Afonso sentisse um grande abismo na relação com seus familiares. Acreditava que seus irmãos não possuíam um nível intelectual comparável ao seu, preocupava-se com seu irmão Carlindo, e tratava suas irmãs com tamanha severidade que nem ao menos as deixava chegarem à janela. Quanto à ama Prisciliana e seus filhos, Lima Barreto referia-se sempre com desprezo, posto que acreditava serem pessoas que possuíam um grau de instrução inferior em relação a sua família. Mais do que isso, julgava esta relação prejudicial para seus parentes, como deixou expresso em registro do seu diário escrito em 1903, pois defendia que “a uma família que se junta uma outra, de educação, instrução, inteligência inferior, dá-se o que se dá com um corpo quente que se põe em contato com um meio mais frio; o corpo perde uma parte do seu calor em favor do ambiente frio, e o ambiente ganhando calor, esfria o corpo” (BARRETO, 1997, p. 10 – 11).

A relação conturbada com seus familiares fica expressa em outras passagens de seu diário, revelando uma série de conflitos internos no cotidiano da residência do subúrbio de Todos-os-Santos

Ontem, eram onze horas, eu estava no meu quarto, escrevendo, passou um pequeno da vizinhança. Chegando em frente à nossa casa, deu boas-noites. Pelo jeito, pareceu-me que o dera para a minha irmã ou para a tal Paulina, que é uma mulatinha, muito estúpida, cheia de farofas de beleza e de presunção, que é ou que pode ser namorada. Achei aquilo inconveniente. Que um sujeito, passando por uma casa fechada, desse boas-noites a moças recolhidas num quarto de dormir. Nesse sentido, inquiri minha irmã, que desmentiu. Há em minha gente toda uma tendência baixa, vulgar, sórdida. (BARRETO, 1997, p. 10)

Na ânsia de causar polêmica ou de chamar atenção para a sua obra, Denílson Botelho e Raphael Silva acusam em determinado momento Lima Barreto de racismo, devido a esta passagem de seu diário íntimo. Raphael Silva vai além e coloca sua pesquisa como uma tentativa de desconstruir a errônea imagem de Lima Barreto como herói que lutava contra a discriminação racial na Primeira República.

Apesar de o texto em questão causar um certo estranhamento, tendo em vista a forma como Lima Barreto se refere a Paulina e a sua gente em geral (os negros), a análise de

Botelho e Silva acaba detendo-se em demasia ao conceito de “raça”. Segundo o filósofo anglo-ganês Kwame Appiah (1997), o problema da “raça” é que ela leva ao erro da crença ilusória de que todas as pessoas negras (assim como de outras etnias) são irmanadas por natureza, fazendo assim que os conflitos intra-raciais sejam esquecidos. Caso tivessem observado a continuação do relato íntimo de Lima Barreto, os dois críticos teriam visto como a fala agressiva em relação a Paulina tratava-se justamente de um problema de origem familiar. A jovem era filha de Prisciliana, madrasta de Lima Barreto, que condenava o pai por ter se unido amorosamente a esta, além das ressalvas do escritor ao novo relacionamento de seu pai, o filho de Prisciliana havia se demitido de um emprego que Barreto havia conseguido para ele, o que lhe causou grande desgosto.

Para além do conflito doméstico ou de uma tentativa de justificar a atitude de Lima Barreto, é mais interessante discorrer sobre como Denílson Botelho e Raphael Silva permitem entrever em seus trabalhos uma visão idealizada da identidade de Lima Barreto. Para ambos, o escritor de Todos-os-Santos, que se tornou famoso por sua luta contra o racismo e outras injustiças na Primeira República, apresenta uma fissura em sua identidade devido as confissões de seu diário íntimo. Porém esquecem-se que estes processos identitários possuem “histórias inventadas, biológicas inventadas e afinidades culturais inventadas que vêm junto com toda identidade; cada qual é uma espécie de papel que tem que ser roteirizado, estruturado por convenções de narrativa a que o mundo jamais consegue conformar-se realmente” (APPIAH, 1997, p. 243).

Curiosamente, a única pessoa a quem Lima Barreto referia-se com verdadeiro carinho<sup>29</sup> em seus textos era o agregado Manoel Oliveira. Segundo as narrativas do escritor de Todos-os-Santos, Oliveira era Cabinda de nascimento, sendo escravizado e trazido de forma compulsória ao Brasil com 9 anos de idade. Manoel Oliveira trabalhou como escravizado de ganho por muitos anos até conquistar sua alforria, e após uma desilusão amorosa acabou desorientado e conduzido pela polícia a uma colônia de pedintes fundada pela administração imperial na Ilha do Governador. Com a Proclamação da República (1889), o local passou a ser a Colônia de Alienados, e em 1890 a família de Lima Barreto mudou-se para a ilha, em virtude da promoção de João Henriques a almoxarife destas colônias. Interno das colônias, Manoel Oliveira foi paulatinamente tornando-se membro dos Lima Barreto e quando o chefe da família enlouqueceu, Oliveira foi embora para o subúrbio de Todos-os-Santos juntamente

---

<sup>29</sup> Uma vez que Lima Barreto deu início ao seu diário e as suas atividades literárias por volta de 1903, ano em que a saúde mental de seu pai se deteriorara de fato, suas referências a João Henriques são sempre feitas em tom de pesar e lamento.

de seus familiares. A trajetória de Manoel de Oliveira está registrada em um conto<sup>30</sup> de mesmo nome de seu personagem principal, onde é possível ver Lima Barreto em um raro momento de expressão de seus sentimentos de afetuosidade

O velho Oliveira dava-me sempre mimos. Era uma fruta, era um bodeque, era uma batata-doce assada no braseiro de seu fogão, ele sempre tinha um presente para mim. Eu o amei desde aí e, quando, há anos, o levei para o cemitério de Inhaúna, foi como se enterrassem muitas esperanças da minha meninice e adolescência, na sua cova...

Por fim, o médico deu-lhe alta e ele veio morar definitivamente conosco. Pude então conhecê-lo melhor e apreciar a grandeza de sua alma e a singularidade de suas opiniões (BARRETO, 2010, p. 665).

A insanidade de João Henriques era o fato que tornava o ambiente doméstico mais inóspito para Lima Barreto. A saúde mental de seu pai se deteriorou em definitivo no final de 1902, e teve como estopim as suas responsabilidades como almoxarife Colônia de Alienados. O problema que desencadeou a crise em João Henriques foi o fechamento da prestação de contas da Colônia, tendo notado uma diferença no livro-caixa a qual não podia explicar, o pai de Lima Barreto foi angustiando-se à medida que o prazo para a entrega dos resultados ia se aproximando. Acreditava que seria acusado de promover um desfalque nas finanças da colônia e como não sabia explicar o sumiço do dinheiro, concluíra que seria injusta e inevitavelmente preso. Segundo relatos de Carlindo e Evangelina, irmãos de Lima Barreto, às vésperas do dia de Nossa Senhora da Glória, João Henriques fez preparativos para dirigir-se a cidade e rezar aos pés da santa ao qual era devoto. Como de costume foi dormir cedo; entretanto, durante a madrugada despertou toda a casa com seus gritos, desesperado pedia para que os filhos não deixassem a polícia entrar na casa para prendê-lo. A partir de então, o patriarca dos Lima Barreto adentraria em um estado catatônico, com longos períodos de silêncio e introspecção que eram cortados por seus gritos implorando para que seu Afonso não o deixasse ser preso ou morto (BARBOSA, 2002, p. 128 – 129).

Embora acalentasse a esperança de ver a sanidade do pai restabelecida, a condição de João Henriques afligia em demasia Lima Barreto, fazendo com que o escritor se mantivesse o mais longe possível da residência. Em nota de seu diário, registrado em 14 de janeiro de 1905, Lima Barreto dá vazão a angústia que lhe causa ver o pai encontrar-se nesta situação.

Perdi a esperança de curar meu pai! Coitado, não lhe afrouxa a mania que, cada vez mais, é uma só, não varia: vai ser preso; a polícia vai matá-lo; se ele

---

<sup>30</sup> Até 2010, este conto não havia sido publicado por Lima Barreto em vida ou alguma organização póstuma. Ele integra a seção de textos manuscritos ou inacabados encontrados por Lília Schwarcz e publicados em *Contos Completos de Lima Barreto* (2010).

sair à rua trucidam-no. Coitado, o seu delírio cristalizou-se, tomou forma. Pobre de meu pai! Uma vida cheia de trabalhos, de afanosos trabalhos, acabar assim nesse misterioso sofrimento que me compunge (BARRETO, 1993, p. 50 e 51)!

Contudo, outro fator foi afastando paulatinamente o escritor de sua casa em Todos-os-Santos, o alcoolismo. Frustrado em sua empreitada intelectual, pressionado economicamente, sentindo-se perseguido no trabalho, isolado de seus familiares e vendo a única pessoa que talvez o pudesse compreender tomada pela loucura, Lima Barreto passa a buscar no álcool a fuga e o conforto para os seus problemas.

Nas páginas inaugurais de seu diário íntimo Lima Barreto já fazia menção as bebidas alcoólicas, após uma breve apresentação sobre o dono daquele caderno de notas pessoais, o escritor elabora um decálogo onde consta como seus mandamentos: “1 – Não ser mais aluno da Escola Politécnica. 2 - Não beber excesso de coisa alguma” (BARRETO, 1997, p. 9). Pautando-se novamente pelas menções de seu diário, é possível afirmar que nos primeiros anos de sua vida adulta o escritor conseguiu cumprir com seu propósito. Entretanto, a partir do momento em que Lima Barreto formou com seus colegas de secretaria o grupo chamado por seus integrantes de “Esplendor dos Amanuenses”, seus hábitos boêmios acentuaram-se vertiginosamente.

Os encontros com os amigos do trabalho nos cafés próximos à Secretaria da Guerra representavam para Lima Barreto uma forma de lidar com as horas entediantes que passava no trabalho e uma oportunidade de manter-se o máximo de tempo longe do ambiente opressivo que o escritor considerava sua casa. Embora afirmasse que os membros de sua confraria se serviam apenas de café, devido as suas precárias condições financeiras, o fato é que Lima Barreto iniciava o seu rito boêmio às quatro horas da tarde, após o expediente na secretaria e estendia-se até a madrugada, vagando de bar em bar, bebendo cachaça com amigos e desconhecidos até a hora de rumar para casa (SCHWARCZ, 2017, p. 148).

Contudo, o que teve início como um hábito de sociabilidade foi, progressivamente, configurando-se em uma prática compulsiva e solitária. Lima Barreto adquiriu o costume de desaparecer em meio às bebedeiras com os companheiros. Assim, o escritor vagava pela cidade enquanto bebia cachaça, percorrendo longas distâncias até que o álcool ou o cansaço o levassem a cair pelas sarjetas, “dormindo a sono solto, como qualquer pobre-diabo das ruas” (BARBOSA, 2002, p. 234).

Seu consumo excessivo de bebidas alcoólicas não tardou a lhe cobrar um alto preço. A medida que sua saúde física se deteriorava, o escritor sentia que sua sanidade mental também

ia se tornando cada vez mais combatida por causa de seus desregramentos. Em registro de seu diário, datado de 13 de julho de 1914, ou seja, um mês antes de sua primeira internação por alucinação alcoólica, Lima Barreto escreveu: “Noto que estou mudando de gênio. Hoje tive um pavor burro. Estarei indo para a loucura?” (BARRETO, 1993, p. 120)

Seus temores confirmaram-se um mês depois. Lima Barreto encontrava-se em casa descansando, após uma semana inteira de bebedeiras, quando teve sua primeira alucinação. Segundo relatos de seu irmão Carlindo, o escritor pedia que enxotassem um gato preto gigante que perambulava pela casa, sendo que não existia animal nenhum. Em outro momento, irritava-se com um grupo de vagabundos que tentavam entrar na sua casa e faziam uma serenata embaixo de sua janela. Quando estava mais calmo, mandou que o irmão permitisse a entrada dos seresteiros na casa. Por recomendação médica, Lima Barreto foi afastado de seu pai e enviado ao sítio de um tio para que se restabelecesse. Entretanto, os efeitos não foram os desejados e as alucinações do escritor ganharam contornos que se aproximavam demais da crise de seu pai. Tal como João Henriques, Lima Barreto acreditava que a casa do tio estava cercada de policiais que estavam lá para lhe prender por sua simpatia com o anarquismo e por seu ataque a Hermes da Fonseca. Ou seja, o escritor ainda estava traumatizado pelos eventos da Primavera de Sangue (SCHWARCZ, 2017, p. 274).

Conduzido ao Hospital Nacional de Alienados, Lima Barreto ficaria internado por quase dois meses. Enquanto as impressões de sua segunda internação em 1918, impactaram-no ao ponto de dar início ao *Cemitérios dos Vivos* e o *Diário do Hospício*, sua primeira passagem mereceu apenas uma nota curta em diário: “Estive no hospício de 18 – 8 – 1914 a 13 – 10 – 14 (BARRETO, 1997, p. 21). Contudo, a viagem que realizara de Guaratiba, onde vivia o seu tio, até a Praia Vermelha, onde estava instalado o Hospital Nacional de Alienados, lhe causaram grande impressão, fazendo-o registrar sua experiência no conto “Como o homem chegou<sup>31</sup>”.

Após sua saída do hospital, Lima Barreto manteve intensa atividade intelectual, produzindo inúmeras crônicas e seu romance “Numa e Ninfa” (1915), publicado em forma de folhetim pelo *Jornal da Noite*. No entanto seus problemas de saúde acentuavam-se, fazendo com que o escritor se afastasse constantemente da Secretaria da Guerra e passasse a requerer sua aposentadoria. Esta, porém, só foi conseguida por ocasião de sua segunda internação por alucinação alcoólica, desta vez no Hospital Central do Exército. Desta vez, a iniciativa partira de seus colegas de trabalho, uma vez que o escritor não aparecia na repartição fazia um mês e

---

<sup>31</sup> Já referido e analisado no primeiro capítulo deste trabalho.

seus familiares também não tinham notícia de seu paradeiro. Foi seu amigo Noronha Santos quem o encontrou na estação de Todos-os-Santos, alucinando em uma sarjeta, com a clavícula quebrada, e jogando moedas em um cano de esgoto para os diabos (BARBOSA, 2002, p. 281).

Em seu inacabado “Cemitério dos Vivos”, Lima Barreto mistura ficção com realidade para registrar suas impressões sobre a rotina do Hospital Central do Exército. Neste texto encontram-se descrições sobre os médicos, e algumas críticas a sua crença nas teorias da degeneração, os hábitos dos guardas e enfermeiros, suas opiniões sobre os loucos e sobre o prédio onde o escritor estava internado.

Em um texto intitulado “A minha bebedeira e a minha loucura”, Lima Barreto apresenta as causas que o levaram ao consumo abusivo do álcool, fazendo um balanço de suas desventuras, que de certa forma apresenta um resumo dos pontos que têm sido apresentados até aqui.

Muitas causas influíram para que viesse a beber; mas, de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com a minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro... A minha casa me aborrecia, tão triste era ela! Meu pai delirava, queixava-se, resmungava, com tal ar que me parecia [...] Eu me agastava, tanto mais que ele não tinha razão alguma...

De resto, tinha horror à vizinhança e, por isto e pelo que disse mais acima, procurei sempre entrar em casa ao anoitecer, quando todos estavam recolhidos...

Desalentado e desanimado, sentindo que eu não podia dar nenhuma satisfação àqueles que me instruíram tão generosamente, nem mesmo formando-me, não tendo nenhuma ambição política, administrativa, via escapar-se por falta de habilidade, de macieza, a única coisa que me alentava na vida – o amor das letras, da glória, do nome, por ele só (BARRETO, 1993, p. 161 – 162).

Estão expressas neste trecho todas as angústias que fragilizavam o estado emocional de Lima Barreto. O medo causado pelas dificuldades econômicas, a tristeza pela condição de seu pai, o abismo que existia no convívio com seus familiares e, principalmente, a desilusão por não conseguir atingir a glória literária. Não se encontra, porém, neste texto menção ao que considerava a causa última para todos os seus infortúnios, a discriminação racial.

Lima Barreto denuncia constantemente em seus textos a existência do preconceito racial na sociedade brasileira. Contudo, três episódios em que o escritor fora vítima de racismo lhe marcaram mais profundamente, segundo seus próprios relatos. O primeiro caso

deu-se em novembro de 1904, quando Lima Barreto fora a Ilha do Governador saldar antigas dívidas de seu pai. No trajeto de volta para casa, é interpelado por alguém identificado apenas como C. J.<sup>32</sup>, que, acompanhado da esposa, o desafia: “Vê, “seu” negro, você me pode vencer nos concursos, mas nas mulheres, não. Poderás arranjar uma, mesmo branca como a minha, mas não desse talhe aristocrático” (BARRETO, 1993, p. 22). A raiva de Lima Barreto fica expressa nas palavras de baixo calão que utiliza para descrever C. J. No entanto, admite que o desafeto tocara numa tecla que lhe era particularmente sensível. Em toda sua trajetória não existem menções a qualquer tipo de romance. O próprio escritor deixa transparecer que era muito inexperiente no que tange às mulheres, buscando a satisfação sexual em momentos furtivos com prostitutas e sempre encorajado por grandes bebedeiras (SCHWARCS, 2010, p. 255 – 256).

A segunda ofensa que calou fundo na alma do escritor ocorreu na Secretaria da Guerra em dezembro do mesmo ano de 1904. Após ser inquirido, pela terceira vez, por um soldado se era contínuo<sup>33</sup> naquela repartição, Lima Barreto sentiu-se profundamente ofendido, pois concluiu que esta suposição era feita devido a sua aparência. Uma vez que as pessoas acreditavam que um negro deveria ocupar uma suposição subalterna, o escritor encerra a questão afirmando: “o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande” (BARRETO, 1993, p. 27).

Este julgamento de mérito das pessoas afrodescendentes, sempre colocado em uma posição hierarquicamente desfavorável em relação às pessoas brancas, observado por Lima Barreto, pode ser explicado pelo que a psicóloga Isildinha Baptista Nogueira define como o “ideal de brancura”. Segundo Nogueira (2017), este fenômeno inconsciente leva à crença de que o branco é detentor de todas as virtudes, manifestadas pela razão, o espírito e as ideias como a cultura, a civilização e a própria humanidade. Isto ocorre porque a “brancura” é tomada como a régua de pureza artística, nobreza estética, majestade moral e sabedoria científica. Observado sob este prisma, o negro vive um processo de destituição do seu lugar ou de suas conquistas, pois não é visto pelo branco como merecedor apesar de sua condição econômica, social e intelectual (NOGUEIRA, 2017, p. 124 – 125).

---

<sup>32</sup> Em nenhuma das biografias ou edições do *Diário Íntimo* existe uma identificação para o agressor de Lima Barreto neste caso.

<sup>33</sup> Funcionário de empresa ou repartição pública que realiza funções variadas como a entrega de recados e o transporte de correspondências, valores e etc.

A terceira injúria racial cometida contra Lima Barreto, deu-se através de um cartão postal anônimo que o escritor recebeu em 17 de janeiro de 1905.

Hoje, à noite, recebi um cartão-postal. Há nele um macaco com uma alusão a mim e, embaixo, com falta de sintaxe, há o seguinte: “Néscios e burlescos serão aqueles que procuram acercar-se de prerrogativas que não têm. M.” O curioso é que o cartão em si mesmo não me aborrece; o que me aborrece é lobrigar se, de qualquer maneira, o imbecil que tal escreveu tem razão. “Prerrogativas que não tenho” ... Ah! Afonso! Não te dizia... Desgosto! Desgosto que me fará grande. (BARRETO, 1993, p. 53).

Ao associar-se a figura do escritor ao símio, e questionar as suas prerrogativas, novamente está posto o julgamento de mérito sobre valor intelectual das pessoas negras. Algo que tinha um peso muito particular para Lima Barreto. Porém, a despeito da raiva e da dor presentes nos registros, causadas pelas ofensas, é possível observar, tanto no segundo quanto no terceiro caso, que o literato considerava que estes ocorridos serviam apenas para fortalecê-lo na busca de seus propósitos.

Os fatos acima citados sucederam-se durante os anos de 1904 e 1905, ou seja, transcorreram antes de Lima Barreto lançar-se na carreira de escritor e terem início as suas desilusões. Jovem e cheio de esperanças de conquistar grandes glórias literárias, o literato acreditava, assim como seu pai, no poder redentor da educação. Por isto, sua formação escolar ímpar, suas grandes ambições e projetos fariam com que atingisse a grandeza independentemente de sua cor e das ofensas raciais que sofrera.

Logo, esta postura torna compreensível a atitude de Lima Barreto de buscar, no início de sua vida adulta, um afastamento das pessoas que possuíam a mesma origem étnica que a sua. Este posicionamento está expresso por diversas páginas de seu diário, principalmente quando o autor se refere a relação de sua família com a ama Prisciliana e seus filhos. Exemplo claro disto é o registro que Barreto faz no dia 3 de janeiro de 1905, onde afirma: “Eu tenho muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de cor, mas não me é possível transformar essa simpatia literária, artística, por assim dizer, em vida comum com eles, pelo menos com os que vivo” (BARRETO, 1997, p. 11). Está posição assumida por Lima Barreto tem sido, erroneamente, interpretada por alguns críticos como sintoma de um racismo disfarçado de um escritor que erguia como bandeira a luta contra preconceitos de toda ordem. Porém, trata-se, na verdade, de um jovem intelectual em busca da autoafirmação de sua individualidade frente a seu grupo étnico de origem.

O personagem que representa está fase ou modo de pensar de Lima Barreto é Isaías Caminha. Assim como seu criador, Caminha também aspirava o sucesso acadêmico e o título

de doutor, porém ao chegar a cidade grande deparou-se com o racismo entranhado na estrutura social que o impediu de atingir seus objetivos. Este racismo a brasileira, segundo Lília Schwarcz (2001) possuía uma configuração específica que o diferenciava do preconceito praticado em outras nações. Sua principal diferença residia no fato de seu discurso não ser oficializado pelo governo brasileiro, enquanto muitas nações estrangeiras criaram estratégias jurídicas para garantir que a discriminação fosse amparada pela lei. Com a Proclamação da República (1889), porém, a legislação brasileira garantiu, ao menos em seu discurso, a todos os cidadãos brasileiros o direito a igualdade jurídica. Por isto o racismo no Brasil, passou a ser repostado primeiro de maneira científica<sup>34</sup>, com o embasamento da biologia, e depois pela ordem do senso comum (SCHWARCZ, 2001, p. 52). Apesar de seus percalços, Isaías Caminha saiu-se vencedor a seu modo, e como Lima Barreto, acreditava que a educação teria o poder de anular os preconceitos étnicos.

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro.

O flanco, que a minha pessoa, na batalha da vida, oferecia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado... (BARRETO, 2012, p. 22)

Embora a passagem seja tomada de ironias e desdém pela classe dos doutores, Lima Barreto de fato nutria a crença de que sua glória literária lhe traria uma cobertura para este “flanco aberto” aos inimigos. Contudo, à medida que o escritor ia “caindo de sonho em sonho” frente aos percalços já apresentados aqui, sua percepção sobre a situação dos negros no Brasil também ia se alterando.

Frente às situações que lhe causaram grandes desilusões, Lima Barreto ia tomando consciência de que a situação da população de origem africana independia de sua educação, capacidade intelectual ou condição econômica. Desta forma, o literato, ao final de sua vida, parece aproximar-se das classes populares pelas quais antes só possuía uma simpatia literária, como o próprio afirmava. Este movimento de atração dá-se no momento em que Lima Barreto conclui que o negro no Brasil já nascia predestinado pelas amarras sociais. Este

---

<sup>34</sup> Este racismo científico foi chamado por Todorov de doutrinas racialistas. Segundo Luciana Murari (2007), estas teorias ou ideologias atribuem todas as movimentações históricas ao comportamento definido pela *raça*. Os termos racismo e racialismo distinguem-se, pois, o primeiro não exige explicações científicas para se consolidar, sendo um fenômeno presente de maneira geral ao longo da história. As teorias racialistas por sua vez, constituem um processo datado, que atuou como um centro de formação de ideias entre meados do século XVIII até a primeira metade do século XX (MURARI, 2007, p. 106).

é o tema retratado no conto “O Pecado”<sup>35</sup> (2010), onde São Pedro analisa a lista das pessoas que faleceram, quando se depara com alguém de conduta exemplar que está condenado ao purgatório.

Deveras, pensou o Santo Porteiro, é uma alma excepcional; com tão extraordinárias qualidades bem merecia assentar-se à direita do Eterno e lá ficar, per saecula saeculorum, gozando a glória perene de quem foi tantas vezes santo...

- P.L.C., filho de ... neto de ... bisneto de ... - Carregador. 48 anos. Casado. Honesto. Caridoso. Leal. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como são Francisco de Assis. Virtuoso como são Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo.

Depois com o dedo pela pauta horizontal e nas Observações, deparou qualquer coisa que o fez dizer de súbito:

- Esquecia-me... Houve engano. É! Foi bom você falar. Essa alma é a de um negro. Vai pro purgatório. (BARRETO, O Pecado, p.547)

O personagem quase anônimo, P.L.C., representa para seu criador, o drama vivido pelos afrodescendentes no início do século XX. Independentemente de suas qualidades ou virtudes, nascer negro no Brasil era um estigma que condenava ao purgatório social, a discriminação. Desiludido, Lima Barreto, ao longo de sua trajetória, parece conscientizar-se de que qualquer esforço seria inútil para transpor a barreira da cor. Por mais erudito que fosse, seu conhecimento de nada valia, pois, a sociedade já o havia condenado por sua pele.

Em conto escrito muitos anos após a publicação da primeira edição de “Recordações do escrivão Isaías Caminha” (1909), a imagem do flanco é novamente trazida à tona, no entanto, desta vez Lima Barreto utiliza a alegoria como uma condição de impossibilidade para o intelectual negro. Em “Dentes negros e cabelos azuis”<sup>36</sup> (2010), o escritor constrói no personagem Gabriel uma espécie de *alter ego* seu, onde estão representados todos os ressentimentos acumulados em sua trajetória. Ele apresenta assim o protagonista do conto:

Nos primeiros tempos, ele sempre me apareceu como uma pessoa inalteravelmente jovial, indiferente às pequeninas coisas do mundo, céptico a se modo; mas, em breve sob essa máscara de polidez, fui percebendo nele um queixoso, um amargo a quem a melancolia, provinda de fugitivas aspirações impossíveis, revestia de uma tristeza coesa. Depois o seu caráter e a sua organização muito concorriam para sua dorida existência. Muito inteligente para amar a sociedade de que saíra, e muito finamente delicado para se contentar de tolerado em outra qualquer, Gabriel vivia isolado, bastando-se a si e aos seus pensamentos, como um estranho anacoreta que fizesse, do agitado das cidades, ermo para seu recolhimento. (BARRETO, 2010, p.321)

<sup>35</sup> Texto conferido a partir da revista Souza Cruz, ano VIII, n. 92, agosto de 1924 (SCHWARCS, 2010, p.697).

<sup>36</sup> Conto publicado originalmente na segunda edição de *Histórias e Sonhos*, em 1951.

Assim como o autor, Gabriel torna-se uma pessoa ressentida à medida que vai sendo impedido de realizar seus sonhos. Sua inteligência constitui-se num agravante a sua situação, pois está lhe dá o discernimento para enxergar os vícios da sociedade em que vive. Conhecer esta dura realidade impede que Gabriel conviva com os demais. Assim como seu personagem, Lima Barreto passa a buscar cada vez mais o isolamento dentro da própria cidade, seja em suas bebedeiras ou em seu convívio familiar.

Tal qual os afrodescendentes que traziam na pele a razão de seu flagelo, o protagonista do referido conto traz em seus cabelos azuis e dentes negros as marcas de seu estigma. Sua aparência causa tamanha repulsa que ao ser assaltado, após um espanto inicial, o assaltante se compadece pela situação de Gabriel. Quando inquirido pelo ladrão por que não trabalhava para se tornar grande e se ver livre de suas aflições, o personagem parece dar voz aos anseios e mágoas do próprio escritor.

Bom conselho, bom... Ah! Como és mau estrategista! Não percebes que não me é dado oferecer batalha; que sou como um exército que tem sempre um flanco aberto ao inimigo? A derrota é fatal. Se ainda houvesse me curvado ao estatuído, podia... Agora... não posso mais. No entanto tenho que ir na vida pela senda estreita da prudência e da humildade, não me afastarei dela uma linha, porque à direita há os espeques dos imbecis, e à esquerda, a mó da sabedoria mandarinata ameaça triturar-me... Se a corda estremece acovardome logo, o ponto de mira me surge recordado pelo berreiro que vem de baixo, em redor aos gritos: homem de cabelos azuis, monstro, neurastênico. E entre todos os gritos soa mais alto o de um senhor de cartola, parece oco, assemelhando-se a um grande corvo, não voa, anda chumbando à terra, segue um trilho certo cravado ao solo com firmeza – esse berra alto, muito alto: “Posso lhe afirmar que é um degenerado, um inferior, as modificações que ele apresenta correspondem a diferenças bastardas, desprezíveis de estrutura física; vinte mil sábios alemães, ingleses, belgas, afirmam e sustentam”... (BARRETO, 2010, p.328).

Dentro da obra de Lima Barreto, a confecção de “Clara dos Anjos” (1924) é o maior exemplo desta mudança de postura intelectual do escritor frente à questão negra ao longo das décadas. Em 1909, quando fora lançado “Recordações do escrivão Isaías Caminha”, Lima Barreto já havia escrito “Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá” (1919) e “Clara dos Anjos”<sup>37</sup>. Porém a obra que foi concluída em março de 1922, e publicada alguns anos após a morte de seu autor, e o projeto original, de 1905, eram completamente diferentes.

O esboço original, cujo estudo encontra-se no diário de Lima Barreto, trazia uma versão rebelde de Clara. Enganada por Cassi Jones, sofrendo uma tentativa de estupro após ser seduzida por seu algoz, a protagonista não sucumbe diante da desilusão, ela reage e

---

<sup>37</sup> As motivações de Lima Barreto para a escolha de *Recordações* já foram especificadas no primeiro capítulo deste trabalho.

relaciona-se com diversos amantes, até engravidar de um português que a abandona lhe deixando 50 contos. Esta alternativa era muito mais comprometida em denunciar as situações humilhantes enfrentadas pelos afrodescendentes, assim com mais esperançosa quanto às possibilidades de reação desta população frente a opressão (SCHWARCZ, 2017, p. 155). O objetivo era claro, ferir a moralidade burguesa da sociedade da época e demonstrar que os negros eram capazes de reagir ao rebaixamento que haviam sofrido até então. No dia em que é deflorada, dá-se também a libertação de Clara e o início de sua reação tendo em vista a data que Lima Barreto escolhe para o evento: “A sedução de Clara passara-se no dia 13 de maio” (BARRETO, 1993, p. 32).

Porém, quase 20 anos depois, a Clara dos Anjos que acabou sendo concretizada por seu autor é uma personagem dócil, ingênua, facilmente enganada e passiva diante das humilhações. Entretanto, os personagens que circundam Clara ao longo de toda a história nos indicam alguns sintomas sobre o momento que estava vivendo seu escritor. O livro em si está recheado de pessoas decrépitas, como o sedutor Cassi Jones que não possuía escrúpulos em seduzir mocinhas no bairro em que vivia, e outras personagens amarguradas, ressentidas e decadentes.

Assim como Isaiás Caminha ou Gabriel, em *Clara dos Anjos* também existe um álter ego de Lima Barreto que dá vazão as frustrações que o escritor sentia naquele momento de sua vida. O decadente poeta Leonardo Flores guarda diversas semelhanças com Lima Barreto, principalmente em seu momento de maturidade literária. Assim como seu criador, Flores fizera um relativo sucesso por causa de seus livros e exerceu influência sobre a geração de jovens poetas que o sucedeu, mas suas realizações literárias não lhe trouxeram dinheiro, fazendo com que vivesse de uma parca aposentadoria do governo. Devido ao álcool e a desgostos íntimos, como a loucura irremediável de um irmão, o poeta havia se transformado em uma ruína de homem. Nos seus hábitos boêmios, Flores vagava de boteco em boteco bebendo cachaça, dormindo embaixo de árvores ou em ruas pouco movimentadas. Quando perguntavam o motivo que levou um homem com seu intelecto a terminar assim, na voz de outra personagem Lima Barreto explica: “Foi inveja da “inteligência” dele! – dizia uma preta velha. – Gentes da nossa “cô” não pode “tê inteligência”! (BARRETO, 2016, p.89). Curiosamente, Leonardo Flores, miserável e decadente, viria a ter um final semelhante a de seu autor, uma morte por complicações cardíacas causadas pelo uso excessivo de bebidas alcoólicas<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> Lima Barreto morreu em 1º de novembro de 1922, vítima de um problema cardíaco em decorrência do consumo excessivo de álcool, segundo relatório dos médicos da época (BARBOSA, 2002, p. 358).

Enquanto Isaías Caminha representa a esperança de Lima Barreto de sair vitorioso, mesmo frente às dificuldades impostas pelo racismo estrutural da sociedade brasileira, Gabriel, com seus dentes negros e cabelos azuis, personifica as amargas certezas do escritor de que esta batalha era impossível de ser vencida. Clara dos Anjos, por sua vez, está colocada no momento entre estes dois personagens. Ingênua, devido a criação que recebera de seus pais, nas páginas finais do livro, Clara passa por um momento de autoconhecimento e este processo a leva a perceber a existência do flanco aberto que as pessoas afrodescendentes possuíam e que ela até então ignorava.

Enganada por Cassi Jones, grávida e desesperada Clara, procura a família de seu algoz para que o “mal” que sofrera seja reparado através do casamento. Porém, a possibilidade de ver seu filho casado com uma mulher mulata leva a mãe de Jones, D. Salustiana, a expor todos os seus preconceitos, causando verdadeiro espanto em Clara. Expulsa da casa e humilhada, a protagonista passa a remoer as palavras que lhe foram ditas e refletir sobre sua real condição. As melancólicas e duras conclusões de Clara revelam o que Lima Barreto havia constatado sobre a real condição dos negros no Brasil em 1922.

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos...

Chegaram em casa; Joaquim ainda não tinha vindo. Dona Margarida relatou a entrevista, por entre o choro e os soluços da filha e da mãe.

Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

- Mamãe! Mamãe!

- O que é minha filha?

- Nós não somos nada nesta vida. (BARRETO, 2016, p. 175)

Eis então o resultado que o encaixe destas muitas peças apresentadas aqui nos apresenta. E este mosaico nos revela um homem que sonhara estar destinado a grandes conquistas, mas que viu seus sonhos serem solapados pelas dificuldades que lhe foram sendo impostas pela vida. Isolado e ressentido por ter suas ambições melindradas, Lima Barreto construiu uma autoimagem combalida. Por fim, observando o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, concluiu tristemente que tanto ele, a despeito de sua grande capacidade intelectual, quanto as pessoas negras em geral não significavam nada para a sociedade da época.

## Navegar pelo Atlântico negro através da *Limana*

*Pobre terra da Bruzudanga! Velha, na sua maior parte, como o planeta, toda a sua missão tem sido criar a vida e a fecundidade para os outros, pois nunca os que nela nasceram, os que nela viveram, os que a amaram e sugaram-lhe o leite, tiveram sossego sobre o seu colo!*

*Vivos, os bons são tangidos daqui para ali, corridos, vexados, se têm grandes ideias; mortos, os seus ossos esperam que os grandes rios da Bruzudanga os levem para fecundar a terra dos outros, lá embaixo, muito longe...*

*Tudo nela é caprichoso, e vário e irregular...*

*Lima Barreto*

O Atlântico negro é uma alegoria criada pelo sociólogo inglês Paul Gilroy para explicar a formação de uma cultura transnacional entre os povos egressos da escravidão durante a modernidade. Inspirado pelo conceito da diáspora judaica, Gilroy (2012) afirma que entre o Caribe, os Estados Unidos, a Europa e a África formaram-se redes de trocas e fluxos de experiências, crenças, saberes que resultaram numa cultura híbrida entre a população negra e que não se circunscreve dentro destas fronteiras nacionais. Uma vez que durante este período as nações europeias estavam construindo seus nacionalismos em torno de discursos voltados para a pureza racial, a língua materna, os mitos e as tradições de origem, as fronteiras da terra natal, dentre outros elementos, o Atlântico Negro surge como um processo de contracultura da modernidade, pois se coloca na contramão do absolutismo étnico justamente por ser marcado pelo hibridismo cultural e a desterritorialização. Gilroy buscou compreender, dentro deste contexto da diáspora africana, como sucessivas gerações de intelectuais negros entendiam a relação de sua cultura original com a herança intelectual do Ocidente a partir do Iluminismo. Mas, principalmente, como esta associação se refletia em suas escritas e falas nas suas lutas por liberdade, autonomia e cidadania (GILROY, 2012, p. 35).

Intelectuais como Frederick Douglass<sup>39</sup>, Martin Delany<sup>40</sup> e Willian E. B. Du Bois<sup>41</sup>, objetos de estudo de Gilroy, durante suas trajetórias tiveram que lutar contra os grillhões da

<sup>39</sup> Frederick Augustus Washington Bailey (1818 – 1895) foi um proeminente escritor e abolicionista afro-americano. Filho de um homem branco com uma escravizada, Douglass alterou seu nome, retirando-o da obra *The Lady of the Lake* de Sir Walter Scott, após fugir da violência que sofria enquanto escravizado. Sua autobiografia *My Bondage and My Freedom* (1855) levou-o a excursionar pela Europa (GILROY, 2012, p. 132).

<sup>40</sup> Martin Robinson Delany (1812 – 1885): jornalista, editor, médico, cientista, juiz, soldado, inventor, fiscal de alfândega, orador, político e romancista, Delany destacou-se por sua luta abolicionista e é considerado o principal progenitor do nacionalismo negro na América (GILROY, 2012, p. 66).

<sup>41</sup> William Edward Burghardt Du Bois (1868 – 1963) foi um sociólogo, historiador, escritor, professor, jornalista e ativista dos direitos dos negros estadunidenses. Com uma sólida formação nas universidades de Fisk (Tennessee), Harvard (Massachusetts) e Friedrich Wilhelm (Berlim) é considerado um dos maiores intelectuais negros do século XX, foi um dos fundadores da National Association for the Advancement of Colored People (NAACP) em 1909, liderou o Movimento Niágara e um dos idealizadores do primeiro Congresso Pan-Africano (1919). Suas contribuições para a formação de uma identidade africana levaram-no a ser convidado por Kwame

escravidão, o racismo, as dúvidas quanto a sua capacidade intelectual, e pelo direito a própria cidadania, fatos estes que marcaram suas práticas enquanto pensadores e escritores. Estes percalços levaram-nos a não permanecerem presos à terra de origem, vagando pelo chamado Atlântico Negro, por força do exílio ou espontaneamente, realizando intensas trocas culturais em suas viagens pela Europa, o Caribe, a África e os Estados Unidos. Entretanto, a despeito de suas experiências, estes intelectuais, assim como a população negra americana, possuem uma particularidade em sua identidade, um sentimento de desterro ou de não pertencimento a sua terra de origem ou à cultura em que se é formado. Esta dualidade é mais acentuada nos intelectuais do Atlântico Negro, pois, formados na tradição intelectual iluminista, estes pensadores viam a racionalidade científica ser utilizada para negar-lhes suas capacidades cognitivas. Assim, estes intelectuais integravam o Ocidente sem necessariamente fazerem parte dele. Esta sensação de pertença e exclusão sofrida pela população negra é chamada por Du Bois de “dupla consciência” e é assim definida pelo intelectual estadunidense:

É uma sensação peculiar, essa dupla consciência, esse sentido de sempre olhar a si próprio através dos olhos de outros, de medir um sentimento através da métrica de um mundo que o contempla com divertido desprezo e pena. É sentir sempre a duplicidade – ser americano, ser negro. Duas almas, dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes, num corpo negro, impedido, apenas por um obstinado esforço, de bipartir-se. A história do negro americano é a história desse embate – o desejo de conseguir amadurecida autoconsciência, amalgamar sua dualidade em um melhor e mais verdadeiro ser... Ele deseja, simplesmente, tornar possível para o indivíduo ser tanto negro quanto americano, sem ser amaldiçoado e cuspidor por seus companheiros, sem ter as portas da Oportunidade violentamente batidas à sua cara (DU BOIS, 1999, p. 39)

Embora nunca tenha saído do país, dentro das limitações dos intelectuais negros brasileiros<sup>42</sup> da época, Lima Barreto buscou integrar como pôde este Atlântico. Sua relação com este fluxo cultural transnacional deu-se através daquilo que sempre pautou sua vida, a literatura. Este foi o meio encontrado pelo escritor de Todos-os-Santos para inteirar-se dos grandes debates que ocorriam a respeito da condição da população egressa da escravidão nos

---

Nkrumah, considerado o pai do Estado moderno de Gana, a viver na nação africana onde passou os últimos anos de sua vida (COSTA, 1999, p. 3).

<sup>42</sup> Movimentos internacionais de luta pelos direitos dos negros surgidos no final do século XIX e início do século XX, como o Pan-Africanismo por exemplo, tendiam permanecer circunscritos a Europa, África e parte da América (os Estados Unidos e o Caribe de língua inglesa e francesa). Alguns fatores contribuíram para excluir os intelectuais negros de língua espanhola e portuguesa destes movimentos. Segundo Elisa Larkin do Nascimento (2008), o mito da “democracia racial”, a ideologia do branqueamento e a alegação de que a escravidão havia sido mais amena nas colônias espanholas e portuguesas serviram para enfraquecer a luta antirracista na região e excluí-los de movimentos internacionais como o Pan-Africanismo. Somado a isto, ainda existiam dificuldades financeiras que impediam que os afro-americanos destes países viajassem, estudassem e se integrassem aos círculos sociopolíticos. Assim como a barreira criada pela língua uma vez que até recentemente, estes eventos não ofereciam traduções para o espanhol e o português, limitando-se ao francês e o inglês (NASCIMENTO, 2008, p. 161 – 162).

Estados Unidos e na Europa. Assim, foi a escrita a ferramenta utilizada por Lima Barreto para compreender e expor as antinomias da modernidade que se construía na realidade brasileira da época. Desta forma, o escritor passou a: lutar contra o autoritarismo do governo republicano; denunciar os estereótipos formados na mentalidade popular sobre os negros brasileiros; demonstrar a impossibilidade de os egressos da escravidão integrarem uma nação que os excluía (o desterro da dupla consciência); criticar as bases intelectuais do regime que forneciam as justificativas para o preconceito racial e a exclusão, como as teorias raciais científicas; e, por fim, propor uma solução que garantiria o acesso à cidadania pelas classes mais baixas da sociedade brasileira, principalmente os afrodescendentes.

Lima Barreto lançava mão dos recursos que lhe eram possíveis para integrar-se nas discussões a respeito do negro em âmbito internacional. Em 1906, por exemplo, o escritor enviou uma carta ao sociólogo francês Célestin Bouglé<sup>43</sup> após ter ficado impressionado com a leitura de *La Démocratie devant la Science* (1904). Nesta missiva, Barreto apresenta-se como alguém disposto a ampliar o debate com Bouglé sobre a condição dos negros e mulatos, apresentando alguns dos feitos dos maiores expoentes da raça no Brasil.

Lendo seu belo livro, notei que você está a par das coisas na Índia e que pouco você sabe sobre os mulatos do Brasil. Na literatura brasileira, já notáveis, os mulatos tiveram uma grande representação. O maior poeta nacional, Gonçalves Dias, era mulato; o músico mais habilidoso, que vem da Palestrina, José Maurício, era mulato; os grandes nomes atuais da literatura – Olavo Bilac, Machado de Assis e Coelho Neto são mulatos... Tivemos grandes jornalistas mulatos: José do Patrocínio (também romancista), Ferreira de Meneses e Ferreira de Araújo, estudiosos, engenheiros, médicos, advogados, acadêmicos, juristas, etc.

Se você quiser informações mais detalhadas, posso dar outra carta. Peço perdão por escrever errado em sua bela língua, algo que eu me forcei a fazer para explicar alguns juízos falsos a que o mundo civilizado submete os homens negros (BARRETO, 2017, p. 49-50).

Embora seu intento de iniciar um debate em nível internacional com Bouglé tenha fracassado, uma vez que não existe nenhuma referência em suas correspondências de que o sociólogo francês tenha respondido a carta, este episódio revela ao menos um hábito fundamental na formação intelectual de Lima Barreto, a intensa leitura de autores de diferentes partes do mundo que discorressem sobre temas como raça, antropologia e evolução humana.

---

<sup>43</sup> Célestin Charles Alfred Bouglé (1870 – 1940) foi um filósofo e sociólogo francês. Professor da Sorbonne, ajudou a fundar juntamente de Émile Durkheim a revista *L'Année sociologique*, em 1896. É considerado um dos mentores de Claude Lévi-Strauss.

Em sua Limana, nome que o autor dava a sua biblioteca particular<sup>44</sup>, o escritor possuía volumes de diversos lugares do mundo, posto que assinava revistas estrangeiras e encomendava livros do exterior, pois dominava o inglês e o francês, fruto de sua boa educação escolar. Em sua biblioteca, dedicava-se também aos estudos sobre raça, colecionando e guardando os ensaios que eram publicados internacionalmente em um caderno de recortes (RESENDE, 2004, p. 19).

O interesse de Lima Barreto por estes temas não se tratava de simples curiosidade isolada, mas se circunscrevia dentro de um amplo debate que dominou os círculos intelectuais brasileiros, tendo início em meados da década de 1870 e que começou a perder força nos anos 1930. No centro desta discussão estava colocada a formação do povo brasileiro e o lugar do negro neste processo, para muitos um agente causador do enfraquecimento da raça, através da mestiçagem, e do atraso da nação. Na contramão destes intelectuais, Lima Barreto, buscou entender as imagens construídas sobre as pessoas egressas da escravidão e combater estereótipos preconceituosos.

Os principais representantes destas teorias no Brasil que entendiam o negro e a mestiçagem como responsáveis pela falta de futuro do país eram Nina Rodrigues<sup>45</sup>, da Escola de Medicina da Bahia; Sílvio Romero<sup>46</sup>, da Escola de Recife; e João Batista Lacerda<sup>47</sup>, do Museu Nacional do Rio de Janeiro (SCHWARCZ, 2001, p. 24).

Segundo Luciana Murari (2007), a ideia força que norteava este debate era a concepção de evolução, entendida como o progresso das sociedades no sentido de ampliar as forças produtivas, a generalização das descobertas tecnológicas, o crescimento da racionalização e o controle sobre as forças da natureza. Assim, tem início, entre as classes dirigentes do país, um novo pensamento sobre a nação brasileira marcado pelo credo evolucionista e pela assimilação dos princípios científicos nas discussões sobre nacionalidade (MURARI, 2007, p. 28 – 29).

---

<sup>44</sup> A lista dos volumes que integravam a Limana, elaborada pelo próprio Lima Barreto, encontram-se compilados na sua já referida biografia escrita por Francisco de Assis Barbosa. Contudo, boa parte dos mais de 700 volumes foram doados pela família e se perderam. Em sua tese de doutoramento *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto* (2001), Denílson Botelho dedica o último capítulo a fazer uma análise pioneira sobre as influências intelectuais do escritor de Todos-os-Santos e sua formação política através dos livros que integravam sua biblioteca. Entretanto o historiador silencia sobre as obras que abordavam as questões referentes a raça, antropologia criminal e temas afins.

<sup>45</sup> Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906) atuou em diversas áreas como médico legista, psiquiatra e professor, sendo considerado o principal representante da antropologia criminal no Brasil.

<sup>46</sup> Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851 – 1914) crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira. Foi o fundador da cadeira de número 17 da Academia Brasileira de Letras.

<sup>47</sup> João Batista Lacerda (1846 - 1915) foi um médico e professor de antropologia do Museu Nacional (SCHWARCZ, 2001, p. 27).

Na esteira desta crença inabalável na evolução e na ciência uma amálgama de teorias e ideologias passam a serem importadas e adaptadas à realidade brasileira. Os pensadores que se debruçaram sobre a origem do homem dividiam-se em duas correntes. A linha monogenista, inspirada nas escrituras bíblicas, acreditava que a humanidade possuía uma origem única, onde os homens possuiriam gradações diferentes de evolução que iam do mais perfeito (o mais próximo do Éden) ao menos perfeito (mediante a degeneração). Com a sofisticação das ciências biológicas, surge uma nova vertente chamada de poligenista, cujos representantes afirmavam haver diversos centros de criação da humanidade, o que corresponderia às variações raciais observadas. Este viés poligenista fortaleceu uma interpretação biológica sobre os comportamentos humanos, principalmente com o surgimento da antropometria e da frenologia. Estas teorias avaliavam a capacidade humana com base no tamanho e na proporção do cérebro dos diferentes povos. Ao mesmo tempo, desenvolvia-se uma forma de quantificar as variedades do cérebro humano medindo o índice cefálico na chamada craniologia técnica. Pautados por esta pretensa cientificidade, estas correntes teóricas criavam rígidos modelos deterministas em que o corpo e os demais aspectos fisiológicos eram os fatores fundamentais para medir a capacidade dos seres humanos. As especificidades biológicas do ser humano tornam-se também a base para se entender o comportamento criminoso e as doenças mentais, tornando-os fenômenos físicos e hereditários (SCHWARCZ, 1993, p. 48 – 49).

Estas novas áreas do conhecimento reservavam aos negros os lugares mais baixos na hierarquia racial que seus discursos pretensamente científicos construía. Este estrato da sociedade era considerado menos desenvolvido intelectualmente, fadado à escravidão, propenso à criminalidade, ao alcoolismo e à loucura. No Brasil estas teorias ganhavam novos contornos. Por um lado, muitos estudiosos acreditavam que a miscigenação degenerava a raça e enfraquecia a população brasileira, sendo a responsável pelo atraso no desenvolvimento econômico e social do país. Uma outra visão mais “positiva” sobre o tema, acreditava que a miscigenação levaria o povo brasileiro ao embranquecimento e a melhoria da raça. Esta posição inclusive foi defendida por João Batista Lacerda em sua tese “Sobre os Mestiços” apresentada no Primeiro Congresso Internacional das Raças realizado em 1911, ao qual, curiosamente, o Brasil foi o único país latino-americano convidado. Em sua tese, Lacerda defende uma visão otimista de que a miscigenação levaria ao branqueamento da população em menos de um século e no espaço de três gerações. Este clareamento geral não se daria apenas no aspecto físico, mas seria também um processo moral e social (SCHARCZ, 2001, p. 27).

Embora estas teorias racialistas possuíssem ampla aceitação na sociedade brasileira, elas não eram unanimidade nos círculos intelectuais da época e Lima Barreto, por certo, não estava sozinho em sua luta contra esta ciência. Exemplo de voz dissonante deste processo, Capistrano de Abreu<sup>48</sup> era um defensor da contribuição indígena para a formação do povo brasileiro. Apesar de acreditar, tendo por base o pensamento de Spencer, que a capacidade intelectual dos povos era influenciada por aspectos físicos, Abreu acreditava que o aspecto étnico exaltado pelo racialismo fornecia explicações ilusórias sobre a sociedade brasileira e o que país não estava pronto para avaliar a contribuição de cada uma das três raças formadoras. Outro intelectual que se pôs na contramão das teorias racialistas foi Araripe Jr<sup>49</sup>. Este autor acreditava que a ciência não era uma entidade absoluta e que deveria ser compreendida de acordo com os interesses dos grupos sociais. Desta feita, o racialismo devia ser vinculado aos interesses políticos das nações, principalmente ao imperialismo europeu. No entanto, o principal crítico das teorias racialistas foi Manoel Bonfim<sup>50</sup>. Este autor questionava os fundamentos desta pretensa ciência ao negar a suposta inferioridade que era amplamente associada aos negros e indígenas. Bonfim acreditava que existia uma *luta de raças* onde uma raça tentava subjugar a outra e as teorias científicas seriam a expressão contemporânea desta luta. Assim, Manoel Bonfim afirmava que esta suposta superioridade da raça branca, de caráter hereditário segundo os teóricos racialistas, mudava de acordo com os interesses imperialistas ou nacionalistas dos países europeus (MURARI, 2007, p. 149 – 152).

Esta comprovação científica da inferioridade da população negra do país veio a somar-se aos estereótipos historicamente construídos no imaginário da sociedade brasileira ao longo de séculos de exploração, violência e trabalho compulsório. Lima Barreto buscou combater de maneira feroz os cânones científicos, assim como estas imagens geralmente atribuídas aos afrodescendentes, que serviam para reforçar estereótipos e reafirmar a inferioridade destes frente aos homens brancos. Segundo Raphael Silva (2002), no imaginário social brasileiro duas concepções gerais sobre os negros se perpetuam até o tempo presente. Relacionando-os ao trabalho braçal, a “besta de carga”, e as mulheres como criaturas dotadas de uma sensualidade exacerbada, a “máquina de prazer”. Para o referido autor, estes conceitos seriam rejeitados por Lima Barreto durante toda sua atividade literária. Em “Um especialista”, a

<sup>48</sup> João Capistrano Honório de Abreu (1853 – 1927) foi um linguista e historiador brasileiro, autor de obras como “Capítulos da história colonial (1500 – 1800)”, publicado originalmente em 1907.

<sup>49</sup> Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848 – 1911) foi um renomado crítico literário e fundador da cadeira de número 16 da Academia Brasileira de Letras.

<sup>50</sup> Manoel José Bonfim (1868 – 1932) foi um intelectual com atuação em diversas áreas como a sociologia, história, pedagogia, psicologia e medicina. Entre suas principais obras encontram-se “A América Latina” (1905), “Através do Brasil” (1910) elaborado em colaboração com o poeta Olavo Bilac, e a trilogia “O Brasil na América (1929), “O Brasil na história” (1930) e “O Brasil nação” (1931).

crítica à erotização da mulher negra é pano de fundo da história. O conto centra-se em dois amigos, o Comendador e o coronel Carvalho, que se encontravam todos os dias para conversar sobre suas experiências amorosas enquanto bebem, fumam charutos ou jogam bilhar. É nas palavras do Comendador, ao falar de suas preferências sexuais, que Lima Barreto alude a questão.

A mulata, dizia ele, é a canela, é o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria de requeime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar... É uma coisa extraordinária! Uma maravilha! Nunca vi mulata igual. Como está, filho, nem a que conheci em Pernambuco há uns vinte e sete anos (BARRETO, 2010, p. 91)!

Outra prática muito comum do período é denunciada pelo escritor neste conto: a prática de seduzir mulheres negras e depois abandoná-las, geralmente grávidas. O tema é recorrente na obra de Lima Barreto, sendo que existem inúmeras mães mulatas ou negras abandonadas em seus contos, como em “O filho da Gabriela” (BARRETO, 2010). Alice, amante mulata do Comendador, exprime toda a angústia e dificuldades pelas quais passavam estas mulheres.

Vinte e seis anos, fez ela. Fiquei órfã aos dezoito. Durante esses oito anos tenho rolado por esse mundo de Cristo e comido o pão que o diabo amassou. Passando de mão em mão, ora nesta, ora naquela, a minha vida tem sido um tormento. Até hoje só tenho conhecido três homens que me dessem alguma coisa; os outros Deus me livre deles! – só querem meu corpo e meu trabalho... Ah! Tem sido um tormento... Bem me dizia minha mãe: toma cuidado, minha filha, toma cuidado. Esses homens só querem nosso corpo por segundos, depois vão-se e nos deixam um filho nos quartos, quando não nos roubam como fez teu pai comigo... (BARRETO, 2010, p. 96)

Percebe-se, na fala de Alice, as duas concepções associadas à mulher negra para a sociedade da época, o trabalho e a luxúria. A mulher assume a triste condição de mero objeto sexual, sendo abandonada tão logo o homem tenha sido saciado. Entretanto, a situação destas mulheres tornava-se mais dramática uma vez que não possuíam os mesmos direitos das pessoas brancas. Situação que também é referida em *Clara dos Anjos*, o que evidencia assim o rebaixamento do negro e o tratamento desigual dado a essa parcela da população.

A sensualidade acentuada das afrodescendentes era lugar-comum na mentalidade do período, mas para Lima Barreto a situação se agravava com o carnaval. Isto se devia às canções desta festa, que estimulavam os estereótipos do negro lascivo. A graça e a beleza da mulata eram temas recorrentes nas composições de carnaval do final do século XIX e início

do XX. Por ser o resultado da união entre o branco europeu e o escravizado africano, pode-se inferir que sua presença nas letras das modinhas e lundus fosse uma tentativa de articular os diversos grupos étnicos, vistos como fundadores do país, no complicado dilema da construção de uma imagem para a nação (SILVA, 2002, p. 118).

Em “Cló” (2010), Lima Barreto tematiza o assunto através da personagem título do conto. Clódia é uma jovem, de idade não especificada pelo autor, que deseja se casar com um deputado, Dr. André, que frequenta o círculo de amigos do seu pai, o professor Maximiliano. O referido doutor visita a casa da família numa segunda-feira de carnaval para ver as fantasias de Cló e sua mãe. A moça, que está fantasiada de preta mina<sup>51</sup>, exibiu seus dotes ao cantar uma modinha para André.

Dona Isabel acompanhou; e a moça, pondo tudo o que havia de sedução na sua voz, nos seus olhos pequenos e castanhos, cantou a “Canção da Preta Mina”:

Pimenta-de-cheiro, jiló, quilombô;

Eu vendo barato, mi compra ioiô!

Ao acabar, era com prazer especial, cheia de dengues nos olhos e na voz, com um longo gozo íntimo que ela, sacudindo as ancas e pondo as mãos dobradas pelas costas na cintura, curvava-se para o doutor André e dizia vagamente:

Mi compra ioiô!

E repetia com mais volúpia, ainda uma vez:

Mi compra ioiô! (BARRETO, 2010, p.176)

Na atitude de Cló, Lima Barreto denuncia a fetichização da mulher negra e a banalização do comércio de pessoas. Ao pedir, de maneira lasciva, para ser comprada, a canção parece sugerir que poderia existir algo de prazeroso para a escravizada no ato de ser tratada como mercadoria, banalizando um fenômeno traumático, o comércio de escravizados, na inserção dos africanos na colonização do Brasil.

Contudo, segundo Raphael Silva, esta questão permite relativizar a posição de rebelde extremado contra a ordem burguesa a partir da qual a crítica tende a caracterizar Lima Barreto. Vivendo numa época em que o discurso médico e jurídico tinha grande preocupação em regulamentar os hábitos sexuais das chamadas classes perigosas, o escritor parece compactuar com certas posições preconceituosas sobre a vida íntima dos afrodescendentes. Ao criticar o estereótipo da mulata voluptuosa, o autor revela um certo idealismo nas relações entre homem e mulher permeado por um moralismo burguês. Algo, no mínimo, paradoxal, para um escritor tão identificado com as classes mais baixas. O que, supostamente, revela

---

<sup>51</sup> Grupo de negros oriundos da costa da Mina (África), pertencentes à etnia sudanesa.

assim as dificuldades de Lima Barreto em elaborar sua identidade e sua grande sensibilidade frente ao papel designado ao negro no discurso científico do período (SILVA, 2002, p.119).

Estes estereótipos denunciados por Lima Barreto revelam assim uma das formas de violência que a sociedade brasileira, por meio do preconceito, infligia aos negros e seus descendentes (MACHADO, 2002, p. 57). Para o escritor, a discriminação racial apenas era endossada por uma falsa ciência, como pode ser observado na crônica “Considerações oportunas”, publicada originalmente na revista *A.B.C.* em 16 de agosto de 1919.

O que se chama Ciência nesse campo da nossa atividade mental ainda não é nem um corpo homogêneo de doutrinas. Cada autor faz um poema à raça de que parece descender ou com quem simpatiza, por isso ou aquilo. Os seus dados, as suas insinuações, os seus índices, todo aquele amontoado de coisas heteroclíticas que vemos, no nosso comuníssimo Topinard, são interpretados ao saber da paixão oculta ou clara de cada dissertador...

O critério mesmo de raça não é fixo de um autor para outro: e eles se emaranham numa porção de divisões e subdivisões, segundo esta ou aquela característica, abandonando aquela ou esta indicação do corpo humano estudado...

Os senhores que se têm entregue a esses estudos de antropologia, etnografia ou que outros nomes tenham, se esquecem muito de que um grande naturalista, creio que Lineu, disse: “A natureza não tem raças nem espécies; ela só tem indivíduos”. (BARRETO, 2004, p. 583).

O texto possibilita observar a desconfiança de Lima Barreto para com os determinismos e as certezas propagadas por estas ciências ao denunciar a falta de critérios claros, as interpretações de caráter dúbio e subjetivo de antropólogos, etnólogos e outros cientistas sociais. Porém, mais do que apontar as fragilidades destas supostas ciências, o escritor busca alertar em sua crônica para as consequências e os caminhos perigosos pelos quais estes discursos estavam conduzindo as diversas sociedades.

Esses senhores que edificaram essas teorias de irremediável desigualdade de raças são tenazes e ferrenhos em remover todas as diferenças desta ou daquela natureza que possam separar o homem do macaco: mas, em compensação, são também tenazes e ferrenhos em acumular antagonismos entre os brancos e os negros. Às vezes mesmo, fazem enormes esforços para justificar, em teorias sociais, ódios de grupos humanos contra outros que, entretanto, têm diversa origem.

Nos Estados Unidos, esse ódio coletivo achou a sua aplicação no negro; como na Turquia, no armênio; como em certas partes da Rússia, no judeu.

Os linchamentos são crises agudas desse estado de espírito da população *yankee* branca que, com aquela mentalidade própria às multidões fanatizadas por isto ou aquilo, procura justificar a seus olhos e aos dos estranhos os seus atos selvagens com supostos e fanáticos atentados à honestidade das mulheres brancas, por parte dos negros (BARRETO, 2004, p. 585).

Logo, o escritor conclui que estas áreas do conhecimento, como a frenologia, a antropometria e antropologia criminal, quando aplicadas às realidades sociais dos diversos países, conduziam as populações às mais variadas formas de violência, desde a discriminação racial, até perseguições e massacres de larga escala, tais como os exemplos mencionados pelo escritor no texto (a perseguição de judeus no império de Nicolau II, o genocídio armênio na Turquia e os linchamentos da população de origem africana nos Estados Unidos).

Lima Barreto possuía verdadeira ojeriza pela nação dos *Yankees*, pois, em seu entendimento, os estadunidenses eram um povo marcado pela brutalidade, pela grosseria mercantil e pela hipocrisia protestante (BARRETO, 2004, p. 277). Seu antiamericanismo era tamanho que, por ocasião da entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial, Lima Barreto propõe que o país deveria lutar ao lado dos alemães, uma vez que estes nunca cometeram agressão ou injúria contra os povos de origem africana. Os motivos para sua contrariedade em relação aos Estados Unidos ficam claramente expressos em carta endereçada a Oliveira Lima<sup>52</sup>, em 29 de junho de 1919, em que Lima Barreto discute um artigo<sup>53</sup> que o diplomata havia escrito para a revista *A.B.C.* sobre Booker T. Washington<sup>54</sup> e Theodor Roosevelt<sup>55</sup>. Nesta missiva, Lima Barreto dá a entender que era impossível para um intelectual com sua origem étnica apoiar a influência que os norte-americanos começavam a exercer sobre a política, a sociedade e a cultura brasileiras. Sua contrariedade, subentendida na carta, surge justamente dos preconceitos e maus-tratos sofridos pelos negros norte-americanos, os linchamentos e as leis segregacionistas, que faziam com que estas pessoas tivessem espaços separados em bondes (fato que muito chocava o escritor). Conhecedor desta realidade, o escritor de Todos-os-Santos indaga Oliveira Lima

A minha intenção era perguntar-lhe, ao senhor, mais esclarecido e inteligente do que eu, mais culto e mais viajado do que eu, conhecendo bem a evolução das ideias e a sua transformação em sentimentos, a ditar atos quase automáticos – se eu, homem de cor, mulato, etc. etc., posso e devo concorrer de alguma forma para reforçar a influência ou o predomínio, no Brasil, dos Estados Unidos; e, também, se não é minha obrigação de modesto homem da pena combater de todas as maneiras essa influência? (BARRETO, 1956, p. 39)

<sup>52</sup> Manuel de Oliveira Lima (1868 – 1928) foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras. Atuou como jornalista, escritor e crítico literário. Destacou-se como diplomata, representando o Brasil em diversos países e como professor-visitante na Universidade de Harvard.

<sup>53</sup> Infelizmente não foi possível localizar o artigo em questão para análise.

<sup>54</sup> Booker Taliaferro Washington (1856 – 1915) nascido escravo, o escritor e professor norte-americano foi por muitos anos o diretor do Instituto Tuskegee, onde defendia a educação técnica dos negros em habilidades que lhes seriam úteis para tornarem-se cidadãos. No entanto, sua postura contrária a luta dos afrodescendentes pelos direitos civis o levou a angariar muitos inimigos dentro da comunidade negra.

<sup>55</sup> Theodore Roosevelt Jr. (1858-1919) foi o 26º presidente dos Estados Unidos.

Em resposta a missiva e as acusações de Lima Barreto, Oliveira Lima observa que era contrário a tais posturas dos norte-americanos e relembra o escritor que já havia defendido, dentro dos Estados Unidos, que o Brasil lidava de maneira mais satisfatória que os estadunidenses com as questões que se referiam a população negra. Certamente o diplomata aludia a sua teoria de que “o caráter nacional mais flexível do Brasil tornava possível uma solução do problema negro pelo “branqueamento”, aliás, caminho fechado, provavelmente, aos norte-americanos por causa de seus rígidos preconceitos raciais” (SKIDMORE, 1976, p. 89).

Observador atento das transformações sociais, econômicas e políticas, dos grandes debates e das ideias que circulavam em seu tempo, Lima Barreto dedicou o romance, considerado pela crítica especializada seu melhor livro do ponto de vista técnico, “Triste fim de Policarpo Quaresma” (1911) a uma questão de grande relevância nos círculos intelectuais do Brasil e dos países estrangeiros, e um dos agentes causadores da Primeira Guerra Mundial, o nacionalismo.

Lima Barreto considerava o nacionalismo e a pátria “uma ideia religiosa e de religião que morreu, desde muito” (BARRETO, 2004, p. 125). Sua concepção, que considerava impossível existir uma nação no Brasil, se devia ao fato de que os elementos constituintes das nações europeias modernas não se conformavam à realidade brasileira.

Em *Identidade Nacional* (1997), Anthony Smith separa as acepções de nação em dois modelos: o cívico ocidental, que compreende o território, pois uma nação deve possuir: um território compacto e bem definido; uma pátria com leis e instituições reguladoras que simbolizem os sentimentos políticos coletivos; e por fim uma consciência legal de igualdade entre os membros da nação, o que deve indicar um relativo número de valores e tradições comuns entre os membros desta comunidade. No sentido oposto a este modelo, existe a concepção étnica da nação que possui como características uma demasiada ênfase na comunidade de nascimento e na cultura de origem, fazendo com que a nação seja vista como uma grande família imaginada. No lugar das leis, neste modelo dá-se grande importância para a cultura vernácula. Esta vertente era inspirada no romantismo alemão do século XIX, que enfatizava a cultura nativa (o folclore, a língua, os costumes) como verdadeiro elemento que constituía a nação (SMITH, 1997, p. 44).

No que tange ao ponto de vista cívico ocidental, a pátria brasileira não tinha possibilidade de se concretizar, uma vez que o governo republicano não se configurava numa instituição que representava os sentimentos políticos coletivos. A República para Lima Barreto representava a corrupção de políticos e jornalistas, o arrivismo dos bacharéis e

aventureiros, o servilismo aos interesses estrangeiros, o empreguismo no setor público, a utilização da lei para servir aos interesses pessoais (MACHADO, 2002, p. 77). Essa decadência moral das instituições republicanas, segundo o escritor carioca, se devia à ganância capitalista da burguesia paulista, que controlava as instituições governamentais. A posição de Lima Barreto sobre a questão fica muito clara na crônica “Sobre a carestia”, publicada originalmente no jornal *O Debate* na edição de 15 de setembro de 1917, onde o escritor discorre sobre a impossibilidade de a população pobre nutrir um sentimento de irmandade patriótica com a classe que a explora.

Meditem que eles mesmos ou seus prepostos são os fabricantes das leis e, à sombra delas, estão organizando esse torpe saque à miséria dos pobres e à mediania dos remediados, sem dó nem piedade, sem freio moral, religioso, filantrópico, patriótico, cavalheiresco ou qualquer outro de qualquer natureza; e digam se podemos nós, outros, que sofremos as agruras da sua crueldade gananciosa, da sua avidez cínica, da sua imunda traficância, ter em relação a eles qualquer prisão por laços morais, religiosos, patrióticos, cavalheirescos ou outros quaisquer?

A nossa República, com o exemplo de São Paulo, se transformou no domínio de um feroz sindicato de argentários cúpidos, com os quais só se pode lutar com armas na mão. Deles saem todas as autoridades; deles são os grandes jornais; deles saem as graças e os privilégios; e sobre a Nação eles teceram uma rede de malhas estreitas, por onde não passa senão aquilo que lhes convém (BARRETO, 2004, p. 287).

O modelo cívico de nação pressupõe uma horizontalidade entre os seus integrantes, um sentimento de irmandade resguardado pelas instituições que garantem a igualdade jurídica. Porém, num país repleto de privilégios para as classes dirigentes, onde hierarquias sociais eram aprofundadas por títulos acadêmicos, cargos públicos, processos políticos fraudulentos e oligarquias estaduais que se alternavam no poder para atender aos interesses de seus grandes latifundiários, a sonhada isonomia tratava-se, para Lima Barreto, apenas de retórica. Essa inconformidade do discurso cívico com a realidade brasileira acentuava-se ainda mais quando a situação dos milhares de afrodescendentes brasileiros era considerada nesta equação. Recém-saídos de um regime de escravidão com mais de trezentos anos de exploração e violência, sofriam com as marcas profundas deixadas por este processo na sociedade brasileira. O preconceito racial, reforçado por ciências que os colocavam na posição de seres que atrasavam a nação e que estavam destinados ao banditismo e à loucura, impedia-os de integrarem-se plenamente no mercado de trabalho, de terem acesso à educação, e qualquer outro preceito básico da cidadania. Neste contexto, o discurso nacionalista pautado pela concepção de uma igualdade cívica era considerado por Lima Barreto uma ilusão.

Devaneio ou engodo são palavras que definem a visão do escritor sobre a vertente

romântica ou culturalista da nação, posicionamento que deixa muito claro em seu *Triste fim de Policarpo Quaresma*. O utópico personagem que dá nome ao livro realiza dentro da história a busca por três elementos que compõem o modelo étnico do nacionalismo, encontrar os costumes e o folclore genuinamente brasileiros, retomar a língua original do país e defender a sacralidade da terra mãe.

Policarpo Quaresma é um longo funcionário público, ocupante da posição de subsecretário dos amanuenses do Arsenal da Guerra, que vive uma rotina simples com sua irmã, mas de hábitos rigorosos. Seu único prazer, considerado uma extravagância por seus vizinhos e amigos, é dedicar-se aos estudos sobre tudo que tange ao Brasil. Após anos dedicando-se a estudar as mais variadas áreas do conhecimento como a história, a geografia, a formação natural, a literatura e a política do país, Quaresma decide usar os seus saberes para promover a melhoria da nação. Lima Barreto apresenta assim os motivos para tais inclinações de seu personagem

A razão tinha que ser encontrada numa disposição particular de seu espírito, no forte sentimento que guiava sua vida. Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa (BARRETO, 2011, p. 84).

A história começa justamente no momento em que o subsecretário começa a ter aulas de violão, com o violeiro Ricardo Coração dos Outros, que gozava de grande estima entre a sociedade suburbana, para aprender a tocar modinhas, ritmo musical que considerava genuinamente brasileiro. A empolgação de Quaresma era tamanha com o estilo musical que ele passa a afirmar que a contribuição de Coração dos Outros para a cultura nacional se equivalia ao trabalho de Frédéric Mistral<sup>56</sup> para a língua e cultura provençal. Entretanto, os esforços de Policarpo Quaresma não se limitam às modinhas, e o amanuense passa então a pesquisar outros elementos do folclore brasileiro, como histórias, brincadeiras, cantigas infantis e assim por diante. Contudo, à medida que Quaresma se aprofunda em seus estudos, vai sendo tomado por um profundo descontentamento ao perceber que “quase todas as

---

<sup>56</sup> Frédéric Mistral (1830-1914) foi um escritor francês apaixonado pela cultura provençal. Em 1854, em companhia de outros escritores, fundou uma escola literária, a Félibrige, voltada para o resgate da língua provençal enquanto língua literária. Em 1899, seus esforços levaram-no a fundar o Museu de Arles, voltado para a preservação de todas as representações do folclore provençal (GALDINO, GARCÍA, SCHWARCZ, 2011, p. 118).

tradições e canções eram estrangeiras; o próprio “Tangolomango” o era também. Tornava-se, portanto, preciso arranjar alguma coisa própria, original, uma criação da nossa terra e dos nossos ares (BARRETO, 2011, p. 113).

Desta forma, Policarpo Quaresma passa então a dedicar-se aos estudos sobre os costumes tupinambás, direcionando suas energias a elaborar um código de relações, cumprimentos, cerimônias domésticas e festas tendo por base os preceitos tupis. A partir deste momento, os hábitos extravagantes do personagem principal do livro assumem, segundo Carmem Lúcia de Figueiredo (1995), o tom exagerado, justamente para ressaltar o elemento que se quer criticar, e questionador da caricatura, porém na forma de sátira verbal (FIGUEIREDO, 1995, p. 13). A ironia e o deboche por parte de Lima Barreto podem ser observados na passagem onde seu protagonista passa a se relacionar com os outros por meio dos costumes tupis

Desde dez dias que se entregava a essa árdua tarefa, quando (era domingo) lhe bateram à porta, em meio de seu trabalho. Abriu, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho. A irmão correu lá de dentro, o Anastácio também, e o compadre e a filha, pois eram, ficaram estupefatos no limiar da porta.

– Mas o que é isso, compadre?

– Que é isso, Policarpo?

– Mas meu padrinho...

Ele ainda chorou um pouco. Enxugou as lágrimas e, depois, explicou com maior naturalidade:

Eis aí! Vocês não têm a mínima noção das coisas da nossa terra. Queriam que eu apertasse a mão... Isso não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás (BARRETO, 2011, p. 113 – 114).

No entanto, para compor este modelo romântico do nacionalismo não era suficiente prender-se à questão dos hábitos, uma vez que a língua materna é tão importante quanto os costumes tradicionais para estes discursos. Por isto, enquanto os capítulos 1 e 2 de *Triste fim de Policarpo Quaresma* são dedicados à busca do protagonista pelo folclore, os capítulos 3 e 4 abordam justamente a problemática da língua, considerada por Quaresma original do Brasil.

Os estudos de Policarpo Quaresma conduzem-no à conclusão lógica de que a língua materna brasileira só poderia vir de uma matriz indígena, o tupi-guarani. Assim, no ímpeto de contribuir para a grandeza da nação e preservar as raízes culturais do país, o subsecretário faz um requerimento à Câmara solicitando que o português, língua imposta pelos europeus, deixasse de ser o idioma oficial do país em favor do tupi-guarani. O resultado, no entanto, não poderia ser mais desastroso. Ridicularizado na Câmara, no trabalho, na imprensa e em sua vizinhança, Quaresma passa a cometer erros que o afastam da Secretária do Arsenal da

Guerra. O impacto emocional do acontecido leva-o ao devaneio e a uma internação no hospício.

A segunda parte do livro é dedicada a outro elemento fundamental na constituição da nação, a terra. Após um longo período de abatimento, ocasionado por suas desventuras com o tupi-guarani, Policarpo é novamente assaltado por seu espírito nacionalista.

Vendo-o naquele estado de abatimento, triste e taciturno, sem coragem de sair, enclausurado em sua casa de São Cristóvão, Olga dirigiu-se um dia ao padrinho, meiga e filialmente:

– O padrinho por que não compra um sítio? Seria tão bom fazer as suas culturas, ter o seu pomar, a sua horta... não acha?

– É verdade, minha filha. Que magnífica ideia tens tu! Há por aí tantas terras férteis sem emprego... A nossa terra tem os terrenos mais férteis do mundo... (BARRETO, 2011, p. 178).

Apesar de estar diante da “terra mais fértil do mundo”, o empreendimento de Policarpo Quaresma esbarra em inúmeros problemas, como o seu desconhecimento das técnicas e práticas agrícolas, o esgotamento do solo e as inúmeras pragas que assolaram suas criações e suas plantações. Entretanto, o que mais sobressaltou o ex-subsecretário é a miséria da população e as estruturas clientelísticas que dominavam as cidades interioranas. Vítima da desconfiança das lideranças políticas da cidade que escolheu para residir, crentes de que Quaresma havia se mudado para a localidade com ambições de se lançar em uma carreira pela administração pública, Policarpo passa a sofrer uma série de perseguições.

Assim como Isaías Caminha e Clara dos Anjos, o protagonista de *Triste fim* passa também por um processo de tomada de consciência. O outrora ingênuo e otimista Policarpo Quaresma passa a perceber que os problemas da nação, principalmente a pobreza dos habitantes do campo, exigiam mais do que o simples amor às coisas do país e que transformações políticas e sociais se faziam necessárias. No entanto, em meio a estas especulações mentais, Quaresma é assaltado pela notícia do estouro da Revolta da Armada<sup>57</sup> (1893-1894) e novamente assume o seu caráter caricatural ao enviar um telegrama para o presidente da República, Marechal Floriano Peixoto<sup>58</sup>.

Insuflado por seu princípio patriótico, o caricato protagonista parte para o Rio de Janeiro disposto a lutar contra os revoltosos, crendo ser este o seu dever enquanto cidadão

<sup>57</sup> Movimento armado deflagrado pela marinha brasileira na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, que exigia a renúncia do presidente Floriano Peixoto e a convocação de novas eleições seguindo a Constituição de 1891 (FAUSTO, 2012, p. 223).

<sup>58</sup> Floriano Vieira Peixoto (1839 – 1895) foi o primeiro vice-presidente da República brasileira, assumiu a presidência do país após a renúncia do também marechal Deodoro da Fonseca. Durante seu governo enfrentou uma série de revoltas nas diversas províncias brasileiras como a Revolta da Armada (1893-1894) e a Revolução Federalista (1893-1895).

amante do país. Contudo, o desenrolar dos eventos e as batalhas que Policarpo Quaresma presencia levam-no a questionar todas as ações que eram realizadas até então em nome da nação. Após o termino do conflito, Quaresma é posto no comando da ilha das Enxadas, local onde estavam colocados os prisioneiros derrotados na revolta. Indignado por presenciar a condução de alguns presos para outra ilha onde seriam executados, o antigo subsecretário redigi uma carta ao presidente com críticas veementes quanto aos procedimentos das tropas vencedoras.

Taxado de traidor, Policarpo Quaresma é conduzido junto de outros prisioneiros à mesma ilha para ser executado, e nos instantes em que se encontra mais próximo de encontrar seu triste fim passa a refletir sobre o caminho que o levava até ali e os remorsos que carregava por ter empreendido tanto tempo e esforço para ajudar no desenvolvimento do país. Lima Barreto coloca na última elucubração de seu personagem algumas das ideias que possuía a respeito dos engodos do nacionalismo.

Desde os dezoito anos que o tal patriotismo o absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem...

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio de seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia...

E, bem pensando, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a pátria? Não teria levado toda a sua vida norteado por uma ilusão, por uma ideia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma Deusa cujo império se esvaía?

Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos, sendo francês, inglês, italiano, alemão, podia sentir a pátria?

Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista (BARRETO, 2011, p. 349 – 350).

Logo, é perceptível que, para Lima Barreto o nacionalismo, tanto em seu viés romântico como cívico ocidental, constituía-se numa quimera, uma ilusão que só existia no discurso, uma ideia que conduzira até então os homens a violências históricas e que não possuía nenhuma base minimamente racional. Porém, o destino do trágico Policarpo Quaresma revela outra característica do governo republicano que possuía a atenção de Lima Barreto, o autoritarismo e a violência do Estado.

Compreende-se aqui o conceito de regime autoritário de acordo com a formulação de Juan Linz (2015), o qual defende que estes

“são sistemas políticos com um pluralismo político limitado, não responsável; sem uma ideologia elaborada e enformadora (mas com uma mentalidade peculiar); carentes de uma mobilização política intensa ou

extensa (exceto em alguns pontos de sua evolução), e nos quais um líder (ou quanto muito, um grupo reduzido) exerce o poder dentro de limites formalmente mal definidos, mas na realidade bastante perceptíveis. (LINZ, 2015, p. 18)

Entretanto, é importante salientar que não se pretende afirmar que a República Oligárquica constituiu um regime autoritário. Ainda que o poder político, em nível nacional, tenha se restringido às elites paulistas e mineiras, estes grupos não chegaram a exercer o controle total da nação. Isto explica-se primeiro pela organização em torno do federalismo da Constituição de 1891, que garantia às províncias uma relativa autonomia. Segundo, por causa do próprio acordo da política dos governadores que reforçava esta autossuficiência das províncias, desde que os governantes locais apoiassem as elites paulistas e mineiras nas eleições nacionais. Por fim, não havia o interesse destas oligarquias em um projeto de domínio ou integração da nação. Seu objetivo era perpetuar-se no poder para promover políticas que valorizassem a produção de seu artigo mais lucrativo, o café.

Logo, o que se formou na Primeira República foi um regime de cariz autoritário e os aspectos que conferem este caráter são o pluralismo político limitado, a cooptação de lideranças e a ausência de mobilização política da população.

Embora a Constituição de 1891 tivesse como garantia a liberdade de associação e reunião e o direito ao voto, as elites cafeicultoras de Minas Gerais e São Paulo lançaram mão de uma série de instrumentos para controlarem o processo político. Os coronéis, principais líderes nos âmbitos municipais e estaduais, tiveram papel fundamental para reduzirem os riscos de derrotas dos candidatos dos grupos dirigentes nas eleições. Segundo Linz, nos regimes autoritários a “cooptação de líderes é um processo constante através do qual diferentes setores ou instituições se tornam participantes do sistema” (LINZ, 2015, p. 21).

Com uma série de medidas institucionalizadas pelo clientelismo, as elites republicanas negavam o acesso de outros grupos, que não estivessem ligados a seus interesses, a uma disputa real por cargos políticos. O processo eleitoral era transformado num verdadeiro teatro, uma vez que o governo se valia do uso irrestrito da máquina pública para controlar todo o desenrolar do processo, assim como seu resultado. Diante disto, o pluralismo político, mais do que limitado, conformava-se em jogo de cena.

Quanto à mobilização política da população e o exercício da cidadania, a República brasileira parece ter sido fundada em meio à apatia do povo. Citando Aristides Lobo, José Murilo de Carvalho (1987) afirma que a população do Rio de Janeiro assistiu ao processo de instauração do novo regime “bestializada”, acreditando estar diante de uma parada militar. O

desinteresse das classes mais baixas pelo processo político foi incentivado pelas elites dirigentes, uma vez que estas acreditavam que permitir aos egressos da escravidão que participassem das decisões públicas através do voto levaria ao caos social. Deste modo, ainda que se tenha posto fim ao voto censitário, a Constituição de 1891 restringiu o acesso ao voto as pessoas que eram alfabetizadas. Ou seja, em torno de 80% da população brasileira da época ficava assim legalmente excluída do processo político.

No entanto, não bastava negar o direito ao voto, era necessário controlar estas “classes perigosas” na expressão de suas vontades para que o país não se perdesse em uma anarquia social, de acordo com essa concepção. Este controle se dava através de um aparelho repressivo que utilizava indiscriminadamente a violência, que se manifestava no preconceito contra negros e imigrantes. Era, ainda, pautado por uma “ciência” que circunscreve arquétipos sociais a criminosos em potencial e na repressão de toda forma de manifestação social. A criminalização da capoeira, entre outras manifestações da cultura popular, revela também uma visão discriminatória sobre a população do país (RESENDE, 2003, p. 102).

Para Lima Barreto, o autoritarismo republicano não era formado por um grande aparelho repressivo, mas se revelava justamente nas ações mais cotidianas, por meio de suas instituições repressoras, como a polícia. Exemplo disto é um caso que relata na crônica “O ‘muambeiro’”, publicada originalmente na revista *Careta* em 7 de agosto de 1915. No texto em questão, Lima Barreto conta que, diariamente, enquanto esperava o bonde para dirigir-se ao trabalho, era abordado pelas pessoas mais humildes do seu bairro em busca de conselhos ou ajuda para que lhes conseguisse emprego. Um dia fora abordado na sua esquina por um homem que lhe contou sua desventura com a administração municipal. Operário desempregado, de ofício não especificado, o tal homem resolvera utilizar os frutos de um sítio que possuía para remediar a difícil situação em que se encontrava

Este ano foi particularmente abundante em laranjas e o nosso homem teve a feliz ideia de vendê-las. Vendo, porém, que os compradores na porta não lhe davam o preço devido, tratou de valorizar o produto, mas sem empréstimo a 30%.

Comprou um cesto, encheu-o de laranjas e saiu a gritar:

– Vai laranja boa! Uma a vintém!

Foi feliz e pelo caminho apurou uns dois mil-réis.

Quando, porém, chegou a Todos os Santos, saiu-lhe ao encontro a lei, na pessoa de um guarda municipal:

– Quedê a licença!

– Que licença?

– Já sei, intimou o guarda. Você é “muambeiro”. Vamos para a agência.

Tomaram-lhe o cesto, as laranjas, o dinheiro e, a muito custo, deixaram-no com a roupa do corpo (BARRETO, 2004, p 224-225).

Isto era fruto, na sua concepção, de uma classe política que não estava interessada em resolver os problemas da população. O escritor acreditava que os políticos brasileiros tinham “por fim fazer a vida incômoda e os povos infelizes; e os seus partidos têm por programa um único: não fazer nada de útil” (BARRETO, 2004, p. 358). A ditadura que se vivia já não era mais o regime policialesco dos militares, mas a autocracia de uma burguesia de todos os matizes como banqueiros, especuladores da bolsa, donos de fábrica que impunham sua vontade e coagiam o governo a defender os seus interesses em detrimento das necessidades da população, dos operários e dos empregados.

No entanto, o símbolo máximo da tirania burguesa para Lima Barreto eram as reformas urbanas, o já referido processo da Regeneração. Isto se deve, principalmente, ao caráter excludente deste processo de alinhamento do Brasil à modernidade europeia. As benesses da *Belle Époque* estavam restritas a um seleto grupo da sociedade brasileira. Isto fez com que se acentuassem a miséria e as desigualdades sociais, pois o preço destas transformações foi pesado e pago pelas classes baixas. Sem direito a quaisquer indenizações para os despejados e suas famílias, não houve qualquer providência por parte do governo para realocá-los. Para a entusiasmada imprensa era a “Regeneração”, mas para os atingidos era a ditadura do “bota-abaixo” (SEVCENKO, 1998, p. 23).

Neste período verifica-se uma migração das elites para as regiões mais ao sul da cidade, onde poderiam afastar-se da promiscuidade das ditas “classes perigosas”, que habitavam antigas residências distintas que se transformaram em casas de cômodos. Os bairros refinados da Zona Sul carioca estabeleciam os sonhos de civilização das elites agora aburguesadas, providenciando espaços residenciais privados, homogêneos e articulados com as grandes obras públicas da área central. Enquanto isso, os desabrigados viam-se diante de duas opções, viverem em hotéis baratos ou subirem os morros.

Nestes hotéis, também conhecidos como “zungas”<sup>59</sup>, famílias inteiras alugavam esteiras no chão, alinhadas lado a lado, e dormiam em condições subumanas. A falta de opções de moradia fizera com que se cobrasse preços abusivos por estes espaços. Aglomerados e entupindo as casas de cômodos, podiam se encontrar carroceiros, homens de

---

<sup>59</sup> Em seu livro de crônicas sobre o cotidiano do Rio de Janeiro, *A alma encantadora das ruas* (1908), o jornalista João do Rio deixou um relato impressionante sobre o cotidiano destas habitações. No texto intitulado “Sono calmo”, o cronista narra uma batida policial que acompanhou em uma destas “zungas” e observa: “Completamente nua, a sala podia conter trinta pessoas, à vontade, e tinha pelo menos oitenta nas velhas esteiras atiradas ao soalho. Os fregueses dormiam todos – uns de barriga para o ar outros de costas, com o lábio no chão negro, outros de lado, recurvados como arcos de pipa. Estavam alguns vestidos. A maioria inteiramente nua, fizera dos andrajos travesseiros... Grande parte desses pobres entes fora atirada ali, no esconderijo daquele covil, pela falta de fortuna. Para se livrar da polícia, dormiam sem ar, sufocados, na mais repugnante promiscuidade...” (RIO, 2012, p. 155).

ganho, catraieiros, caixeiros de bodegas, lavadeiras, costureiras de baixa freguesia, mulheres de vida reles, etc. Estes casarões tinham seus muitos andares divididos e subdivididos por incontáveis tapumes de madeira, incluindo os vãos do telhado entre a cobertura velha e apodrecida. Às vezes não se dispunha nem das divisões de madeira, então sacos de aniagem estendidos verticalmente cumpriam o papel de separar, porém quase permitindo a vida em comum (ROCHA, 1995, p.84).

Aos que não dispunham de condições financeiras para alugarem uma esteira nestes estabelecimentos, restava a opção de juntarem caixotes de mercadorias e folhas de zinco sobradas na região do porto e subirem os íngremes morros para construir improvisadas moradias. A gênese das favelas possuía uma curiosa simbiose com as reformas da cidade. Os escombros das demolições forneciam aos desabrigados os materiais para a construção de seus barracos. Diferentemente da perseguição que houve as casas coletivas, as favelas foram recebidas com certa tolerância. Os precários barracos se disseminaram rapidamente pela cidade, ocupando inclusive aqueles espaços que a elite havia escolhido para viver em boa vizinhança, arruinando os sonhos da gestão Rodrigues Alves. A maior parte das favelas da Zona Sul e do centro do Rio de Janeiro surgiram ao mesmo tempo em que se desenvolviam as grandes demolições e expulsões. Em 1907, já havia referências à existência de barracos no morro da Babilônia, em seguida surgiram as favelas do Salgueiro e da Mangueira, ambas em 1909. Entretanto, a intenção de civilizar os convívios e discipliná-los através do domínio das habitações e das vizinhanças não obteve sucesso nem na capital do país. O crescimento da população favelada evoluía em meio aos bairros ornados por palacetes, marcando a paisagem e solapando os desejos da elite de enxotar as vizinhanças empobrecidas. O insucesso de se formar vizinhanças homogêneas no Rio de Janeiro estabelecia-se simultaneamente em que fortunas do patrimônio público eram designadas justamente para se expulsar as habitações populares do centro da cidade (MARINS, 1998, p.156).

As arbitrariedades cometidas em nome da Regeneração revelam para Lima Barreto o caráter despótico do governo republicano, que possuía uma visão deturpada sobre a administração, uma vez que concentrava suas atenções nos problemas e nos lugares errados. Ao invés de atender as demandas de sua população mais carente, dedicava-se a embelezar a cidade para atender às aspirações da burguesia nacional. Suas críticas a este processo estão presentes em uma série de crônicas, como a que foi publicada na edição de 19 de março de 1921 da revista *Careta*, intitulada “Leitura de jornais”.

Não há dúvida alguma que o embelezamento das cidades sobreleva as

questões de higiene e de assistência que elas também reclamam. É isto que se tem visto em toda a parte, principalmente nas capitais de tiranos asiáticos...

Essa regra geral das administrações asiáticas obedece a certo critério de origem divina, em que se estatui que o senhor e os senhores têm direito a tudo; e os restantes, no máximo, à vida, e são obrigados a pagar impostos para gáudio daqueles outros.

Com o advento da democracia nos países de origem europeia, especialmente no nosso, depois da proclamação da república, essa regra asiática tem sido mais ou menos obedecida, com o caráter cenográfico, que nos é próprio (BARRETO, 2004, p. 337).

Lima Barreto passa a narrar então com grande ironia a revolta do excelente *O Jornal* com o fato de a prefeitura não haver construído um *stadium* no Leblon. Entretanto, o escritor ressalta que, para amenizar este problema, já existiam os “magníficos” *repoussoirs* na Favela, no Salgueiro e no Nheco, assim como em muitos outros morros cariocas. No mesmo tom jocoso, Lima Barreto traz então as descrições, feitas pelo jornal *O Dia*, destas “maravilhas” arquitetônicas que não custaram nada à prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, afirmando que nestas localidades “encontram-se extensos aldeamentos de casas construídas com folhas de latas de gasolina, ripas de caixas de batata e caixões de automóveis” (BARRETO, 2004, p. 338).

Diante da realidade do país que se apresentava diante de seus olhos, Lima Barreto observa uma república que preocupava-se apenas em atender às demandas de suas oligarquias regionais; que é incapaz de se conformar em nação justamente por sua falta de soberania popular na forma como está organizada politicamente; que não só tratava de afastar o povo do sistema representativo, como buscava controlá-lo de maneira autoritária e violenta; e para realizar este controle utilizava-se de uma base ideológica e científica que legitimavam preconceitos e brutalidades contra as classes mais baixas da sociedade da época. Frente a este cenário, o escritor conclui que, embora não fosse monarquista, também não nutria grandes amores pela república.

Uma vez que não se identificava com a monarquia e muito menos com a república, Lima Barreto encontra no anarquismo a solução para as questões mais urgentes que assolavam a nação, embora sua militância tenha sempre se restringido à sua atuação literária. A aproximação do escritor carioca com o maximalismo ou anarquismo não se deu por moda ou cisma intelectual, mas sim por uma profunda observação da realidade social que o circunda. Suas dificuldades financeiras e as agruras de seus vizinhos suburbanos, frente à carestia, servem de base para as suas inclinações políticas e propostas que passa a formular para o país. Atribuindo aos capitalistas que se dedicavam as atividades especulativas a culpa pelos altos preços dos gêneros de primeira necessidade para a população, Lima Barreto passa

a defender publicamente e com afincos o direito de greve e a simpatizar com a Revolução Russa (BOTELHO, 2001, 137).

O anarquista era, na visão de Lima Barreto, a contraposição do burguês, enquanto este era mesquinho, egoísta e vil, ignorante no que toca às dores do restante da humanidade. O anarquista por sua vez falava “da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano, e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas” (BARRETO, 2004, p. 113).

O individualismo burguês era a causa de toda a miséria do povo, um espírito arrivista que emanava da elite de São Paulo e contaminava toda a nação, deteriorando inclusive o governo, que deveria legislar em prol da população, mas ao invés disso atuava no sentido de atender à voracidade insaciável dos políticos paulistas. O crescimento econômico deste estado, segundo Lima Barreto, era pautado na premissa de tornar os ricos mais ricos, às custas dos pobres que se tornavam cada vez mais pobres. Todas estas denúncias, dentre muitas outras, são realizadas pelo literato em sua crônica “No ajuste de contas...”, publicada originalmente na revista *A.B.C.* em 11 de maio de 1918, onde avalia os problemas econômicos do país e como as soluções propostas pelo governo sempre apunhalavam mortalmente os mais pobres. As formulações de Lima Barreto para solucionar estas questões, apresentadas na mencionada crônica, levaram o texto a ser chamado por seus contemporâneos de Manifesto Maximalista, por seu caráter revolucionário. O escritor propõe que as apólices e títulos que oneravam o Estado brasileiro tivessem seus pagamentos suspensos. No entanto outras medidas possuíam cunho mais progressista.

Outra medida que se impõe, é o confisco dos bens de certas ordens religiosas, bens que representam dádivas e ofertas da piedade, ou quer que seja, de várias gerações de brasileiros e agora estão em mãos de estranhos, porque os nacionais não querem ser mais frades. Voltem à comunhão os bens...

Um governo enérgico e oriundo do povo que surgir tem o dever de confiscar esses bens, de retalhar as suas imensas fazendas, de aproveitar os seus grandes edifícios para estabelecimentos públicos e vender, assim como as terras divididas, os prédios de aluguel que essas ordens possuem, em hasta pública...

Uma das mais urgentes medidas do nosso tempo é fazer cessar essa fome de enriquecer característica da burguesia que, além de todas as infâmias que, para tal, emprega, corrompe, pelo exemplo, a totalidade da nação...

Todas estas medidas têm caráter financeiro, sem deixar de ter social; mas, a que me parece, mais urgente, é uma reforma radical do casamento, medida puramente social...

Muitas outras medidas radicais me ocorrem, como sejam: uma revisão draconiana nas pensões graciosas, uma reforma cataclísmica no ensino público, suprimindo o “doutor” ou tirando deste a feição de brãmane do código Manu, cheio de privilégios e isenções; a confiscação de certas fortunas, etc, etc...

Terminando este artigo que já vai ficando longo, confesso que foi a revolução

russa que me inspirou tudo isso (BARRETO, 2004, p. 340 – 342).

Implementar transformações políticas, econômicas e sociais no Brasil inspiradas na Revolução Russa (1917) era o caminho que Lima Barreto acreditava que o país deveria trilhar na busca da redenção por todos os erros e injustiças que haviam sido cometidos até então, principalmente pelos governos republicanos. Faltas estas que tinham resultado em grande sofrimento para a população, e que lhe custavam particularmente caro. O preço pago por ele, Lima Barreto, foi ver seu talento e todos os seus sonhos serem solapados por uma estrutura social arcaica, recheada de preconceitos de classe e de cor, e uma conjuntura política decrépita. Esta revolução viria talvez para cumprir as promessas de igualdade que foram ignoradas pela República, permitindo que todos os homens fossem julgados não por fatores biológicos, como o tamanho do seu cérebro ou a cor de sua pele, que condenavam grande parcela da população a lugares sombrios dentro da ordenação social, mas que todas as pessoas fossem avaliadas por seus reais valores.

## Conclusões

A fortuna crítica da produção literária de Lima Barreto desenvolveu-se de maneira paulatina ao longo da segunda metade do século XX, o que torna compreensível a reação exaltada de Francisco de Assis Barbosa a cada nova edição de sua biografia sobre o escritor, sempre que encontrava novos trabalhos publicados ao redor do mundo que tratavam da vida e obra de Lima Barreto. Por ocasião do centenário de seus romances mais famosos, “Recordações do escrívão Isaías Caminha” e “Triste fim de Policarpo Quaresma”, nos anos de 2009 e 2011, muito pouco ou praticamente nada foi dito a respeito. Sintomas de que o reconhecimento que tanto almejava em vida não foi alcançado pelo escritor que merecia melhor sorte e um lugar de maior destaque por sua importante contribuição à literatura brasileira.

Nos últimos anos, porém, está situação tem se alterado com algumas celebrações e homenagens justas à obra de Lima Barreto, como a recebida na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) no ano de 2017. No campo acadêmico, pode-se observar um crescimento, na última década, no número de dissertações e teses sobre a trajetória do escritor, principalmente nas ciências humanas. Fato este que leva ao questionamento: o que tem Lima Barreto a dizer para historiadores, cientistas sociais e outros pesquisadores das Humanidades?

Talvez a resposta não esteja tão somente no retrato condensado que o escritor pintou da Primeira República em seus diversos textos, material de grande validade para a interpretação de historiadores, e a explicação para tal pergunta encontre-se muito mais no contexto político e social vivido pelos brasileiros na contemporaneidade. Não se trata aqui, obviamente, de se incorrer em anacronismos ou afirmações exageradas de que o Brasil em nada evoluiu desde o período vivido por Lima Barreto.

Mas, pensando-se nas práticas próprias do trabalho de pesquisa historiográfica, o argumento que aqui se expõe calca-se na concepção de que o historiador busca no passado as respostas para os problemas do presente. Evoca também o conceito de longa duração de Fernand Braudel para entender certas heranças culturais que estão arraigadas na mentalidade da sociedade brasileira e vale-se da explicação de Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo que possibilita também compreender a questão:

Na história social brasileira, os passos de mudança e renovação foram sempre atrelados à mesmice do passado. Sobre os alicerces conservadores se erguem os novos ideais, porém tão precariamente instalados que por si sós não se

sustentam, garantindo, apenas, a aparência de novo (moderno) ao velho.  
(FIGUEIREDO, 1995, p. 16)

Neste sentido, basta navegar alguns minutos por alguma rede social para encontrar uma discussão acalorada sobre a prática que era tão execrada por Lima Barreto, a “mania de doutor”. São longos debates que invocam até leis promulgadas pelo imperador D. Pedro I para que se justifique ou não o uso de tal titulação por médicos e advogados, num longo esperneio que não permite que venha a morrer o que o escritor chamava de República de Bacharéis.

No entanto, seria prazeroso que os problemas do país se resumissem ao nível anedótico, mas não é o que se conforma na realidade e a missão de Lima Barreto tem se mantido mais viva do que nunca. No campo político, os inúmeros casos de corrupção; o uso da máquina pública em benefício próprio; as verdadeiras dinastias familiares que se instalaram em alguns estados da federação há décadas; os fartos salários da classe política; os desnecessários auxílios (terno, saúde, educação, moradia) de valores nababescos; a falta de punição a parlamentares e membros da administração pública quando estes faltam com a ética no desempenho de suas funções; tudo isso tem gerado na população um sentimento de impotência e desilusão com a democracia representativa. Transformado em espetáculo midiático pela imprensa, o cotidiano dos bastidores de Brasília leva uma grande parte do povo a acreditar, como já denunciava Lima Barreto, que os servidores públicos eleitos na verdade possuem os privilégios das castas superiores indianas ou de sultões asiáticos. A cada votação ou movimentação dentro da Câmara, a classe política parece repetir, através de suas atitudes, as palavras de Fuas Bandeira, personagem de “Numa e Ninfa”, que exclama sobre as questões políticas do país “O povo! O povo! Que tem o povo com estas questões?” (BARRETO, 2017, p. 68).

Desorientado, este mesmo povo clama por uma solução, mesmo que ela seja de viés autoritário. Parece imitar as viúvas do referido “Numa e Ninfa”, que atribuíam aos militares qualidades como honestidade, ética e capacidade intelectual superiores aos políticos normais. Como se a farda por si só conferisse magicamente a estas pessoas estes atributos.

Após décadas, mal disfarçado sob um discurso de democracia racial construído nos anos 1930, o racismo que fora tão arduamente combatido por Lima Barreto parece ter criado coragem para sair dos porões da sociedade e exibir-se aos olhos de todos. Este processo revelou novamente os estereótipos atribuídos à população negra pelo imaginário da sociedade brasileira.

Exemplo claro disso foram as medidas adotadas na década passada pelo governo federal para reduzir o abismo educacional que existia entre as parcelas negra e branca da população ao criar as cotas raciais para o ingresso nas universidades federais. A medida causou grande furor na sociedade, e os grupos que estavam habituados a frequentar estes espaços reagiram com violência, alegando que as pessoas negras e os indígenas, também beneficiados pelo programa, “não pertenciam àquele lugar” ou “estavam roubando a vaga de uma pessoa branca”. Este tipo de argumento traz à tona a imagem da “besta de carga” atribuída aos afrodescendentes, uma vez que se concebe que uma pessoa negra não pertence ao espaço acadêmico, acredita-se que o seu papel dentro da sociedade é desempenhar trabalhos braçais e não intelectuais.

A mulher negra enfrenta um número opressivo de estigmas na sociedade brasileira. Silenciada nas mídias, o modelo de beleza reproduzido pelas produções audiovisuais atribui sempre beleza ao padrão de mulher europeia. A menos que se ligue a televisão às vésperas do carnaval, atividade cultural historicamente ligada à população negra, quando é possível ver uma mulher negra sambando em trajes sumários ou apenas pinturas, sendo claramente vendida como objeto de desejo sexual. Novamente, evoca-se a imagem da “máquina de prazer” que tanto feria a sensibilidade de Lima Barreto, principalmente nas marchinhas de carnaval que irritavam o escritor. Este discurso apresenta graves consequências na vida das mulheres negras, algo que tem se revelado nas pesquisas que crescem exponencialmente sobre a solidão desta faixa da sociedade. Vendidas pela mídia como pessoas de uma sensualidade exacerbada, estas mulheres são colocadas como segunda opção e sofrem uma enorme dificuldade para se estabelecer romanticamente enquanto casadas. O número de mulheres negras que chefiam famílias sozinhas é muito maior do que o de mulheres brancas, por inúmeros motivos como abandono dos maridos, relações extraconjugais; ou talvez sejam vítimas de especialistas em seduzir mulatas como o Comendador de Lima Barreto, que após saciar sua lascívia abandona-as.

O racismo impacta negativamente a vida dos afrodescendentes brasileiros de maneira agressiva, traduzindo-se em poucas oportunidades de emprego formal, menores salários, nos números da violência policial, onde um negro tem 80% mais chances de ser agredido por oficiais da lei do que uma pessoa branca, ou na violência em geral uma vez que, segundo estatísticas recentes, a cada 23 minutos um negro é assassinado no Brasil. Do ponto de vista do Atlântico negro, a vida dos afrodescendentes na nação *yankee*, execrada por Lima Barreto, também tem sido marcada por sofrimentos semelhantes, apesar de todas as conquistas obtidas através da luta pelos direitos civis ao longo do século XX. Em notícia amplamente divulgada

em 2016, por exemplo, foi noticiado que os Estados Unidos possuíam mais negros presos no sistema carcerário do que escravizados vivendo no país ao longo do século XIX.

Este panorama faz com que seja fundamental compreender a trajetória de rebeldia de Lima Barreto, que se colocou na contracultura de uma sociedade elitista, afetada por estrangeirismos e fortemente permeada de preconceitos, principalmente raciais. Assim, com um crescente número de historiadores, cientistas sociais e críticos literários prestando atenção as admoestações que o escritor nos deixou em seus livros, talvez nós consigamos nos livrar dos males de nosso país e deixemos de viver como os habitantes da Bruzundanga.

## Referências

- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BARRETO, Lima. **Diário íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- \_\_\_\_\_. **Correspondência**: Tomo II. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- \_\_\_\_\_. **Um longo sonho de futuro**: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Diário íntimo**: fragmentos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- \_\_\_\_\_. Considerações oportunas. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, RACHEL. **Lima Barreto: Toda crônica (1890 – 1919)**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- \_\_\_\_\_. Sobre o desastre. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, RACHEL. **Lima Barreto: Toda crônica (1890 – 1919)**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- \_\_\_\_\_. O patriotismo. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, RACHEL. **Lima Barreto: Toda crônica (1890 – 1919)**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- \_\_\_\_\_. Sobre a carestia. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, RACHEL. **Lima Barreto: Toda crônica (1890 – 1919)**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- \_\_\_\_\_. O “muambeiro”. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, RACHEL. **Lima Barreto: Toda crônica (1890 – 1919)**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- \_\_\_\_\_. Tenho esperança que... In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, RACHEL. **Lima Barreto: Toda crônica (1890 – 1919)**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- \_\_\_\_\_. Palavras de um snob anarquista. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, RACHEL. **Lima Barreto: Toda crônica (1890 – 1919)**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- \_\_\_\_\_. No ajuste de contas. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, RACHEL. **Lima Barreto: Toda crônica (1890 – 1919)**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- \_\_\_\_\_. Leitura de jornais. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, RACHEL. **Lima Barreto: Toda crônica (1919 - 1922)**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Diário do hospício e O cemitério dos vivos**. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- \_\_\_\_\_. Como o “homem” chegou. In: SCHWARCS, Lilia M. (org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Esta minha letra. In: SCHWARCS, Lilia M. (org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Três gênios da secretaria. In: SCHWARCS, Lilia M. (org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Manoel de Oliveira. In: SCHWARCS, Lilia M. (org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. O pecado. In: SCHWARCS, Lilia M. (org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Dentes negros, Cabelos Azuis. In: SCHWARCS, Lilia M. (org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Um especialista. In: SCHWARCS, Lilia M. (org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Cló. In: SCHWARCS, Lilia M. (org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Penguin, 2011.

\_\_\_\_\_. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

\_\_\_\_\_. **Clara dos Anjos**. São Paulo: FTD, 2016.

\_\_\_\_\_. Apresentação da revista Floreal. In: RESENDE, Beatriz (org.). **Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. O futurismo. In: RESENDE, Beatriz (org.). **Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. Problema Vital. In: RESENDE, Beatriz (org.). **Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. **Numa e Ninfa**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. Literatura e Política. In: RESENDE, Beatriz (org.). **Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. **A Primavera de Sangue: a cidade do Rio de Janeiro na batalha eleitoral de 1910**. Dimensões, vol. 27, 2011, p. 115-128. Disponível em < [www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/2586/2082](http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/2586/2082) >. Acesso em: 15 jun 2019.

BOSI, Alfredo. **Pré-modernismo: A literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1968.

\_\_\_\_\_. O cemitério dos vivos: testemunho e ficção. In: BARRETO, Lima. **Diário do hospício e O cemitério dos vivos**. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

BOTELHO, Denílson. **Letras Militantes: história, política e literatura em Lima Barreto**. Tese. Departamento de história do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CARMO, José Carlos M. do. **Uma leitura benjaminiana da narrativa de Lima Barreto**. Tese. Programa de pós-graduação em literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, José Luiz Pereira da. Sobre W. E. B. Du Bois. In: **As almas da gente negra**. São Paulo: Editora Lacerda, 1999.

COSTA, Angela M. e SCHWARCS, Lilia M. **1890 – 1914: No tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Um mulato no reino de Jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto**. São Paulo: Cortez, 1981.

DOMINGUES, Petrônio. O Recinto Sagrado: educação e antirracismo no Brasil. In: GOMES, Flávio e DOMINGUES, Petrônio. **Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

DU BOIS, Willian E. B. **As almas da gente negra**. São Paulo: Editora Lacerda, 1999.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

FIGUEIREDO, Carmem L. N. **Lima Barreto e o fim do sonho republicano**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, 2012.

GOMES, Flávio e DOMINGUES, Petrônio. **Experiências da emancipação: Biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890 – 1980)**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo na cultura política brasileira**. Braudel Papers. São Paulo: Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, 1999.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

KONSTAN, David. Ressentimento: História de uma emoção. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LINZ, Juan. **Autoritarismo e democracia**. Lisboa: Livros Horizonte, 2015.

LOBATO, Monteiro. Uma proposta de editor. In: BARRETO, Lima. **Um longo sonho de futuro**: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto**: um pensador social na Primeira República. Goiânia: Ed. Da UFG; São Paulo: EDUSP, 2002.

MARINS, Paulo César G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**: República, da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MONTEIRO, Pedro M. e SCHWARCZ, Lilia M. **Sérgio com Lima**: um encontro inusitado em meio aos modernismos. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 36, nº 73, 2016. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472016v36n73-004> >. Acesso em 05 jan 2019.

MORAIS, Régis de. **Lima Barreto**: o elogio da subversão. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica**: ciência e nacionalidade no país d'Os Sertões. São Paulo: Annablume, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sob o tênue véu da ficção**: três eventos da história brasileira nos romances de Coelho Neto. Navegações v. 4, n. 1, p. 26-39, jan./jun. 2011. Disponível em < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/9435> >. Acesso em 04 ago 2019.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Lutas africanas no mundo e nas Américas. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **A matrís africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NEDEEL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Cor e inconsciente. In: KON, Noemi M.; SILVA, Maria L. da; ABUD, Cristiane C (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil**: Questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e Oligarquias (1889 -1934)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PRADO, Antonio Arnoni. Apresentação. In: BARRETO, Lima. **Numa e Ninfa**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: BARRETO, Lima. **O subterrâneo do Morro do Castelo**. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.

\_\_\_\_\_. Sonhos e mágoas de um povo. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, RACHEL. **Lima Barreto: Toda crônica (1890 – 1919)**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

RESENDE, Maria E. L. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de A. N. (orgs.). **O Brasil republicano (vol. I)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ROCHA, Oswaldo Porto. **A era das demolições**. Rio de Janeiro: Secretária Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1995.

SANTOS, Affonso Carlos Marques (org). **O Rio de Janeiro de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983.

SCHEFFEL, Marcos Vinícius. **Estações de passagem da ficção de Lima Barreto**. São Paulo: Annablume; Manaus: Fapeam, 2012.

SCHELER, Max. **Ressentiment**. Milwaukee: Marquette University Press, 1998.

SCHWARCZ, Lília M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

\_\_\_\_\_. Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil República. In: SCHWARCS, Lília M. (orgs.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil: República, da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SILVA, Hécio Pereira da. **Lima Barreto: escritor maldito**. Rio de Janeiro: Gráfica do M.A.F.C., 1976.

SILVA, Raphael F. A. M. da. **A Moléstia da cor: A construção da identidade social de Lima Barreto (1881 – 1922)**. Dissertação. Departamento de história do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SMITH, Anthony D. **Identidade Nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

WEBER, Max. Sociologia. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1979.

WISSENBACH, Maria Cristina C. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil: República, da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)